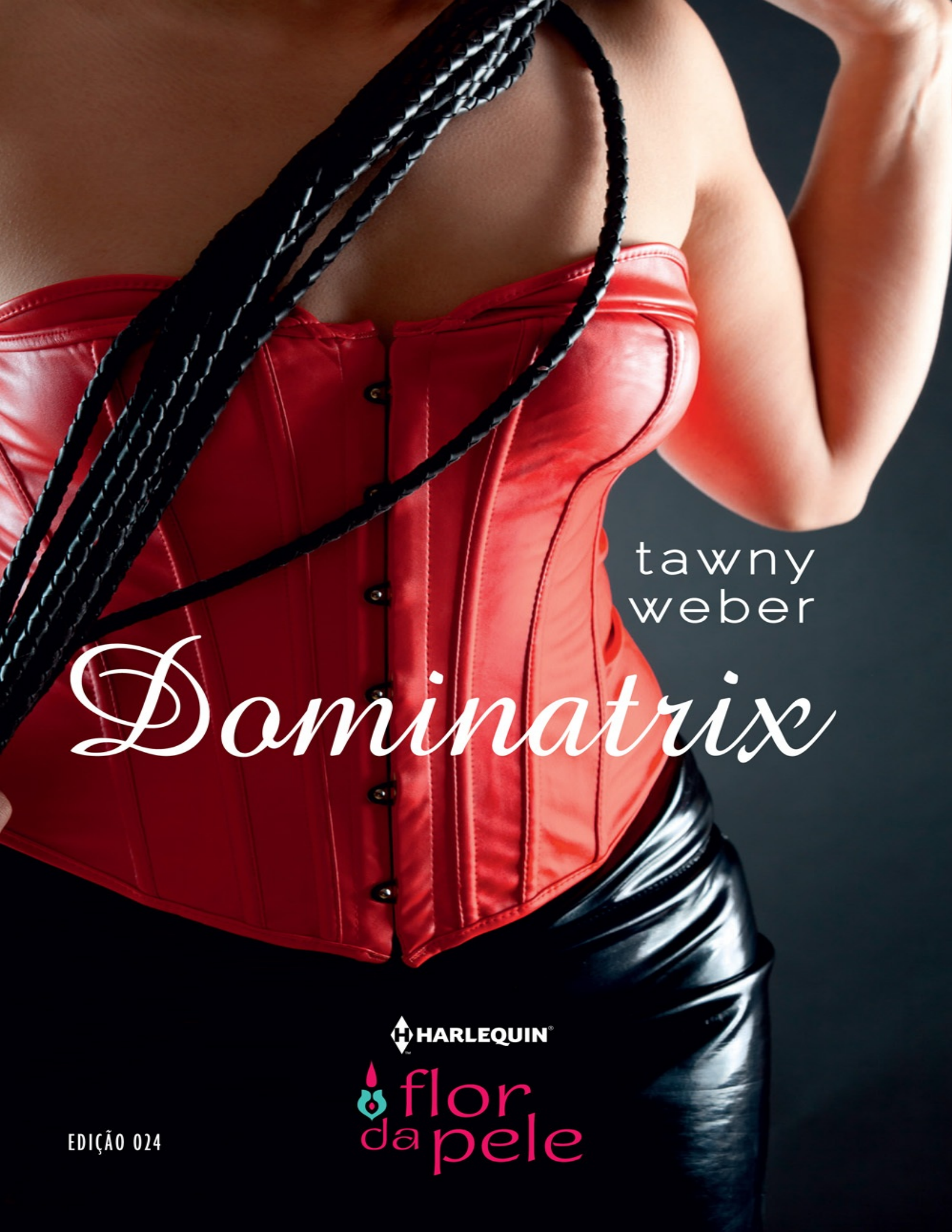


tawny weber

Dominatrix

HARLEQUIN

flor da pele

EDIÇÃO 024

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ela estava vestida para arrasar…

Zoe Gaston precisa desmascarar um homem misterioso para salvar a empresa de games de seu irmão. Ao mesmo tempo, terá que sobreviver à terrível festa à fantasia promovida pelos colegas da época de escola… Vestida de dominatrix com direito a chicote e tudo, sua roupa escandalosa atrai a atenção de um admirador secreto. Apesar de estar fantasiado de Aragorn, ele parecia deliciosamente familiar… Até Zoe descobrir que seu amante era Dexter Drake, um de seus poucos amigos daqueles tempos! Mas Zoe também desvendará algo muito maior do que sua verdadeira identidade…





– Você não parece acreditar em mim – murmurou ele, as palavras baixas e melodiosas.

– Já me chamaram de desafiadora muitas vezes – admitiu ela, a cabeça girando conforme o corpo reagia à proximidade do dele. – Mas nunca de linda.

– Mas você é. – Ele estendeu a mão, o punho cerrado, e acariciou a bochecha dela com os dedos. Zoe quase ronronou.

– Talvez você tenha um fetiche por couro – sugeriu ela.

– Talvez eu quisesse experimentar alguns fetiches com você e ver como é – disse ele, as palavras baixinhas e intensas.

A visão de ambos nus, exceto pela máscara dele e pelas botas dela, preencheu a mente de Zoe. Ela engoliu em seco, a pulsação acelerando tão rapidamente que parecia prestes a saltar pela garganta.

– Eu desejaria você mesmo sem todo este couro – disse ele.

O sorriso dela foi rápido e perverso.

– Nua, você quer dizer?

Ele gemeu, depois riu. O coração de Zoe falhou brevemente.

Querida leitora,

Depois viver toda a fase adulta fugindo do passado, Zoe é obrigada a voltar para a cidade natal a fim de encontrar o único homem que salvaria empresa de seu irmão. Tudo o que ela quer é chegar, achar a pessoa e ir embora com a dignidade intacta.

Mas quando descobre que a fantasia que comprou é completamente diferente da que escolheu, acaba aparecendo na festa de reencontro da escola vestida de dominatrix. Por sorte, tem um homem que não se intimida com todos aqueles adereços de couro e metal. Na verdade, fica pedindo mais…

Espero que goste da história de Zoe e Dex. E se está na internet, dê uma passadinha no meu site TawnyWeber.com e me conte o que achou de *Dominatrix*. Adoraria saber o que tem a dizer!

Aproveite!
Tawny Weber

Tawny Weber

DOMINATRIX

Tradução
Fernanda Lizardo



2015

Prólogo

Cercada por milhões de trajes, Josie apoiou o queixo no punho e fitou aquela personificação de sonho através da janelinha: um gostosão usando uniforme marrom, seu nome era Tom e ele era um entregador de emoções. É claro, as tais emoções na verdade eram roupas, e ele não fazia ideia de que era o protagonista de todas as fantasias mais quentes dela.

E nesse ritmo, ele nunca se daria conta disso.

– Mais uma entrega para a Vestida para Arrasar – disse Tom enquanto fazia a curva com um carrinho lotado para entrar na loja. – Ei, Josie.

– Tom – disse ela suavemente, amaldiçoando em silêncio a própria timidez. Ele era ainda mais bonito de pertinho. Tinha cabelo castanho ondulado, olhos azuis reluzentes e ombros lindos de matar. Ela sempre lamentava quando chegava o mês de setembro, uma vez que isso significava que ele trocava o short pela calça comprida e cobria as pernas sensuais.

Josie ficou pensando em algo inteligente para dizer, um pretexto para iniciar uma conversa. Mas como sempre, quando estava perto dele, sua cabeça ficava vazia.

– Como vão os negócios? – perguntou ele enquanto empilhava caixas no balcão, logo depois entregando a ela a maquininha portátil para que desse baixa na entrega.

– Fornecer emoção às pessoas é sempre um bom negócio – respondeu ela automaticamente. Ele arregalou os olhos castanhos. Josie percebeu o que dissera e corou. Ainda bem que as mãos dela estavam ocupadas com a máquina e a caneta, ou ela teria botado a mão na boca num reflexo.

Então ele sorriu.

– Este é o slogan da loja, não é? Eu já vi isso nas etiquetas. Combina. Este definitivamente é o lugar para realizar fantasias, não é?

Uma conversa. Uau. *Não deixe a peteca cair agora*, ela avisou a si. Josie deu um sorriso hesitante e assentiu tão depressa que sua franja loura voou sobre os olhos.

– Definitivamente. Eu vou te mostrar.

Feliz por finalmente capturar o interesse dele, bem como um pretexto para mantê-lo ali mais um pouco, Josie pegou um abridor de caixas e cortou a fita na parte superior de uma delas.

– Nós recebemos um monte de pedidos – explicou ela. – As pessoas querem viver seus desejos mais loucos, sabe?

Josie havia passado os últimos dois meses se perguntando quais seriam os desejos mais loucos de Tom. Será que ela ia descobri-los agora?

Removendo o papel de seda, ela pegou o primeiro traje e o puxou sem olhar. Seus olhos estavam grudados aos de Tom, a mente tonta por finalmente ter a atenção dele.

– Você não vê como isto aqui pode ser sexy? – perguntou ela. – É o tipo de coisa com a qual você teria fantasias?

Ao mesmo tempo, ambos olharam para a roupa nas mãos dela. Uma fantasia de coelho. Branca, fofinha, desprovida de conotação sexual.

Josie ficou vermelha. Ela agarrou a peça com tanta força que provavelmente mais tarde iria encontrar pelos sob as unhas.

Tom riu e balançou a cabeça.

– Não sei, não, Josie. Acho que coelhinhas têm de usar gravata borboleta para serem consideradas sensuais. – Com isso e um aceno amigável, ele foi embora. Simples assim.

Josie conseguiu esperar até que a porta fosse fechada para soltar um gemido. Como sempre, ela não conseguia dar conta nem de um flerte simples com o sujeito.

E é claro que uma fantasia branca e peluda da cabeça aos pés não ajudava.

– Definitivamente isto aqui não serve para alimentar fantasias. – Ela suspirou e sacudiu o traje de coelho antes de enfiá-lo num cabide. – Pelo menos não era uma fantasia de smurf.

A caixa seguinte estava melhor. Tinha uma fantasia reveladora de escrava, como algo que a Princesa Leia de *Star Wars* teria usado. Um lindo traje de

cabaré. E, Josie suspirou, uma nova fantasia de Marilyn Monroe. Tudo muito sexy.

Ao contrário das criaturas da floresta e dos alienígenas. Ela revirou os olhos. Tinha estragado tudo. Mas que idiota, tentando flertar assim. Devia ter sido mais esperta. Não precisava flertar, bastava convidar Tom para sair. Só de imaginar o jeito como tinha estragado *aquilo* tudo, ela voltou a corar de humilhação. Mas talvez ela pudesse soltar umas indiretas na próxima vez que ele viesse?

Pensando nas diversas indiretas que poderia dar sem soar boba, Josie começou a empacotar fantasias.

Ela olhou para a pilha de pedidos feitos pela internet que precisavam ser enviados. A dominatrix para Nova York. Uma Betty Boop para Idaho. A pirata sensual para Pittsburgh. Colocando as roupas nas caixas já etiquetadas, ela cantarolava uma musiquinha. Daí franziu a testa quando ergueu o traje dominatrix no cabide. Será que ela um dia teria coragem de usar algo assim?

– Josie?

Ela virou-se, uma das mãos ainda sobre o peito para acalmar o coração acelerado.

– Tom? – Ela esperava que ele a deixasse sem fôlego, e não tensa. – O que houve? Pensei que você já tivesse saído.

Ele deu um sorriso pueril e acanhado que fez Josie derreter por dentro.

– Esqueci de entregar um pacote.

Ele estendeu uma caixinha. Só que agora ele estava olhando para a roupa nas mãos de Josie. Ele espiou a peça sumária de couro, daí desviou o olhar para ela. O interesse brilhou nos olhos dele, um sorriso maroto lhe ergueu o canto da boca.

– Ah, este aí é um traje interessante – comentou ele. – Eu não acho que…

Josie olhou para o couro em sua mão, depois de volta para Tom. Ela arregalou os olhos. Será que ele estava perguntando se ela gostava de bancar a safadinha? Ela ficou completamente vermelha.

– A melhor coisa de se trabalhar na Vestida para Arrasar é ser capaz de vivenciar um personagem – disse ela a ele. Daí hesitou e, respirando fundo, disse: – É como diz o nosso slogan… "Traga sua fantasia e faremos dela realidade."

Tom sorriu, mas antes que pudesse responder, o telefone tocou. Dando de ombros, ele disse:

– É melhor voltarmos ao trabalho. Vejo você amanhã, tá?

Josie sequer fez beicinho quando Tom saiu. Ouvindo sua chefe atender a ligação, ela sorriu, fez uma dancinha e deu uns pulinhos enquanto retornava ao

balcão de embalagens. Ele iria vê-la no dia seguinte. E ele dissera como se estivesse ansioso por isso. Talvez ele finalmente fosse convidá-la para sair? Com a cabeça cheia de devaneios ligados a Tom, ela dobrou a roupa de dominatrix e a enfiou numa caixa que iria para Idaho.

O amor não era lindo? Ela deu um tapinha no couro preto e sorriu. Certamente esperava que o traje trouxesse tanta sorte para sua usuária quanto tinha trazido para ela.

Capítulo 1

"A GAROTA com a maior probabilidade de morrer virgem."

"Ela é tão impopular que foi sozinha ao baile de formatura."

"Ela é a rainha do nerd chique."

Zoe Gaston zombou dos rótulos que as pessoas tinham rabiscado perto de sua foto do álbum do colégio. Ela detestava rótulos. Muito embora, suspirou enquanto olhava para a foto, às vezes fosse difícil renegá-los. *Uma ode ao lado sombrio*, era assim que ela intitulava sua adolescência. Cabelo preto espetado, olhos marcados com delineador, lábios pintados de gloss preto reluzente. Ela fora uma gótica nerd típica meio bochechuda.

Em outras palavras, um desastre total.

– Você acha que eu deveria ir à minha reunião de dez anos dos ex-colegas de escola… por quê? – perguntou ela a Meghan, fazendo uma careta.

– Para reviver lembranças bacanas do ensino médio e voltar a ter contato com todos os seus amigos, é claro.

A cunhada de Zoe realmente acreditava nisso. Ela era do tipo que gostara da escola. Uma abundância de amigos, diversão e aceitação geral. O oposto total da experiência de Zoe. Exceto por um breve fim de semana, quando o gostosão astro do time de futebol por quem Zoe tinha uma quedinha parecera corresponder ao seu interesse, ela passou seus anos escolares como *persona non grata*.

– Ah, sim, os bons e velhos tempos. – Zoe semicerrou os olhos para Meghan e assentiu sabiamente. – Ou seja, quando as líderes de torcida me odiavam, os

atletas tinham pavor de mim e os professores, ah, sim, os professores. Eles ficavam tão felizes quando eu matava aula quanto quando eu aparecia.

Meghan deu de ombros e fechou o álbum, obviamente sentindo que a viagem pela estrada das lembranças não ia ajudar em nada em sua argumentação. Ela se jogou no sofá azul de Zoe, a capa brilhante farfalhando no couro liso.

– Você zombava das líderes de torcida publicamente – apontou ela com um olhar feio.

Opa. Zoe mordeu o lábio para segurar uma risada quando percebeu que a desenvolta Meghan provavelmente tinha um par de pompons de bronze guardado em algum lugar.

– Zach me contou que você deu um chute no saco do zagueiro do time – continuou Meghan, parecendo chocada e irritada. Zoe ergueu a sobrancelha, como se para perguntar qual era o problema, mas conseguiu manter a boca fechada quando a outra continuou: – E ele disse que você discutia com os professores com frequência.

Um sorriso breve lhe escapou. Tudo bem, então seus dias na escola não tinham sido totalmente ruins.

– Exatamente. Eu não me encaixava. Eu não queria me encaixar. E ninguém queria que eu tentasse me encaixar. Então por que diabos eu iria à reunião?

– Para mostrar a todos o quanto você está gostosa, como você é bem-sucedida e como todos estavam errados a seu respeito.

– Claro. Porque eu ainda não me pareço com uma boneca cabeçuda e esquisita, eu troco de emprego com mais frequência do que a maioria das pessoas muda de penteado e faz tanto tempo que não faço sexo que eu poderia muito bem ser a virgem eterna de que tanto falavam.

– E aí? Isso não significa que eles estavam certos a seu respeito, não é? E não é como se você tivesse de preencher algum questionário sobre sua vida sexual caso comparecesse.

Zoe sorriu, em seguida pegou seu copo de margarita e bebeu um gole. Antes que ela pudesse dar uma resposta espertinha, Meghan inflou as bochechas, de modo que ficou parecida com um esquilo louro raivoso, daí soltou uma lufada de ar.

– Se você não for, todos vão pensar que estavam certos. Você vai dar essa vitória a eles?

Zoe abriu a boca para dizer que não se importava se eles venceriam ou não. Mas aí suspirou e desistiu de retrucar. Ela não podia negar. *Adorava* vencer. Era

quase uma necessidade irresistível, aquela incapacidade de se afastar de uma competição, a compulsão para tentar sempre dar a última palavra, para lutar até um fim muitas vezes amargo. Isto tinha sido a única coisa capaz de segurá-la na escola após a morte de seus pais: provar que todas as fofocas estavam erradas.

É claro que assim que o desafio foi encarado e Zoe enfim venceu, ela perdeu todo o interesse. O tédio era sua grande ruína.

– Posso superar minha necessidade de vencer se eu não entrar no jogo – murmurou, acrescentando um *talvez* silencioso à ponderação. Ela pegou o convite espalhafatoso do reencontro que duraria uma semana e fez uma careta. – E o retorno à escola da tortura é um bom incentivo para se ficar de fora do jogo.

– E um pretexto horroroso para justificar seu medo de que eles possam ter razão.

Zoe olhou feio para Meghan, mas não revidou o golpe direto.

– Por que você está forçando a barra, sério? – quis saber ela, virando a mesa. Zoe apontou para o convite reluzente da reunião, o qual Meghan havia trazido juntamente à explicação de que ele fora enviado ao irmão de Zoe, já que a comissão do reencontro fora incapaz de localizá-la. – Tanto faz para você eu reviver ou não minha adolescência, então o que está por trás disso? Quero a verdade desta vez.

Meghan pegou um travesseiro fúcsia e correu os dedos pela franja dele, a aliança de casamento brilhando. Finalmente, ela olhou para Zoe com olhos de cachorrinho pidão e disse:

– Zach está em apuros.

Zoe empertigou-se tão depressa que a margarita espirrou do copo. Ela ignorou a bebida gelada e grudenta escorrendo por seus dedos e agarrou o braço de Meghan.

– O que houve? O que aconteceu com Zach? Ele está doente?

– Nada disso – apressou-se Meghan para acalmar Zoe, os olhos azuis arregalados e chocados com a reação enérgica. Zoe percebeu que talvez tivesse exagerado um bocadinho, mas Zach era tudo para ela. – Ele está bem. Trabalhando demais e estressado, como sempre. Mas o problema não é a saúde dele, e sim a empresa dele.

O medo foi abandonando os músculos de Zoe lentamente. Ela se obrigou a respirar. Uma vez, duas vezes, em seguida deu um suspiro profundo e aliviado.

– A Z-Tech? – perguntou ela, referindo-se à empresa de Zach. Durante o auge das empresas ponto-com, Zach abrira a dele, montando uma empresa de jogos

eletrônicos que atendia a determinados nichos de mercado. Como era especializada em consultoria empresarial, Zoe o aconselhara mais de uma vez a expandir seus horizontes, no entanto, Zach sempre alegara gostar da sensação acolhedora da especialização. No ano anterior, ele arriscara tudo criando a própria plataforma. A fim de competir com empresas como Sony e Microsoft, ele se prendera ao conceito de barato, funcional e com potencial para expansão.

– O novo sistema dele está tendo problemas?

Meghan assentiu.

– Ele ficaria furioso se soubesse que estou te contando isso, mas sim. Ele investiu tudo nessa ideia, todo nosso dinheiro, e agora ninguém está interessado no sistema dele. Não se não houver um diferencial. Se ele não decolar, a Z-Tech não vai sobreviver até o final do ano.

– Mas que droga – bufou Zoe, afundando na poltrona.

A Z-Tech era tudo para Zach. Ah, claro, ele adorava sua esposa. Mas amava aquela empresa, em primeiro lugar. Ele já falava em fundá-la, planejando tudo, desde que eles eram crianças. Os pais deles haviam se mudado para Bradford, em Idaho, quando Zoe tinha 15 anos. Aos 18, Zach ficara por lá a fim de tentar a sorte no Vale do Silício. Mas quando os pais morreram, ele anulou seus sonhos e seguiu para a cidadezinha em Idaho para que Zoe pudesse terminar o colegial, indo trabalhar na indústria ponto-com para sustentar a irmã.

Zach desistira de tudo por ela. Zoe nunca se esquecera disso. Ela lhe devia muito. Devia-lhe muito por mantê-la na escola, por estimulá-la a se sobressair em vez de se encolher numa bola de tristeza. Ela lhe devia muito por lembrá-la do conceito de família, do significado de ser amada quando todo o universo que ela conhecia havia se transformado num inferno louco. Mas não que Zach enxergasse desta maneira. Nas poucas vezes que ela tentara expressar gratidão, ele revirou os olhos e mudou de assunto.

Três anos atrás, depois de ela desistir de mais um emprego, fora Zach quem sugerira a Zoe montar um portfólio com todas as suas qualificações e intitular-se consultora. Ela poderia intervir, chefiar pessoas, corrigir problemas e ir embora antes de começar a ficar entediada. Especializada em startups iniciantes, ela calculava, avaliava e criava planos de negócios para ajudar as empresas a evoluir ao patamar seguinte. Ou, em muitas vezes, para perceber que elas estavam perdidas no mercado, caso no qual então apontava opções para que as respectivas empresas se reinventassem. A situação acabara por se revelar a

solução perfeita – e muito bem-sucedida – para todos os problemas profissionais de Zoe.

E agora o irmão dela, que essencialmente lhe dera uma carreira, estava perdendo a própria empresa. Ela colocou o copo na mesinha lateral, fazendo uma careta. Nada como o sabor forte de uma dívida de gratidão para arruinar uma margarita perfeitamente bem preparada.

– No entanto, ele teve uma ideia – disse Meghan, o tom abafado, como se ela estivesse compartilhando um segredo. – Zach disse que se conseguisse um bom contato, algo especial, ele seria capaz de fazer a coisa toda funcionar.

– Algo para convencer os compradores a experimentarem o sistema dele? Que mostrasse que eles só teriam a ganhar com isso? – esclareceu Zoe.

– Exatamente.

– É uma ótima ideia. – Fora algo que Zoe de fato tentara sugerir alguns meses antes, mas Zach se colocara num estado de macheza no melhor estilo posso-me-dar-bem-e-provar-que-não-sou-um-fracassado e a ideia não pegou. Se a empresa dele estava nessa situação desastrosa, era provavelmente por causa da própria postura dele, percebia Zoe agora. O tédio para ela tinha o mesmo peso do fracasso para seu irmão… era um verdadeiro inferno.

– Qual é o problema?

– Zach acha que precisa criar um jogo fenomenal. Algo exclusivo, que só possa ser rodado no sistema dele. E só existe um desenvolvedor que possa fazer tal exclusividade, entende? Alguém que todo mundo conhece, mas que nunca trabalhou para nenhuma empresa grande.

Começando a enxergar como tal fato daria em sua reunião com o pessoal da escola, Zoe aguardou o desfecho.

– Aparentemente, existe um cara. Ele é conhecido como Gandalf, o Mago dos Jogos. Ele é o desenvolvedor mais famoso do ramo e ao mesmo tempo é um mistério total. Ninguém sabe quem ele realmente é. Zach tentou contatá-lo através da Leeton, a empresa onde ele trabalha, mas não teve sorte. – Meghan levantou-se, bufando de forma mal-humorada, e seguiu até a janela imensa que dava para o horizonte da cidade de São Francisco. – Eu tentei ajudar Zach a pesquisar sobre o sujeito, mas é como cavar no escuro. Não tem para onde ir, exceto atrás de meros rumores.

E era aí que entrava o assunto do reencontro da escola. Zoe pegou seu copo de margarita e virou o resto do conteúdo aguado. Ah, sim, tinha ouvido muitos rumores sobre Gandalf.

Meghan virou-se, e aparentemente notando o reconhecimento no rosto de Zoe, apontou, triunfante.

– Você o conhece, não é?

– Não. – Não era uma mentira. Ela não fazia ideia de quem o tal Gandalf era.

– Mas ele conhece você. Ele tem tesão por você. Até mesmo Zach admite isso, embora ele tenha rosnado um pouco ao mencionar o assunto. Isso fica bem óbvio no primeiro jogo criado por ele… *Guerra na Classe*.

– Ah, o jogo foi uma coisa bem circunstancial – desdenhou Zoe, mesmo sabendo que Meghan provavelmente estava certa. Cinco anos atrás, depois de ouvir o blá-blá-blá de Zach a respeito, Zoe resolveu verificar o jogo ela mesma. O desenvolvedor obviamente havia morado em Bradford em algum momento. As semelhanças eram evidentes: pontos de referência, frases, bordões da turma. Ela.

Zoe estremeceu levemente. E nunca fora capaz de identificar se ficara lisonjeada ou assustada por perceber que a personagem principal, uma heroína peituda chamada SweetCheeks, tinha sido baseada nela. Não tanto no visual – ou no tamanho do sutiã –, mas na postura. Algumas de suas frases de efeito, seu hábito de tocar o lábio quando estava pensando. O cabelo preto com pontas roxas que ela usava na escola. E mais especificamente a tatuagem muito peculiar de asas de anjo que Zoe tinha nas omoplatas, feita quando ela estava com 16 anos, uma homenagem à mãe.

Era também uma homenagem torta à própria adolescência. Um bom antídoto para a infâmia de ser ter sido citada como a garota com maior probabilidade de morrer virgem. O sujeito obviamente a conhecia. Mas e ele? Até onde ela sabia, ninguém tinha a menor ideia de quem ele era.

– Circunstancial o caramba – rebateu Meghan, batendo as mãos nos quadris cobertos pelo jeans e encarando Zoe. – Esta é a resposta às orações de Zach, o desenvolvedor de jogos mais famoso do país é da cidadezinha de vocês. E tem grandes chances de ele ser da sua época, considerando que ele a conhecia bem o suficiente a ponto de ter visto suas costas nuas. Então ele pode estar no reencontro da turma. Dã… é só juntar os pontos e pronto, vitória garantida. Até você consegue juntar os pontos nessa história, não é?

– Ninguém gosta dos espertinhos – murmurou Zoe, torcendo os lábios quando soltou a mentira.

– Claro que gostam – afirmou Meghan, sentindo que Zoe não ia encerrar a discussão. – Zach e eu amamos você.

O pingo de culpa se intensificou.

Necessitando se movimentar, Zoe levantou-se e cruzou o apartamento, indo até a cozinha. Um toque no botão do liquidificador criou uma boa distração barulhenta, bem como um novo lote de margaritas.

A escola Central High. Esnobe, imprestável e julgadora. Zoe nunca conseguira se encaixar. Ela fora uma dicotomia estranha. Uma gótica cerebral de 15 anos, temperamental e revoltada. Sua relação com a cidadezinha elitista e sua escola fora tal como a do gato para com a água. Felizmente ela tivera Dex. Por causa dele, seu único amigo, ela fora capaz de ignorar sua aceitação pífia. Até que ela completou 16 anos e perdeu os pais em um acidente de carro, daí teve de lidar com uma outra realidade nojenta de uma cidade pequena: a fofoca. Enquanto Zoe estava tentando lidar com seu choque e seu luto, a fábrica de fofocas fez hora extra, cochichando em todos os cantos a respeito de um divórcio pendente entre seus pais e alegando que a mãe dela tinha um caso com o diretor da escola.

Zoe desejara muito cair fora, ir para qualquer lugar e se esconder. Mas Zach insistira para que ela se formasse. Ele tinha adiado os próprios sonhos para se tornar o responsável por ela. Apesar da experiência horrorosa no ensino médio, ela ficara grata por ele não permitir sua desistência. Será que agora não era função de Zoe ignorar sua raiva do passado e abrir espaço para os sonhos de *Zach*? Afinal, ela queria que ele tivesse sucesso, e mais ainda, queria provar seu valor. Para ele. E para si.

Zoe suspirou. Falando em pressão… ela levou a jarra para a sala e encheu as duas taças.

– Você sabe que ele ficaria irritado se descobrisse que você está se metendo – murmurou ela para sua cunhada enquanto sentava-se novamente. Mas mesmo assim, pegou o convite na mesa. – Ninguém nem mesmo tem certeza se Gandalf é de Bradford. Você tem noção disso, certo? Ele pode só ter morado brevemente lá. Não há nenhum motivo sólido para acreditar que ele vai estar na reunião.

– Zach acha que ele vai estar. Qualquer pessoa nostálgica em relação à própria cidade natal iria para um reencontro com ex-colegas. A época, um monte de elementos no jogo, tudo sugere que ele é da sua idade. Zach quebrou a cabeça para decifrar o cérebro dele e descobrir um jeito de encontrar o cara.

A culpa jorrava numa cachoeira agora.

Notando a rachadura na armadura de Zoe, Meghan se preparou para o golpe fatal. Ela deu um sorriso alegre e tirou um envelope gordo da bolsa.

– Olha, aqui tem mais informações sobre o tal reencontro. Achei o link enquanto navegava por aquele site, sabe? O que encontra colegas de classe?

Quando vi que sua turma ia fazer uma reunião, pedi que mandassem o convite.

Zoe arqueou a sobrancelha. Então foi assim que eles a encontraram. Ela havia ficado se perguntando como tinham conseguido. Não era como se ela tivesse deixado um rastro de migalhas de pão para que seus ex-colegas de escola a localizassem.

– Havia até especulações sobre Gandalf lá no mural de recados – continuou Meghan uma vez que teve certeza de que Zoe não iria repreendê-la por fazer algo às suas costas. – As pessoas estão se perguntando se ele é realmente da sua escola. De qual turma ele fazia parte. Se ele vai vir para o reencontro. Esse tipo de coisa.

Já era de se imaginar. Mais fofocas, desta vez em estilo cibernético. Zoe simplesmente revirou os olhos.

– Mesmo que ele compareça, não é como ele fosse usar uma placa. O cara conseguiu manter a identidade em segredo de seus principais concorrentes durante cinco anos. Ele não vai aparecer usando um chapéu pontiagudo e carregando um controle de videogame. – Percebendo o olhar teimoso de Meghan, Zoe suspirou. Então, tal como fazia sempre que se deparava com qualquer desafio empresarial impossível, começou a segmentar a situação em pequenas tarefas, itens a se pesquisar, aspectos nos quais pensar e coisas a se fazer. Em outras palavras, o cérebro dela tinha entrado em modo estratégico.

Enquanto refletia sobre todos os ângulos, pegou distraidamente o livreto da reunião que Meghan lhe estendeu. Quando ela abriu a capa em néon, todos os pensamentos estratégicos fugiram; o estômago de Zoe deu um nó. Com os olhos semicerrados, ela fitou a foto granulada em preto e branco do rei e da rainha do baile. Brad Young e Candice Love. Sua paixão e a moça que o havia roubado dela.

Ela rosnou baixinho. Candice era a vadia esnobe por trás da transformação da vida escolar de Zoe num inferno. Com vidas sociais separadas por galáxias, as duas meninas passaram boa parte da vida acadêmica em competição direta. Zoe riu, lembrando-se das quatro em cada cinco vezes em que superara Candice.

Mas Candice tivera sua vingança. Suas fofocas arrancaram a única faísca de felicidade de Zoe e a transformou numa tristeza inútil. Os rumores sobre os pais de Zoe e o caso da mãe dela surgiram na mesma semana em que ela ganhara um prêmio de reconhecimento do diretor. Foi Candice quem espalhou que, como a mãe de Zoe tinha andado de casinho com o diretor da escola, a recomendação ao prêmio e todo o apoio tinham sido baseados simplesmente nas habilidades da mãe dela entre quatro paredes. Zoe não acreditara naquela fofoca. Ela sabia que

seus pais estavam tendo problemas, mas a traição não era um deles. No entanto nunca perdoara Candice por iniciar uma fofoca tão feia. Ou por plantar tais dúvidas na cabeça dela.

Isso significava que ajudar seu irmão também era sua chance de dar o troco, mostrar à líder de torcida esnobe e à turminha dela que ela era tudo aquilo de bom que Meghan dizia que ela era. Gostosa e bem-sucedida.

– Tudo bem – decidiu ela com um empinar de queixo determinado. – Eu vou.

– Obrigada, Zoe. – A gratidão de Meghan, aparente nos olhos azuis e sorriso imenso e aliviado, deram conforto a Zoe. Ajudar os outros era bom. Meghan pegou a pasta com a programação do reencontro e começou a folhear as páginas. – Você precisa de uma fantasia. E você está atrasada para confirmar sua presença, por isso pode ser difícil conseguir um quarto no mesmo hotel onde vai ser a reunião da turma.

– Eu vou, mas não vou usar fantasia idiota nenhuma. A última coisa que quero fazer é me fantasiar e bancar a boazinha com as pessoas que me julgaram e zombaram de mim com tanta facilidade – desdenhou ela, como se não se importasse. E não se importava mesmo. Pelo menos não muito.

– Por favor, Zoe. Se você vai usar estas pessoas para te ajudarem a encontrar o tal Gandalf, precisa pelo menos fingir que está fazendo o jogo delas.

Zoe torceu o nariz. Bancar a boazinha? Ela não tinha contado com isso em seus cálculos. Mas o olhar de súplica de Meghan a obrigou a assentir.

– Eu vou cuidar da confirmação de presença – disse Zoe com seu melhor sorriso de negociação. – O reencontro vai ser no Drake Inn. Eu conheço os proprietários. Então vou estar lá no meio da coisa toda e serei capaz de rastrear as informações privilegiadas sobre o Gandalf. Mas eu não vou usar nenhuma fantasia.

Meghan acenou o folheto roxo e laranja.

– Você tem de usar. É uma *festa à fantasia*! – declarou.

– Não, obrigada – disse Zoe. – Em vez disso, vou achar um vestidinho sexy e pronto.

Ela não estava indo por causa das festividades da reunião. Estava indo para ajudar seu irmão. E talvez, apenas talvez, para tentar uma segunda investida na paixão que lhe escapara. Uma oportunidade de mostrar à estrela do time de futebol, Brad Young, o que ele tinha perdido. Louro e bronzeado, ele inspirara fantasias em muitas garotas e Zoe infelizmente falhara na tentativa de se livrar do problema da virgindade.

E então ele a deixou na seca.

Ah sim. A promessa de provar a todos – Brad, Candice e todas as pessoas que haviam zombado dela – o quão bem ela estava, era o último bocadinho de incentivo do qual necessitava para voltar àquele inferno e encontrar Gandalf.

Enquanto imaginava o enredo e cogitava comprar uma lingerie nova, Zoe mordeu o lábio e pensou um pouco. O caramba que ela teria morrido virgem. O problema com um título como este, porém, era: como provar que era um apelido equivocado?

Duas semanas depois

Zoe caminhou até a porta de vidro chanfrado do Drake Inn, a bota de salto dez finíssimo estalando no concreto colorido. Ela havia passado muito tempo ali durante sua adolescência, já que os pais de Dex, seu melhor amigo, eram donos do lugar.

Depois que Meghan a convencera a participar da reunião, Zoe sacara seu álbum de fotos e rira das poucas lembranças felizes que tinha de Bradford. Todas incluíam seu melhor amigo, Dex.

Por mais excêntrica que ela fosse, Dex a apoiara em seus planos e sonhos. Eles sonhavam com as várias maravilhas que fariam quando saíssem do julgamento opressivo de todas as cabecinhas interioranas incapazes de compreendê-los.

A gótica inteligente e o nerd da matemática, ambos muito orgulhosos por não se encaixarem no mundinho de seus colegas descolados.

Zoe poderia usar de um pouco de sua arrogância juvenil agora. Ah, claro, ela ainda era inconfundível e autoconfiante. As pessoas a tratavam com respeito, a bajulavam em troca de favores e buscavam seus conselhos profissionais. Mas assim que ela entrou de carro na cidade, todas as suas velhas dúvidas, o constrangimento e a preocupação de não se encaixar a atingiram.

Uma coisa era planejar uma reunião brilhante na sala de estar de Meghan, elaborar uma lista de ideias, do mesmo jeito que ela criava os planos de ataque para as empresas que se debatiam em crise que a consultavam regularmente. Zoe tinha feito uma lista de pessoas com quem conversar. Ela pesquisara o anuário e pesquisara todos os seus colegas de classe, chegando a uma listinha de possíveis magos. Também enviara e-mails a todos que conhecia no meio empresarial a fim

de ter alguma ideia a respeito do tal Gandalf, e pedira a Meghan para fuçar os contatos de Zach e cavoucar para obter informações.

Seu plano para esta semana? Dividir para conquistar. Ela ia falar com todos em sua lista, de professores a nerds. Ia fuçar todos os lugares nos jogos de Gandalf e ver se era capaz de encontrar alguma pista. Ia mexer os pauzinhos, bancar a boazinha e brincar de detetive. De uma forma ou de outra, se Gandalf estivesse em Bradford, Zoe iria rastreá-lo para Zach.

Mas agora, diante da implementação do plano? Zoe lembrou-se de como era a vida de uma adolescente desajeitada. Só que agora ela não tinha mais a postura gótica do *dane-se* atrás da qual se esconder. Claro, até porque fora tudo mero teatrinho, de qualquer forma.

Ela aprumou os ombros. Era um gesto que lhe servira bem anteriormente, portanto, ela poderia muito bem falsificá-lo outra vez. Postura falsa ou não, havia uma missão a cumprir. Tal qual a personagem SweetCheeks, ela havia recebido ordens e estava ali para detonar.

Rindo em silêncio para aquela visão, Zoe chegou à porta e fez uma pausa. Ela realmente não queria entrar. O único jeito de aquilo lhe soar menos atraente seria se ela estivesse indo para uma mamografia, fazer um tratamento de canal ou uma pesagem em público.

Será que alguém a reconheceria? Talvez ela não fosse mais uma gótica gorducha, com cabelo espetado e piercings aleatórios, mas quando olhou para seu reflexo na porta, percebeu que não tinha mudado *tanto* assim. Seu cabelo nos ombros, desalinhado, ainda era negro em alguns pontos, mas também tinha mechas vermelhas e louras. Ela ainda ostentava cinco quilos a mais, mas agora enfatizava aquelas curvas em vez de escondê-las sob camisetas largas. E ao passo que havia deixado a maioria dos furos de seus piercings se fecharem, ela usava um pequeno brilhante no nariz e oito joias em cada orelha.

Sim, ela ainda era "diferente". Mas pelo menos agora tinha bastante confiança em suas habilidades para não deixar que os outros a perturbassem. Diferentemente da época de colégio, quando estivera presa nesta cidadezinha sem opções, desta vez Zoe tinha uma pauta em mãos. E isto lhe dava alguma vantagem. Ela era experiente e estava no comando.

E os empregados do hotel já estavam pegando sua bagagem.

Divertindo-se com a própria conversinha besta, Zoe agarrou a maçaneta de latão e abriu a porta.

O espetáculo ia começar.

Dez minutos e uma chave de quarto mais tarde, Zoe atravessou o saguão, parabenizando-se. Ela havia feito o check-in, pegado seu pacote de boas-vindas da reunião dos ex-colegas e conseguido evitar os encontros de fato.

– Zoe? Zoe Gaston, a *nerd chic*?

O coro estridente a fez parar repentinamente. Zoe deu um pequeno espasmo horrorizado antes de anular sua expressão e se voltar para as risadinhas.

As irmãs Fenton. Duas bonecas de porcelana ruivas perfeitas com corações de gelo. Zoe teve de lutar para grudar um sorriso falso no rosto. E precisou lutar ainda mais contra a vontade de fugir correndo.

– Olá – cumprimentou ela sem emoção. – Que surpresa ver vocês por aqui.

– Ora, ora. Você certamente mudou – disse uma delas. A outra a avaliava de cima a baixo, provavelmente desvalorizando o preço de sua roupa, composta por jeans justinho, botas de cano curto e uma túnica de veludo preto; o sorriso de escárnio supunha que Zoe havia pagado um preço maior do que a peça valia.

– Incrível, não é? – Zoe revidou com um sorriso de zombaria também. – E vocês não mudaram nadinha.

Julie e Jackie, ou Jingle e Jangle – como Zoe as havia apelidado na escola devido às vozes estridentes e à própria inabilidade de distingui-las – ofereceram abraços perfumados. Ainda tão tapadas quanto Zoe se lembrava, as duas sequer notaram sua reação seca. Simplesmente se lançaram em uma cacofonia tagarela de conversas e fofocas. Como se Zoe fosse uma delas.

Ela semicerrou os olhos. As gêmeas nunca tinham tido tempo para ela dez anos atrás. Ela teria jurado que, se não fosse pelas fofocas ácidas de Candice depois que ela ganhara o prêmio na escola, as duas sequer teriam sabido o nome dela. E agora elas a estavam acolhendo e agindo como se ela fosse uma amiga?

O que elas estariam tramando?

– Você soube que Brad Young está aqui? Ouvi dizer que ele está divorciado agora. E continua sendo o cara mais gato do pedaço, mas agora ele está nadando em dinheiro – disse Jangle.

Só restava a Zoe não olhar para os lados, para o caso de Brad estar realmente ali no saguão. Será que ele tinha envelhecido bem? Será que ele se lembraria dela? Mais importante, será que ele se lembrava do único encontro deles? Aquele no qual ele interrompera a sessão de amassos sem qualquer motivo aparente. Aquele evento fora a única coisa capaz de partir seu coração adolescente e tornar hesitante sua fé em ser aceita por futuros namorados.

Zoe afastou as lembranças irritantes e as dúvidas que estas traziam consigo e se

concentrou na especulação das gêmeas sobre como Brad, que precisara da bolsa do time de futebol para frequentar a faculdade, tinha ficado rico. Jingle lançou um olhar sarcástico para Zoe, seu sorriso pingando alegria.

– Lembra-se daquela fofoca maluca sobre você e Brad terem ficado no drive-in?

Será que elas haviam lido seus pensamentos? Zoe semicerrou os olhos, feliz por nunca ter sido do tipo que ficava ruborizada. A risadinha das ruivas deixava claro o quanto elas achavam inacreditável a ideia de Zoe ter dado uns amassos no capitão do time de futebol. O olhar especulativo, o desprezo naqueles olhos azuis adocicados, confirmavam a desconfiança de Zoe. Elas não a estavam acolhendo como uma antiga colega. Elas estava preparando o terreno para atormentá-la.

Zoe suspirou. Já era de se imaginar. Na escola, elas tinham sido as rainhas da fofoca. Mesmo quando nada acontecia, as duas eram as primeiras a oferecer detalhes sórdidos. Obviamente, ambas estavam reprisando seus papéis sujos, tudo outra vez.

Zoe rangeu os dentes para não dizer a elas que cuidassem da própria vida. Ela sabia que aquele jogo de fofocas era sua melhor oportunidade para rastrear as pistas sobre Gandalf. E se quisesse vencer, teria de jogar. Ela cogitou dar uma risadinha coquete, mas percebeu que deveria sufocá-la. Em vez disso, arqueou uma sobrancelha e deu um sorriso travesso.

Com os cílios esvoaçantes como lagartas rígidas, dois pares de olhos fortemente contornados com maquiagem se arregalaram, e as duas mulheres se aproximaram.

– Ei, eu não sou do tipo que fica se gabando por aí – disse Zoe. As gêmeas trocaram olhares chocados. Perfeito. Talvez elas estivessem dispostas a trocar informações sobre quem poderia ser o mago dos jogos. Pela sua pesquisa, quatro das caras da turma estavam entre as possibilidades. Para seu espanto, um deles era Brad, que tinha se formado em uma das principais faculdades de ciência da computação.

Zoe esperava que, com um pouco de fofoca e mais algumas pesquisas na internet, uma vez que ela tivesse em mãos as biografias dos participantes da festa de boas-vindas esta noite, teria todas as informações necessárias para identificar Gandalf. Mas ela não podia negar que a ideia de reencontrar Brad a deixava um tanto tensa.

– É claro, tenho certeza de que ninguém está interessado nos meus segredinhos – disse ela, reunindo as fofocas para completar seu plano. – Afinal

de contas, eu não consegui fama e fortuna. Eu soube que pouquíssimos conseguiram, no entanto. Vamos lá, a vida de todos os nossos ex-colegas não pode ser um segredo total. Não sabemos o que algumas pessoas estão fazendo? Tipo, quem se casou com quem, onde todo mundo está morando? Ou quem virou um sucesso?

– Bem – disse uma das irmãs, trocando olhares com a outra –, nós temos alguns detalhes, é claro. Quero dizer, ficar a par do que todo muito está fazendo é meio que um passatempo nosso.

– Então me conte – incentivou Zoe enquanto zombava mentalmente de seu desempenho insípido.

– Bem – começou uma delas, aproximando-se. – Você se lembra da Teresa Roberts? Aquela garota que tinha uma quedinha por você? – Ela mal aguardou pela reação de Zoe antes de continuar: – Ouvi dizer que ela está podre de rica. Faz um sucesso enorme criando programas de computador.

Teresa? Sucesso nos computadores? Mas Gandalf era um cara, não era? Daí, novamente, estávamos falando de Teresa. A única pessoa da escola, além de Brad, a demonstrar algo semelhante a interesse por Zoe. Talvez usar um nome masculino não fosse tão forçado.

Antes que Zoe pudesse pedir detalhes, outra mulher que ela não reconhecia se juntou a elas num coro de gritos e risadas.

Zoe fez uma careta. Ela cavaria um pouco mais de fofoca depois, esperançosamente sem precisar ouvir mais risadinhas estridentes. Mas antes que pudesse interromper a conversa e pedir licença, um tumulto do outro lado do salão lhe capturou a atenção.

Alguém tinha virado um carrinho cheio de bagagens. Com as gêmeas risonhas ainda tagarelando ao seu ouvido, Zoe notou um sujeito apressando-se para ajudar a recolher as malas. Ela sentiu uma coisa esquisita no fundinho da mente, mas ignorou a sensação para se concentrar na vista deliciosa enquanto o homem se abaixava para recuperar as bolsas espalhadas.

Lá estava ele. O bumbum mais lindo que ela já havia visto. Zoe sentiu o nervosismo vibrando na garganta e bateu o dedinho no lábio inferior enquanto calculava as chances de a frente se igualar à retaguarda. Poucas chances, ela sabia. Um cara era gostoso ou indo ou vindo, nunca os dois.

E fazia muito tempo que Zoe não via nenhum cara vindo.

O homem se endireitou, a bagagem toda de volta ao carrinho, e o hóspede antes constrangido estava tranquilo agora. O sujeito se virou para Zoe e parou

como se tivesse batido numa parede de vidro. Os olhares de ambos se encontraram. Ela sentiu o impacto em todo o cômodo. Seu estômago entrou em espiral, como se ela tivesse caído de um penhasco; ela prendeu a respiração. Seu corpo passou de quente a ardente.

Lindo, foi a única coisa na qual conseguiu pensar.

O cabelo castanho estava afastado do rosto, o que fez Zoe pensar em poetas e eruditos. A mandíbula marcante e as e sobrancelhas escuras conferiam intensidade a um rosto que de outro modo seria apenas bonitinho. Ela queria, necessitava, ver os olhos dele. Eram tão sensuais quanto pareciam dali do outro lado do salão?

Uma camisa azul, larguinha e abotoada até em cima, moldava ombros largos, ocultando, porém, as medidas dos braços e do peito. Zoe se perguntava como seria aquele peito. Seria musculoso e rijo? Ou macio e aconchegante? Os olhos dela percorreram o tecido da camisa e caíram sobre o jeans bem ajustado que abraçava os quadris estreitos. Ela suspirou em apreço enquanto observava como o tecido desgastado dava a entender que ele posicionava o equipamento do lado esquerdo. Era só o que ela podia fazer para não sair atropelando a todos, agarrar aquele volume no jeans e conferir por si só.

Sim, o corpo dele praticamente gritava sexo para ela. Um sexo quente, desenfreado e digno de orgasmos alucinantes.

Ele sorriu para ela. Um sorriso torto e sexy que fez tocar um alarme no fundinho da cabeça de Zoe. Mas ela estava muito ocupada prestando atenção às sirenes que ressoavam em seu corpo para prestar atenção.

Aquele sorriso a içou e ela imediatamente retribuiu. De forma tão automática quanto o gesto de arquear os ombros e empinar os seios ao mesmo tempo que voltava o corpo em direção a ele. De repente, Zoe viu-se diante de uma nova missão além de agarrar Gandalf esta semana: descobrir de quantas maneiras diferentes seria capaz de fazer aquele sujeito gozar.

Capítulo 2

Dexter Drake congelou quando seu olhar encontrou o de Zoe do outro lado do salão. Mesmo a quase dez metros de distância, ele conseguia notar o brilho nos olhos dela. Se os olhos eram as janelas da alma, os de Zoe eram uma vidraça cristalina. Tudo que ela sentia estava refletido naquelas profundezas verde-garrafa. E agora o reflexo neles era uma mistura interessante de irritação e intriga. Ele gostaria de pensar que a intriga tinha algo de sexual, uma pitada de interesse por ele. Mas muito embora ele tivesse construído uma fortuna com sua imaginação, Dex não era do tipo de sujeito que mentia para si.

O mais provável é que ela estivesse tentando descobrir por que diabos, naquela idade, ele aparentemente ainda estava trabalhando no hotel de seus pais. Dex estremeceu. Não era assim que ele havia planejado saudá-la pela primeira vez depois de tantos anos. Ele havia esperado pegá-la de surpresa. De preferência quando ela estivesse a sós em vez de cercada por um bando de mulheres risonhas que o faziam se lembrar de adolescentes envelhecidas. Talvez quando ele estivesse vestido decentemente, e não, ele fez uma careta olhando para a própria calça jeans, como se ele mesmo fosse um eterno adolescente.

Independentemente da época, Dex não conseguia parar de sorrir. Nas últimas semanas, ele só conseguira pensar em seu reencontro com Zoe. E lá estava ela. Ao passo que ele teria reconhecido em qualquer lugar a covinha característica e o jeitinho maroto de inclinar a cabeça, o restante agora era uma surpresa deliciosa.

Elegante e sexy, ela não era mais uma gótica, mas sua individualidade rebelde ainda era visível. O cabelo não era mais curtinho, preto e espetado; agora batia nos ombros, numa cacofonia de cachos e mechas grossas coloridas. Ruivas,

louras e, sim, ele estava feliz em notar, ainda havia um pouco de preto ali. Ela havia perdidos as formas rechonchudas, as mesmas pelas quais ela lamentava há dez anos – e que ele adorava secretamente. A blusa preta caía numa linha reta até as coxas, porém não disfarçava o volume dos seios ou o recuo da cintura. Uma pilha de pulseiras prateadas grossas tilintava em um pulso toda vez que ela mexia o braço, e ela também usava brincos prateados.

Assim que Dex levantou a mão para acenar para ela, Zoe lhe deu uma última olhadinha duradoura. Daí se virou. Ele franziu a testa. O que estava rolando? Ele captou o próprio reflexo no espelho imenso atrás do balcão da recepção e percebeu que ele mesmo havia mudado tanto quanto ela.

Dez anos antes, ele tinha uns 30 centímetros a menos, era magrelo e usava óculos. Uma cirurgia ocular, um bom programa de malhação e a descoberta da proteína definitivamente tiveram efeito sobre o corpo dele.

Que legal. Ele ainda poderia surpreendê-la. Com isso em mente, Dex começou a circular pelo saguão. Ele se posicionou entre o grupinho de mulheres cacarejantes e a provável rota de fuga de Zoe para que pudesse cumprimentá-la assim que ela estivesse se dirigindo para o quarto que havia reservado. Ele se pôs atrás de uma das colunas de pau-rosa, cruzou os tornozelos e os braços e soltou um sorriso. Mal podia esperar para conferir o olhar de Zoe quando ela o visse.

Um ano mais novo do que Zoe, Dex tinha adiantado um monte de matérias na escola, cursando-as na turma dela. Pessoas inteligentes como eles tendiam a se unir. Mas ela nunca o enxergara como nada mais do que um parceiro. Um amigo mais jovem. Um cara engraçado que oferecia um terreno seguro e assexuado. Uma visão efeminada, sim, mas ainda assim era melhor do que a visão do restante de seus colegas, que geralmente o enxergavam apenas como o dono da grana ou das chaves de entrada para a melhor boate da cidade.

Depois que Zoe se formara e deixara a cidade, Dex perdera completamente o interesse no colégio e passara a contar os dias para a própria formatura. A bolsa de estudos para o Instituto de Tecnologia de Massachusetts fora sua passagem para além das lembranças com sua paixão não correspondida e para além das exigências sempre insatisfeitas de seu pai. A faculdade, a vida e um pouco de sorte curaram seu coração ferido. Mas ele nunca esqueceu Zoe. E agora esta era sua chance de voltar a manter contato, esperançosamente em pé de igualdade desta vez.

Ele ouviu uma das garotas bobocas perguntar:

– Então… quem você está ansiosa para rever, Zoe?

Os ouvidos de Dex, e outras partes do seu corpo, se animaram. Ele adoraria ouvi-la dizer seu nome. Uma desejo louco, uma vez que ele nem tinha sido da turma de formandos dela e ela não teria nenhuma razão para esperar encontrá-lo ali. Mas o garoto de 17 anos de idade em seu coração ainda desejava aquilo um pouquinho.

– Ah, você sabe, todo mundo – disfarçou Zoe. Dex riu. Ele sabia melhor do que ninguém que aquilo era uma bela mentira. Eles tinham passado horas a fio escondidos ali no hotel, invadindo a cozinha e lamentando a maldade de seus colegas.

– Vamos lá, deve ter alguém que você está ansiosa para rever – cutucou uma das mulheres. – Talvez o Brad?

Dex se empertigou, olhando em volta da coluna e franzindo a testa para o rosto de Zoe. Brad? Brad Young? Aquele babaca? Com uma onda horrorosa de ciúmes, Dex lembrou-se da quedinha de Zoe pelo atleta louro. Ao contrário do atleta típico, Brad não era um tapado. Só um babaca mesmo. Ele e Dex tinham disputado cabeça a cabeça nas matérias de ciência. E geralmente, lembrou-se Dex com uma risadinha, ele vencia.

– Talvez – disse Zoe, dando de ombros. Esquecendo-se momentaneamente do ressentimento, Dex observou o modo como o tecido preto delicado da blusa de Zoe se movimentava. De tato macio, o material destacava os seios arredondados. Ele passara anos sonhando com aqueles seios. Desejando-os de um jeito que apenas um adolescente inexperiente poderia desejar. E Zoe sonhando com Brad, o imbecil.

Dex rangeu os dentes. E pelo que parecia, Zoe ainda sonhava com o outro.

– Na verdade, parece que Brad se deu muito bem – disse ela usando o tom despretensioso que as pessoas costumavam usar para fingir que não se importavam. – Mas Julie mencionou que ninguém tem certeza de como isto aconteceu. Parece ser um mistério. Alguém tem uma pista?

Ela fez a pergunta com o entusiasmo e verve que sempre inspiraram Dex a cometer os atos mais insanos. Como encher o laboratório de papel higiênico, esvaziar os pneus dos carros de toda a equipe de atletismo e adulterar os microfones para fazer com que todos na equipe de debates soassem como o Pato Donald.

– Ouvi dizer que foi no mercado de ações. Ele caiu fora pouco antes de Wall Street despencar no ano passado – explicou uma das ruivas.

– Tem certeza? – questionou sua gêmea idêntica. – Eu soube que ele está

fazendo algo criativo com sua licenciatura em Ciência da Computação. Escrevendo programas ou algo assim.

– Não, não, não – interrompeu a terceira mulher. – Ele herdou uma grana do bisavô.

As três mulheres ficaram comparando as fontes de fofoca enquanto Zoe observava, paralisada, como se a resposta para o sucesso de Brad significasse a paz mundial ou a invenção de um chocolate livre de calorias.

Dex enfiou os punhos nos bolsos e chutou a pilastra. Depois de todos esses anos, de toda a sacanagem que o sujeito havia feito para ela, e Zoe ainda queria vê-lo? Será que ela não aprendia nunca?

Diabo, e ele, também não aprendia? Quando sua mãe lhe contara que a turma de Zoe ia realizar um reencontro no hotel, ele ficou intrigado. E quando ela mencionara que Zoe tinha reservado um quarto, ele não fora capaz de resistir a uma viagem para casa. Mesmo que isso significasse enfrentar seu pai em sua insistência eterna para que, em vez de abrir o próprio negócio, Dexter investisse todas as economias no Hotel Drake, e aguentar sua mãe choramingando que ele estava arruinando a própria vida abandonando o emprego bem remunerado como designer de jogos eletrônicos e buscando a rotina de empreendedor. Usando uma de suas duras lições aprendidas no colégio, Dex lidou com a negatividade dos pais gastando um bom dinheiro para proporcionar férias luxuosas aos dois e garantindo que cuidaria do hotel enquanto eles estivessem fora.

Qualquer coisa por uma oportunidade de sair com sua melhor amiga outra vez. E sim, ele admitia para si, uma chance de alimentar a pequena esperança de que ele e Zoe pudessem ser um pouco mais do que amigos neste momento. Ele imaginava os dois aninhados na casa da árvore atrás da estalagem onde tinham planejado tantas escapadas adolescentes. Em sua imaginação, o doce corpo de Zoe estaria nu enquanto ela pairasse perto dele, dizendo que ele era imenso e instando-o a novos patamares de prazer.

Quem disse que não se pode voltar no tempo? Dex sorriu. Cinco minutos na presença dela e ele já estava fantasiando como um garoto de 17 anos outra vez.

– Fiquei surpreso porque nem as carreiras nem as biografias foram listadas no programa do reencontro – disse Zoe, voltando a atenção ao grupo risonho. – Quero dizer, não estamos todos aqui para saber o que o pessoal da turma tem feito? Achei que o sucesso de Brad seria o assunto da reunião.

A esperança de Dex, dentre outras coisas, murchou diante daquelas palavras.

– Faço parte do comitê da reunião – disse a senhora loura cheia de pompa. – Nós queríamos tornar o momento divertido, envolver todo mundo numa brincadeira ou duas. Você sabe, algo como "adivinhe as profissões". É por isso que decidimos dar o pontapé inicial hoje à noite com a festa a fantasia. É tudo parte do tema. Você não leu seu pacote de boas-vindas? Você deve dar pistas, mas manter sua profissão em segredo. Na quarta-feira, vamos fazer uma brincadeira e aí todo mundo vai poder se revelar.

– Que adorável – disse Zoe sem emoção, o sorriso tenso. – E isso deveria ter alguma relação com nosso traje? Essa coisa toda da profissão?

– Bem, sim – disse a loura, revirando os olhos. – Mas é para ser tipo um enigma. Não é para entregar totalmente.

Pela careta infinitesimal de Zoe, seu enigma ia ser descobrir como transformar o que quer que fosse seu traje em algo relacionado ao seu trabalho. Dex mal podia esperar para descobrir o que ela terminara fazendo da vida. Ele tentara descobrir algumas vezes ao longo dos anos, mas nunca tivera muita sorte. Zoe sequer tinha perfil no Facebook. Era bem confuso.

– Aposto que Candy Love vai vir vestida como uma espécie de supermulher. Ela é tão perfeita, não é? Mal posso esperar para saber o que ela tem feito – disse uma das ruivas.

A expressão de Zoe foi impagável. Se Dex bem se lembrava, e quando dizia respeito a Zoe ele sempre se lembrava, ela odiava Candice. E com bons motivos. Tal como Brad e ele, as duas meninas tinham sido grandes rivais nos assuntos acadêmicos, com Zoe sempre vencendo na maioria das vezes.

– Acho que verei vocês mais tarde – foi só o que ela disse. – O voo foi longo e estou um pouco cansada. Eu poderia muito bem ignorar a festa à fantasia e conversar com todo mundo amanhã.

– Ah, não – cantarolaram as ex-líderes de torcida em perfeita harmonia. Todas riram, em seguida, uma das ruivas disse: – Você tem de vir para a festa de boas-vindas. Afinal, Brad vai estar lá.

Os ombros caídos de Zoe se aprumaram diante da informação e ela ficou tamborilando no quadril como se estivesse pesando suas escolhas. Então deu de ombros e respondeu:

– Claro. Vejo vocês lá. – Ela ajeitou a bolsa no ombro e se preparou para sair, porém hesitou e falou: – Se você virem Brad, digam que eu gostaria de falar com ele, tá?

Ela cruzou o saguão, passando longe da pilastra atrás da qual Dex estava

escondido. Franzindo a testa, ele ficou observando o requebrar dos quadris enquanto ela se retirava, mas não se dando ao trabalho de segui-la.

Brad Young. De novo.

Dex enfiou as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, grunhindo baixinho. Ele estaria ferrado se perdesse sua última semana de férias assistindo à mulher por quem havia cruzado o país caindo de amores por outro cara. Principalmente seu velho inimigo. Mas que droga ter de passar a semana assumindo uma posição secundária em relação àquele idiota do Brad na busca pela atenção de Zoe; exatamente como tinha acontecido durante toda a vida escolar deles.

Não que Dex achasse ter qualquer direito sobre Zoe. Que inferno, dez anos tinham se passado e ele sabia que ela nunca o enxergaria como nada além de um amigo. Claro, ele fantasiara que mudaria o ponto de vista dela, mas eles sequer eram capazes de se reconhecer agora. E a última coisa da qual ele precisava neste momento de sua vida era enfiar-se em um relacionamento. Então não, não importava como seu cérebro analítico tentava rotular aquela sensação, mas aquilo não era ciúme.

Brad Young era um babaca. Um babaca classe A que sempre se destacara. Ah, claro, ele sempre aparentara ser o Sr. Amigável. Apesar das competições acadêmicas, ele sempre fizera das tripas coração para ser amigo de Dex, sempre convidando-o para sair. Só que estas eram sempre na sala de recreação do Hotel Drake e era sempre Dex quem pagava a conta. Quando Dex ficara mais esperto e chamara a atenção de Brad, este negara que os convites tivessem a ver apenas com isso. Mas, no momento em que a carteira de Dex se fechou, os convites cessaram.

O que realmente chateava Dex, porém, era que Brad tinha usado Zoe. Tipo usá-la para escrever seus trabalhos de escola, se fingir de amigo enquanto zombava dela pelas costas. Ele dera a ela um apelido nojento de virgem mais velha do mundo ou coisa assim. Tudo porque ele tinha perdido uma aposta com seus amigos de futebol, de que conseguiria transar com ela no drive-in.

Dex não achava que um idiota como aquele fosse capaz de mudar ao longo do tempo. Por isso, era sua função proteger a velha amiga. Embora tivesse uma casca bem dura, Zoe era sensível. Nesta semana ele teria de certificar-se de que ela não seria usada ou magoada.

Sim. Era isso. Era para o bem dela que ele estaria fazendo o máximo para monopolizar seu tempo e mantê-la longe de Brad. Definitivamente não tinha nada a ver com ciúmes.

Assim que Dex estabeleceu tal mentira em sua cabeça, as gêmeas passaram, serelepes, os quadris requebrando enquanto elas cochichavam. Uma delas avistou Dex e parou, ergueu uma sobrancelha e lhe deu uma bela examinada.

– Bem, olá. Você está aqui para o reencontro da turma? – quis saber ela com um ronronar gutural.

– Não – disse Dex, um pouco tenso ao captar o real sentido da expressão *devorar alguém com os olhos*. Aquilo o fez querer colocar mãos protetoramente sobre suas partes íntimas. – Ano errado.

– Que pena. Talvez possamos conversar sobre o presente em vez de nos concentrarmos no passado – murmurou ela antes de permitir que sua irmã a puxasse para longe.

Que o chamassem de covarde, mas foi só o que ele conseguiu fazer para não fugir.

– Dexter.

E eis ali uma voz que nunca lhe inspirava o desejo de escapar. Com um sorriso relutante, ele se virou para a mulher idosa.

– Vovó, pensei que você estivesse arrancando toda a grana de Las Vegas – disse ele enquanto se curvava para abraçar sua avó baixinha. A fragilidade sob suas mãos era uma ilusão, ele sabia. Essie Drake era a mulher mais forte do mundo.

– Vegas está acabada – disse ela com um suspiro. Ainda usando a roupa de viagem, um agasalho de tecido vermelho felpudo, com o cabelo branco cheio de cachos e os óculos bifocais de armação dourada, ela devia se parecer a Mamãe Noel. Só que era muito baixinha, magra, e se Dex fosse ser sincero, impertinente para ser a senhora tão santificada. Em vez disso, vovó parecia um duende travesso que tinha colocado salitre no chocolate quente do Papai Noel e pichado o trenó.

Ela era a pessoa favorita dele. A campeã absoluta. E a maior dor de cabeça do mundo. Mas a presença dela compensava qualquer aborrecimento.

Os pais de Dex nunca foram capazes de compreender o fascínio dele por jogos eletrônicos. Eles sempre consideravam este um mau hábito que ele deveria superar. Eles ficaram empolgados quando ele foi para a faculdade. Muito embora seu pai sempre dissesse que só estava bancando as despesas da faculdade de Dex para que seu filho pudesse ganhar muito dinheiro e apoiar os negócios da família depois que se formasse. E ainda que tais despesas tivessem sido triviais, considerando que Dex tinha uma bolsa de estudos integral, seu pai nunca negara

a expectativa. Não foi surpresa nenhuma seus pais terem ficado furiosos quando, oito anos antes, Dex decidira largar a faculdade e seguir sua paixão.

Mas vovó? Ela vibrara e o incentivara a se estabelecer por conta própria. Com fé e incentivo dela, sempre lhe dando apoio, ele pudera combinar o currículo de design gráfico adquirido na faculdade, sua obsessão por computadores e a imaginação vívida – a qual ele sempre escondera por medo de ser zombado na escola. O resultado? Uma carreira altamente bem-sucedida como desenvolvedor de jogos eletrônicos. Mas como que dando aval às preocupações e as de seu pai – e à vergonha de partilhar seu lado criativo –, Dex sempre trabalhara usando um pseudônimo, desde seu primeiro jogo, o qual reproduzira, e ridicularizara, a cidadezinha de Idaho fundada pelos antepassados de seu pai. Devido à sua discrição, e à campanha constante de sua avó, seus pais por fim toleraram sua escolha profissional; pelo menos o suficiente para permitir que ele voltasse para casa nas férias. Os baldes de dinheiro que ele ganhara também não foram exatamente ruins. Engraçado como o dinheiro sempre comovia as pessoas. Por toda sua vida, o dinheiro sempre lhe abrira portas. Amigos, convites, oportunidades de sair com os mais populares.

Zoe fora a única a não se preocupar com as posses dele. Ela simplesmente o aceitara pelo que ele era, não pelo que ela poderia usufruir. O que elevava o número de pessoas que haviam agido assim para um total de duas. Zoe e vovó.

– A sua gatinha já chegou? – perguntou a avó, olhando pelo saguão. – Será que eu não a vi chegando?

– Foi por isso que você voltou mais cedo? Vai tentar dar uma de cupido de novo? Olha, vovó, eu não tenho uma gatinha. Eu só estou aqui para ajudar mamãe e papai antes que eu fique ocupado demais para vir para casa.

Vovó balançou a cabeça, um olhar de censura nos olhos azuis brilhantes.

– Dexter, eu enxergo as coisas. E vejo que em breve você vai estar dando uns pegas na gatinha.

O queixo de Dex caiu.

– Dando uns pegas? Onde você anda aprendendo essas coisas?

Ele ignorou o comentário sobre "enxergar" coisas. Vovó tinha mania de se achar a vidente. Ela afirmava ter sonhos premonitórios e vivia carregando um baralho de tarô. E para desgosto dos pais de Dexter, ela gostava de montar uma mesa no saguão do hotel e oferecer leituras para os hóspedes crédulos. Recentemente, vovó havia levado seus dons estrada afora, numa tentativa de complementar a renda da aposentadoria apostando em cassinos. Até agora, ela

havia feito três viagens para Las Vegas e cinco para Reno, e o máximo que ganhou foi um enorme macaco de pelúcia vestido como o pianista Liberace.

– Admita, você está aqui para encontrar seu verdadeiro amor – cutucou a avó, enganchando a mão no braço dele para ser guiada para fora, até seu chalé num terreno particular ali perto.

A imagem de Zoe surgiu na mente de Dex. Mas não era em amor que sua imaginação estava interessada, uma vez que ela estava nua e relaxada em sua cama.

– Nada de amor verdadeiro, vovó. Eu não tenho tempo. – Ou, mais precisamente, o amor não tinha tempo para ele. Dex tinha tentado se apaixonar, ele realmente quisera acreditar no doce mito das emoções incondicionais. Mas o amor, tal como sua infância, sempre vinha com um preço: dinheiro, favores, contatos.

Vovó fungou e empinou o queixo fino.

– O amor não tem hora para acontecer, sabe. Seria bom você encontrá-la nesta semana, antes de arriscar tudo nesse seu negócio maluco.

– Eu pensei que você gostasse de apostas. – Foi tudo o que ele disse. Dex ouvira todos os motivos pelos quais sua família não queria que ele prosseguisse com seus planos. Quatro gerações dos Drake tinham administrado o hotel e agora era responsabilidade dele mantê-lo na família. Seus pais até iriam tolerar que ele não trabalhasse diretamente dentro do hotel, mas a tradição familiar exigia que ele ajudasse a manter o negócio à tona nesse período econômico tão difícil. Blá-blá-blá.

Mas quando suas férias terminassem, na próxima segunda-feira, ele faria a maior mudança de sua vida adulta. Ia largar o conforto do emprego bem remunerado na Leeton Games e investir todos os seus recursos para iniciar a própria empresa. Anos de sonhos, meses de planejamento, e era hora de agir. Um manto familiar de tensão estava sendo colocado em seus ombros e Dex tentava se desvencilhar dele. Afinal de contas, o dinheiro não o preocupava muito. Nem o risco, muito embora este fosse imenso, considerando que o sujeito que havia elaborado seu plano de negócios e que deveria entrar como seu empresário tinha desistido da empreitada, citando preocupações sobre ter de abrir uma empresa sem poder usar o título principal de Dex para chegar à fama. Seu pseudônimo.

Mas Dex tinha um acordo com a Leeton Games. Quando ele havia começado lá, o pseudônimo tinha sido uma ideia sua, mas a notoriedade que ele construíra

ao longo dos anos atraíra um monte de elogios para a empresa. Em troca de abrir mão de todos os direitos em cima do pseudônimo, e para manter o silêncio durante três anos, eles pagariam a ele o suficiente para lhe garantir uma vida confortável durante um ano, até que ele estabelecesse sua nova empresa.

Dex tinha fé suficiente em suas habilidades e em seus talentos para saber que a empresa de computação gráfica iria decolar.

Mas era uma pena que seu alterego, Gandalf, tivesse de ser jogado na pira do sacrifício em nome de um seguro empresarial.

– JÁ CONSEGUIU encontrar o Gandalf? – perguntou Meghan no viva-voz do telefone. Suas palavras soaram impacientes, o tom equivalente a um empurrão irritado na costas de Zoe.

Zoe fez uma pausa na desarrumação das malas para balançar a cabeça diante do telefone.

– Estou aqui há uma hora, Meg. Não é como se o cara fosse estar usando uma placa ou algo assim. As maiores empresas de jogos têm tentado descobrir a identidade dele há anos e não conseguiram. Mas você acha que tudo que eu preciso fazer é passear no hotel e, puf, ele vai se materializar? Eu sou boa, mas não tanto.

– Se tem alguém que pode fazer isso, esta pessoa é você – insistiu Meghan. – Mas você tem de conversar com as pessoas. Você sabe disso, certo? Você saiu fazendo perguntas ou simplesmente fez o check-in e tomou um atalho para se esconder no seu quarto?

– Eu conversei, eu perguntei. Estou tentando, tá bom? – O tom irritado de Zoe contrastou fortemente com o pânico subjacente na voz de sua cunhada. Zoe respirou fundo e tentou se acalmar. – Não se estresse tanto, tá legal? Se o cara estiver aqui, eu vou descobrir. – Zoe se lembrou da informação de uma das gêmeas a respeito de Teresa Roberts, porém descartou a ideia. Gandalf tinha de ser um cara.

– Qual é o seu primeiro passo? O que você vai fazer esta noite?

Zoe fez uma careta. Tinha esperanças de que Meghan não fosse perguntar isso. Ela odiava momentos do tipo eu-te-disse. Na esperança de evitar mais um, ela falou rápido:

– Pensei em ficar no meu quarto esta noite. Você sabe, fazer um pouco de pesquisa na internet, fazer contato com algumas pessoas do ramo e ver se elas

têm alguma pista. E eu ainda preciso descobrir como convencer o tal cara a trabalhar para Zach, uma vez que eu encontrá-lo. Tenho algumas ideias, mas preciso refiná-las antes de eu levá-las a Zach, já que a empresa e o dinheiro são dele.

– Não – interrompeu Meghan. – Deixe para falar com Zach só depois de encontrar o tal Gandalf.

Zoe riu com escárnio.

– Vamos esconder todo este enredo, é isso?

O bufar de Meghan ressoou pelo telefone, fazendo Zoe rir alto.

– Por que você não vai à festa a fantasia hoje à noite? – questionou Meghan. Zoe parou de rir.

– Você estava certa – admitiu ela com um suspiro. – Os trajes são obrigatórios para participar do evento. A regra é usar um traje que represente sua carreira. Eles criaram um monte de eventos durante a semana para forçar as pessoas a conhecer umas às outras novamente. – Zoe manteve a postura *Como se eu desse a mínima*, imaginando que Meghan ia mandar ver no sermão outra vez.

– Você precisa ir.

– Não, não preciso – rebateu Zoe, imaginando que Meghan a mandaria ir de pijama caso desse a mais ínfima das aberturas para discussão.

– Você vai. Você precisa ir. É o jeito perfeito de eliminar os membros que não interessam à sua pesquisa. É só verificar as fantasias de cada um, certo? Então você tem de ir. E para ter certeza de que você vai, já cuidei de tudo – disse Meghan num tom suplicante, porém mandão, que deixou Zoe cheia de culpa. – Eu encomendei uma fantasia para você. Deve ser entregue a qualquer momento.

Com um suspiro, Zoe expressou sua gratidão relutante enquanto abria o laptop e o ligava. Dois cliques e ela abriu seu e-mail.

– Sensacional – exclamou ela, todas as visões de roupas estúpidas flutuando em sua mente.

– O quê? Seu traje já chegou?! – exclamou Meghan.

Zoe sorriu, o prazer surgindo dentro dela quando sentou-se de pernas cruzadas sobre a cama e puxou o computador para mais perto de si.

– Não. Melhor ainda. Dex está aqui.

– O que é um Dex?

– Minha tábua de salvação para a sanidade – respondeu Zoe, inclinando-se para trás na pilha de travesseiros macios enquanto era tomada pelas lembranças. – Costumávamos andar juntos. Ele era tão nerd quanto eu, totalmente obcecado

por Dungeons and Dragons, RPG, esse tipo de coisa. Os pais dele são donos deste hotel.

Zoe examinou a mensagem novamente e disse a Meghan:

– Acho que ele está aqui esta semana para ajudar. Foi assim que ele conseguiu meu e-mail, no registro do quarto.

– Então o que você vai fazer? Vão rolar alguns momentos quentes? Você já não tem coisas suficientes para fazer sem precisar arrumar distrações também?

Uma imagem do gato no saguão passou pela cabeça de Zoe. Aquele cara tinha tudo a ver com momentos quentes. Mas Dex? Ela riu. Ele era três centímetros mais baixo do que ela, tímido ao ponto de gaguejar e, considerando a obsessão dele por andar com outros homens, possivelmente gay. Ir para a cama com Dex? Dificilmente.

– Não, Dex e eu somos apenas amigos – replicou Zoe a Meghan, evitando a repreensão sobre a distração sexual. Afinal, ela era bem capaz de fazer malabarismos com duas coisas ao mesmo tempo. Principalmente se uma delas tivesse ombros largos como os do sujeito no saguão. – Dex é muito legal – continuou. – Fiquei chateada quando perdemos contato depois que saí da escola. Vai ser ótimo conversar com ele, ver o que ele tem feito.

Ela examinou o e-mail novamente, notando que ele havia mencionado que estava apenas visitando a cidade. Isso significava que ele tinha ido embora também. Eles teriam um monte de papo para botar em dia.

– Apenas não perca seu objetivo de vista – repreendeu Meghan. – Então ela começou a reiterar sugestões sobre como encontrar Gandalf. Zoe ouviu de maneira rasa enquanto fazia uma pesquisa na internet, tentando descobrir o que Dex tinha feito nos últimos dez anos.

Uma batida soou à porta. Ela afastou o laptop e disse a Meghan para esperar enquanto ia atender a porta. Uma mensageiro entregou-lhe uma caixa grande, dando um sorriso malicioso. Zoe olhou para a etiqueta, Vestida para Arrasar, e revirou os olhos.

– Festa à fantasia – disse ela ao entregador engraçadinho.

– A-hã – respondeu ele enquanto enfiava a gorjeta no bolso, afastando-se em seguida.

Zoe torceu o nariz para as costas dele, querendo explicar que, se estivesse na pista para arrasar, não deixaria isto claro numa caixa de papelão. Antes que pudesse fazê-lo, porém, ouviu o berro de Meghan no telefone:

– Já chegou? É a fantasia?

Olhando a etiqueta de novo, Zoe fechou a porta e colocou a caixa em cima da cama.

– Você deve estar brincando. Você procurou um lugar chamado Vestida para Arrasar? Será que eu realmente quero abrir este pacote, Meghan?

– Por mais tentador que fosse te arranjar um traje perverso e divertido, tipo uma fantasia de espiã, eu escolhi a Betty Boop – disse Meghan com uma risada. – Eu percebi que era seu desenho animado favorito. Betty é sexy e divertida, e ela está sempre envolvida em um monte de coisas diferentes. E ela pode acabar com as fofocas sobre virgindade pelas quais você é tão obcecada.

Zoe revirou os olhos de novo e ignorou o insulto enquanto pegava uma lixa de unhas de metal na bolsa e começava a cortar a fita de embalagem. Zoe encontrou um enorme saco branco de tecido e jogou o que parecia ser o recibo de volta na caixa, a qual então foi empurrada ao chão para que ela pudesse pousar o pacote sobre a colcha.

– Então, como posso transformar a Betty Boop em um enigma que diga consultora-de-carreira-barra-gerente-de-negócios-barra-quebra-galho-com-problemas-para-se-comprometer? – perguntou ela enquanto abria o zíper do saco de tecido.

Meghan bufou.

– Eu não sabia do lance de precisar ter a ver com a profissão quando pedi a roupa. Mas no seu caso, você pode simplesmente usar tênis e carregar seu BlackBerry e uma arma de brinquedo.

O sorriso de Zoe desbotou para uma careta quando seus dedos encontraram couro. Betty Boop não usava couro, usava? Ela puxou o cabide do saco, segurando a roupa estendida diante de si.

– Mas que droga. – Ela deixou o cabide cair e deu um pulo para trás, olhando boquiaberta e horrorizada para o monte de couro preto colante sobre sua cama. Seus olhos se voltaram para o restante da roupa, a qual tinha caído do saco no momento em que ela retirou a fantasia dele. Um colar cravejado de tachinhas, máscara preta e chicotinho.

Choque, fascínio e uma vontade louca de rir vibraram no estômago de Zoe enquanto ela admirava o traje.

– Você devia ter escolhido a fantasia de espiã. De jeito nenhum que vou descer usando isto. – Zoe olhou para o couro preto novamente e não conseguiu segurar a risada. – Embora eu tenha de admitir, ninguém jamais iria me chamar de virgem novamente depois que eu entrasse na festa vestida de dominatrix.

Capítulo 3

– Não acredito que estou fazendo isso – gemeu Zoe enquanto puxava a saia de couro e rendas para baixo, por cima das meias arrastão, tentando cobrir o bumbum. Ela parou pela terceira vez em sua marcha pelo corredor do hotel, relutante em dar o passo final até o elevador e comprometer-se àquela piada de uma noite só. – Eu devia ter vindo de pijama e ter dito que trabalho interpretando sonhos.

Mas não. Ela rebolou e se enfiou no traje de couro. Por quê? Porque seu irmão estava contando com ela. E, conforme Meghan apontou, se não o fizesse, não só estaria perdendo uma oportunidade importante para rastrear Gandalf, mas também seria vista como uma covarde. Uma fracassada.

As portas do elevador se abriram. Esta era sua última chance de recuar. Zoe respirou, inflou as bochechas e depois deu de ombros. Um último lembrete, de que não se importava com o que as pessoas pensavam dela, daí exalou bruscamente, entrou, virou-se e apertou o botão que indicava o saguão.

Sozinha no elevador, ela inspecionava o próprio reflexo. Tinha se recusado a usar as botas sete oitavos de napa sintética Em vez disso, preferira usar as próprias botas de cano curto. Sapatos sensuais eram obrigatórios, mesmo quando contrabalançados por meia arrastão e tachinhas.

A maioria do traje consistia no par de botas e em uma saia de couro cheira de babados de renda grande, babados minissaia de couro e renda, com sua inclinação para o recato. O restante era formado por top de biquíni preto, alças finas ligadas a uma gargantilha cravejada de tachinhas e uma calcinha mínima

escondida pela saia. Punhos cravejados e um chicotinho de couro completavam a fantasia.

Pelo menos, ela assegurava a si enquanto puxava a saia novamente, seu corpo estava muito bem coberto. Isso se você considerasse a meia arrastão e as tiras de couro como cobertura.

Um belo jeito de causar uma impressão daquelas depois de dez anos. Percebendo que estava surtando com as mesmas pessoas que a haviam julgado tão rudemente antes, Zoe repetiu para si que não estava nem aí para o que todos achavam. Ela aprumou os ombros e inflou o peito. Então olhou para baixo. Talvez não tanto; ela fez uma careta quando notou as tachinhas no couro preto e empertigou a coluna. Não fazia sentido ferir ninguém acidentalmente antes de encontrar Gandalf. Além disso, raciocinou, havia passados todos os anos de colegial vestida de gótica. Como isto poderia ser tão diferente? Ainda de preto, ainda cheia de atitude. Só usando um pouco menos de… tecido. E desta vez Zoe tinha em mãos um chicotinho para lidar com qualquer um que ficasse esnobe.

Rindo da ideia, Zoe deu um tapinha no BlackBerry preso à cintura. Uma vez que quase todos os trabalhos de resolução de problemas que ela havia assumido no ano anterior estavam ligados a comunicação, o telefone era a única pista sobre sua profissão atual.

Isso sem falar em seus meios de fuga. Dex dissera que faria contato com ela em algum momento nesta noite, para que pudessem conversar. Ela só esperava que fosse durante a festa.

Quinze minutos depois e Zoe só conseguia rir e balançar a cabeça. Qual era o prazo de validade da imaturidade? Vinte e oito anos de idade e aquelas pessoas ainda agiam como adolescentes. E ela achando que os rapazes ao menos haviam aprendido algumas cantadas novas.

Batendo o chicotinho na coxa, ela atravessou o salão úmido, barulhento.

– Você cobra por hora? – perguntou um sujeito quando ela se virou de lado para tentar passar por ele e chegar à mesa da comissão.

– Sou muito cara para você – disse Zoe com uma piscadela e um aceno com o chicote. Ela o reconheceu: tinha feito parte do time de futebol. Se ele a tivesse reconhecido, teria cruzado as pernas para se proteger.

No momento em que ela chegou à mesa para fazer se registrar, já havia recebido cinco cantadas, oito insultos, e muito embora ninguém a tivesse reconhecido, ela fora tratada com o mesmo desdém tão odiado na época da escola.

Realmente era como nos velhos tempos.

Ela afastou a dor automaticamente, se agarrando com firmeza à velha postura do vá-se-ferrar, e empinou o queixo.

– Zoe Gaston, vim me registrar – disse ela para a cachorrinha do outro lado da mesa. A mulher estava usando uma roupa coberta de pele, orelhinhas caídas, nariz pintado de preto e bigodes.

– Gaston? – A cadelinha correu a pata pela lista, encontrando o nome de Zoe e, enquanto seus olhos se arregalaram quando ela flagrou a roupa de couro preto, ela simplesmente sorriu e entregou um crachá a Zoe. – Por favor, passe na cabine de fotos.

– Para quê?

– Todo mundo cuja fantasia se qualifica para o concurso tem de tirar uma foto.

– E quais são os critérios?

– Que seu traje não entregue sua profissão – disse a canina, e então piscou. – Estou supondo que você não se sustente distribuindo palmadas por aí.

Zoe piscou, surpresa com o sorriso e a brincadeira amigável, em seguida riu e disse:

– Não, as palmadas mal rendem o dinheiro do supermercado – disse antes de retribuir o sorriso e seguir para a fila das fotos.

Zoe disse "X". O fotógrafo, que ela reconheceu como seu antigo professor de educação física, avisou que ela estava liberada, e quando ela se levantou do banquinho, ele comentou:

– Sua roupa é a melhor, depois da do Brad.

– Brad Young? – perguntou ela. – Qual é a fantasia dele?

– Ele veio de mago. Com uma bela capa. – Com isso, o sujeito virou-se para a pessoa seguinte, a câmera no ponto e Zoe já esquecida.

Brad. Era de se imaginar. Todos os sinais vinham apontando para Brad Young, e agora ele estava vestido de mago. Será que isto não dizia tudo? Zoe balançou a cabeça. Dentre todas as possibilidades, tinha de ser logo o sujeito que a havia rejeitado. Ela obrigou-se a sair da lamentação mental. Não estivera preparada para encarar Brad há dez anos. E nem agora. Dessa vez ela estaria no comando e ele ficaria grato. Ela o encontraria, talvez até flertasse um pouco. Se ele fosse Gandalf, ela entraria em contato com Zach, descobriria o que ele gostaria que ela fizesse, daí cairia fora de Dodge. E deixaria Brad Young comendo poeira depois de sua partida. Perfeito.

Com os olhos buscando um chapéu pontudo, Zoe revisou seu plano para a noite. Entrar em contato com Brad era a tarefa número um da missão Gandalf. Ela batia o chicote na coxa nervosamente conforme a tensão pela expectativa se revirava em sua barriga. Mal podia esperar para ver a expressão de sua antiga paixão quando ele percebesse do que tinha desistido para perseguir um par de pompons.

Advertindo-se para não soar muito arrogante ou concentrada demais na possibilidade de Brad ser seu alvo, ela examinou o ambiente. Havia três outros caras cujas carreiras Zoe não tinha conseguido verificar antes da reunião. E como não havia nada além das fotos de formatura para confirmar suas identidades, imaginava que deveria conferir os crachás e as pistas oferecidas pelas fantasias. Qualquer um que ostentasse um controle de videogame estaria em sua lista a ser acompanhada.

– Ora, ora. Você ainda não conheceu outra cor além de preto, hein?

Com o queixo empinado, Zoe virou-se. E cerrou a mandíbula enquanto forçava um sorriso.

Candice Love. A rainha do baile, chefe das líderes de torcida e a garota com maior probabilidade de ter o mundo curvado a seus pés.

Que beleza.

Zoe endireitou os ombros, inclinou o quadril para um lado e ergueu o queixo. A postura em seu resgate.

– Mal pude acreditar nos meus ouvidos quando Julie me contou que você estava aqui. Zoe Gaston, a nerd virgem. – Candice deu um risinho gelado enquanto examinava Zoe de cima a baixo com aqueles olhos azuis artisticamente arredondados. – Você sabia que a fantasia tinha de dar pistas para que adivinhassem sua profissão, certo? E não para tentar negar o apelido da escola…?

Zoe inspecionou o figurino da loura, então arqueou uma sobrancelha.

– Sério? E você percebeu que estamos no século XXI, certo? E não no século XX? Ou a vida tem sido tão ruim desde a escola que você tem feito questão de viver no passado?

Uma pergunta um tanto pertinente, uma vez que Candice estava vestindo uma roupa de líder de torcida. Não era exatamente igual àquela que ela usara na escola; em vez de um *C* no suéter decotado, havia o desenho de uma abelha usando uma coroa e um monte de abelhinhas enfileiradas, como se fossem a corte. Que diabos? A vadia abelha-rainha agora era uma descrição de cargo ambulante? Ao contrário das esperanças mesquinhas de Zoe, Candice não ficara

caída, feia ou se transformara em um sapo na última década. Não. A loura ainda estava esbelta, vivaz e bonita. Era de se imaginar.

– Estou fantasiada – desdenhou Candice. – Aparentemente ambas nos agarramos um pouco aos nossos personagens do ensino médio, hein?

Charmosa como sempre. Zoe concluiu então que não ia conceder a Candice nem mais um segundo além do tempo necessário. Roubar Gandalf de debaixo do narizinho da outra seria sua recompensa para resistir à vontade de lhe dizer uns impropérios.

– Aparentemente – foi tudo que Zoe disse, fazendo um floreio com seu chicote e enrugando a testa. – Se você me dá licença, preciso encontrar uma pessoa.

Os olhos azuis se estreitaram diante da dispensa. Zoe teve o prazer em desdenhar da mulher que agitava tão facilmente todas as suas inseguranças.

Batendo o chicote na coxa, saiu andando pelo salão barulhento e calorento, rumo ao jardim escuro, deixando que a noite preta feito breu a envolvesse em sua obscuridade. Ela respirou fundo, revigorando-se, e fechou os olhos. Mais duas respirações e ela podia sentir os ombros sob as cordas da tensão.

Bem. Isso teria sido divertido. Não.

Absorvendo a serenidade do jardim enluarado, Zoe respirou fundo mais uma vez e tentou incentivar-se a retornar para o salão de festas. Gandalf estava lá dentro. Ela estaria ferrada se deixasse que Candice e seus pompons a intimidassem e a fizessem perder o controle.

– Pode me bater, me torturar, me obrigar a participar de uma reunião de ex-alunos…?

Zoe virou-se para enfrentar o dono da voz grave e máscula. Ela espiou através da escuridão, sendo capaz de distinguir apenas o corpo fantasiado, uma vez que o rosto do sujeito ainda estava nas sombras. Ainda assim, o calor exalou e um sorriso largo e grato tomou os lábios dela.

Oláááá, gostosão.

Ofegante, ela o encarou. Encostado à parede, o sujeito era puro sex appeal. Ela semicerrou os olhos, tentando distinguir a fantasia dele. Calça de couro apertada, uma camisa solta e uma espada imensa. Entre a luz fraca do jardim e o que parecia ser uma grande máscara ao estilo Zorro, ela mal conseguia enxergar o rosto dele. No entanto, aquele corpo era uma obra de arte. Alto, esbelto porém musculoso, e Zoe só conseguia pensar em se apoiar naquele peito e experimentar a eficácia dele. A capa preta completava o visual misterioso.

– Está se divertindo? – quis saber ele, a pergunta fazendo-a se lembrar do

primeiro comentário dele.

– Dificilmente. Para falar a verdade, teria sido necessário uma surra também para me fazer comparecer se eu soubesse que seria tão ruim – admitiu ela.

– O tempo cura todas as feridas? – arriscou ele com uma voz provocante.

– Ou afia todas as garras.

– Uma bela visão, vindo de uma mulher vestindo couro e tachinhas – brincou ele, o tom de voz baixo e rouco, quase como se ele estivesse resfriado ou disfarçando a voz do mesmo jeito que disfarçava o rosto sob a penumbra. Ele tinha um leve sotaque, o qual dava uma dose extra de romance a suas palavras sexualmente carregadas. No entanto, Zoe não conseguia identificar de onde ele era.

Mas havia algo de familiar nele. Algo nada surpreendente, dadas as circunstâncias, mas ainda assim ela desejava saber quem era o sujeito. Percebeu a capa e recordou-se do comentário do fotógrafo. Mas, muito embora já tivessem se passado dez anos, aquele cara em nada lembrava Brad.

– Quem é você? – perguntou ela.

– Aragorn.

Ela semicerrou os olhos. Não era um personagem de *O senhor dos anéis*? Ela examinou o traje de novo e tentou se lembrar do filme. Ao contrário de alguns de seus amigos, ela não havia lido os livros. Em vez disso, optara por ver nos cinemas, para poder conferir o galã principal e o louro bonito que fazia papel de elfo. Ela lamentou não ter prestado mais atenção aos nomes, mas com todos aqueles colírios na tela, acabara ficando bem distraída.

– Que tal seu nome verdadeiro? – incitou ela.

– Não. É uma festa à fantasia. Acompanhe o mistério.

Zoe ficou pensando. Poderia ser Brad debaixo daquela máscara. Melhor ainda, poderia ser Gandalf. Ou ela estava apenas justificando sua necessidade de passar um tempinho com o sujeito que a fez ter pensamentos safadinhos com apenas algumas palavras?

– Que tal uma pausa? – sugeriu ele. – Recupere o fôlego antes de voltar para chicotear aqueles traseiros e fazê-los implorar.

Ele deu um sorriso charmoso de canto de boca em reação à risada zombeteira dela, então apontou para o caminho que conduzia para o caramanchão.

– Talvez um passeio ao luar?

Quando ele gesticulou, a sua capa caiu para trás. Agora Zoe conseguia enxergar claramente o contorno do peito e dos ombros sob o tecido delicado da

camisa. Ela prendeu a respiração. Os músculos esculpidos sob o algodão branco não deviam nada ao traje e tudo à Mãe Natureza. Ombros largos, peitoral sólido e bíceps que a deixavam com água na boca.

Que sexy. Zoe engoliu em seco, e seu corpo já consciente entrou num estado hiperalerta. Seus seios incharam, os mamilos pressionaram as tiras de couro devido à excitação.

– Uma caminhada soa bastante tentadora – arquejou ela, enganchando a mão no cotovelo dele. Deus, o que poderia ser mais romântico? Um passeio ao luar nos jardins ao lado de um sujeito lindo com uma espada realmente imensa e que a deixava com tesão só de ouvir o som da voz dele.

Zoe lhe lançou um olhar de soslaio, mas mesmo de pertinho não conseguia distinguir os traços dele. Entre a noite escura e a máscara preta larga que cobria a parte superior do rosto e estava amarrada atrás da cabeça feito uma bandana, ela só podia dizer que o cabelo dele estava penteado para trás. Curtos? Uma peruca? A amarração da máscara tornava difícil de dizer.

Quem era ele? Se fosse Brad, ele teria dito alguma coisa, não teria? Mas Brad era o único sujeito da escola a notá-la. Ela tentava se lembrar se ele era tão esbelto assim. Claro, fazia dez anos, mas ela se lembrava dele mais como alguém com físico de jogador de futebol americano do que de corredor.

Eles saíram do pátio e rumaram para o jardim aberto. O ar frio da noite atingiu o corpo quase nu de Zoe. Ela fez uma careta e instintivamente aproximou-se do sujeito, buscando calor.

Tanto esforço para se ter um pouco de romance… ela havia se esquecido de que estava vestida como uma perigosa devoradora de homens.

– Aqui – disse ele ajeitando a capa.

Ela prendeu a respiração, se perguntando se ele tinha a intenção de colocá-la consigo sob o manto. Mas ele não o fez. Em vez disso, ele a desamarrou na gola e em seguida a envolveu cuidadosamente em volta dos ombros de Zoe.

– Obrigada – disse ela baixinho.

– Você parecia desconfortável.

– Eu me esqueci do quanto poderia esfriar – respondeu ela.

– Eu me referi à festa lá dentro – disse ele, apontando para as janelas acortinadas do salão. O barulho estava quase nulo ali fora, mas eles ainda conseguiam ouvir uma gargalhada, freada ou batida ocasionais.

– Eu tinha me esquecido de como era. Sentir-se como uma forasteira – murmurou Zoe. – Eu não esperava que fossem…

– Eles foram rudes? – As palavras dele foram bastante simples, mas a raiva implícita nelas fez afastar todo o lamento dentro de si e olhar para ele. Agora que ele havia tirado o manto preto, ela conseguia ver bem a força imensa daqueles ombros. Mas era o conjunto da mandíbula que lhe chamava mesmo a atenção. Enrijecido de raiva, embora todas as suas palavras tivessem soado calmas, ele poderia muito bem voltar lá dentro e… o quê? Dar-lhes uma sova?

Zoe riu da sua imaginação. Daí percebeu que havia desprendido energia para as reações no salão de festas. Ela não se importara com o que aquelas pessoas pensavam dez anos atrás, por que se importaria agora?

– Não foi grande coisa – disse ela dando de ombros. – Foram mais cantadas do que alfinetadas, se é que me faço entender.

– Os caras cantaram você? – perguntou ele com uma risada rouca e grave. – Era de se esperar. Quero dizer, você está linda. E sua fantasia desafia todos os homens presentes e faz todas as mulheres se misturarem ao papel de parede.

A respiração de Zoe estava presa em seu peito. Aquele sujeito exalava apelo sexual do mesmo jeito que Candice escorria veneno. Era uma coisa física, intensa e avassaladora. Era uma energia sexual tentadora. O tipo que fazia Zoe pensar em noites escuras, brisas quentes e corpos nus. E ele a achava linda.

Ele havia entregado a capa a ela, rosnado de irritação com desprezo visível e a feito rir.

E podia ter chamado Zoe de vaidosa, mas ele a achara *linda*.

Quando ela olhou para ele, desejando que pudesse ver a cor de seus olhos à luz da noite, a risada dele desapareceu. Daí ele semicerrou os olhos e se aproximou.

– Você não parece acreditar em mim – murmurou ele, as palavras baixas e melodiosas.

– Já me chamaram de desafiadora muitas vezes – admitiu ela, a cabeça girando conforme o corpo reagia à proximidade do dele. – Mas nunca de linda.

– Mas você é. – Ele estendeu a mão, o punho cerrado, e acariciou a bochecha dela com os dedos. Zoe quase ronronou.

– Talvez você tenha um fetiche por couro – sugeriu ela.

– Talvez eu quisesse experimentar alguns fetiches com você e ver como é – disse ele, as palavras baixinhas e intensas.

A visão de ambos nus, exceto pela máscara dele e pelas botas dela, preencheu a mente de Zoe. Ela engoliu em seco, a própria pulsação acelerando tão rapidamente que parecia prestes a saltar pela garganta. Aquele sujeito era Brad afinal de contas? A confusão espiralava em meio ao desejo que tomava o cérebro

dela. Será que uma das gêmeas tinha mencionado que Brad havia ido para a Inglaterra? Aquilo era um sotaque inglês? Ele obviamente a conhecia. Zoe não conseguia imaginar nenhum outro ex-aluno flertando com ela daquele jeito.

A mão dele abandonou o rosto dela. Zoe mordeu o lábio para não fazer beicinho. E então ele pôs as mãos nas bordas da capa que pousava nos ombros dela.

Com o tecido ainda amontoados nos punhos, ele o usou para inclinar o queixo de Zoe para cima.

– Eu desejaria você mesmo sem todo este couro – disse ele.

O sorriso dela foi rápido e perverso.

– Nua, você quer dizer?

Ele gemeu, depois riu. O coração de Zoe falhou brevemente. Poucos caras eram capazes de lidar com a esperteza verbal dela, muito menos percebê-la quando eles estavam tentando dar em cima. Mas o Sr. Supersexy? Ele simplesmente balançou a cabeça e sorriu. Ainda sorrindo com humor, ele continuou a sustentar o olhar dela enquanto baixava a boca.

Zoe ficou sem ar. Em seguida, sua mente ficou em branco.

Os lábios dele roçaram nos dela suavemente. Quentes, macios, inebriantes. Quase doces, exceto pela chama sexual zunindo pelo corpo dela. Os mamilos de Zoe enrijeceram, as pernas bambearam. Ela agarrou a cintura dele em busca de apoio, a cabeça caindo para trás enquanto ele ia de delicado e doce para intenso e selvagem.

Zoe arfou, ficou instantaneamente úmida e tomada pelo desejo assim que a língua dele dominou a dela. Ela nunca havia sido beijada daquele jeito – com tanta avidez e intensidade, a ponto de mal conseguir acompanhar. Em vez de tentar, ela se rendeu ao poder daquela boca exigente. Jogou-se em queda livre, com a paixão espiralando em sua barriga.

Quem diria que a fantasia errada poderia render um prêmio tão perfeito?

DEX SE afastou do beijo, a mente explodindo em pedacinhos. Droga. Ele finalmente havia encontrado alguma coisa – alguém – para desligar seu cérebro sempre ativo.

– Venha para o meu quarto – ele deixou escapar. Em seguida, estremeceu.

Mas que ótimo, Drake. É a primeira vez que a vê em dez anos e cinco minutos depois de dizer olá você dá em cima dela. Você nem mesmo disse a ela quem é e já

está tentando ver sua melhor amiga nua para poder mordiscar o corpo dela inteirinho, de cima a baixo.

Os olhos verdes de Zoe estavam preenchidos por uma combinação inebriante de choque e desejo. A respiração vinha em rajadas curtas dos lábios lustrosos e convidativos.

Dex não conseguia tirar os olhos de Zoe. Ela era linda. Sensual, segura e tão desgraçadamente atrevida. Os olhos de um anjo, uma boca que combinava com o couro que lhe envolvia o corpo de maneira tão amorosa. E o sabor dela… pura ambrosia. Ele poderia ficar bêbado só com o sabor dela.

Tanto esforço para acreditar na mentira confortável de que ele só queria retomar o contato com uma amiga. Ele queria retomar o contato com ela, tudo bem, mas não tinha nada a ver com os velhos tempos.

As mãos de Dex, ainda sob a capa, deslizaram pela cintura de Zoe, pousando nas laterais externas dos seios revestidos de couro. Ele queria tocá-la. Queria vê-la. Queria realizar todas as suas fantasias. Dex tinha baseado a mulher de suas fantasias em Zoe. SweetCheeks, a super-heroína durona de seu jogo de sucesso. Poderosa, com seu corpo sexy e postura de quem não levava desaforo para casa, ela lutava contra bandidos e salvava o mundo dele.

Mas SweetCheeks não tinha nada a ver com a mulher em seus braços, a mulher que ele queria adorar durante muitas e intensas horas.

Ele mal podia acreditar que havia apostado certo. Depois de receber a resposta amigável dela por e-mail, no melhor estilo irmã-mais-velha, Dex percebeu que não queria desperdiçar o reencontro sendo só amigo de Zoe. Então resolveu arriscar-se sob o traje, pensando em senti-la primeiro e só depois, quando ela estivesse encantada, ele revelaria sua identidade.

Claro, isso foi antes de ele senti-la de fato. Agora ele sentia-se um babaca.

– Não posso.

Hein? Será que ela havia lido os pensamentos dele? Dex franziu a testa.

– Não pode?

Ah, sim. O convite para o quarto dele.

Sim, ela podia. O corpo dela dizia que podia. Ela ainda estava firmemente grudada a ele, as pernas aninhando a coxa dele bem no meio. Claro, havia bastante babado da saia ali também. Mas ele tinha uma imaginação excelente. E estava imaginando aquela saia fora dali.

As mãos de Zoe ainda estavam agarradas aos ombros dele, os dedos desenhando círculos suaves sobre o tecido da camisa.

Mas a boca de Zoe dizia não. Dex sugou o ar de maneira profunda e dolorosa e a libertou. Antes que ele pudesse se afastar, Zoe inclinou a cabeça. Ele reconheceu o gesto, era o movimento do desafio.

– O quê?

– Eu disse que *não posso*. Ainda. Não que não quero.

Tanto o ego quanto o membro de Dex inflaram.

– Tem algo que preciso fazer antes de sair. Mas se você quiser me ajudar, vou poder sair daqui mais rápido. Aí a gente pode seguir para outro lugar. Sabe, se conhecer melhor, sair. Você entende, tirar a máscara e papear.

Em outras palavras, nada de passe livre para o sexo, mas eles poderiam passar um tempo juntos e ver no que dava. Com um sorriso, Dex meneou a cabeça ansiosamente. E as mãos retornaram imediatamente para a cintura dela. Ele a levaria para uma salinha particular, mostraria quem era, então a convenceria a permitir que ele louvasse seu corpo com a língua.

– Qualquer coisa – concordou ele. – É só dizer.

– Preciso encontrar um cara – explicou ela em voz baixa.

– Querida, eu sou um cara – brincou ele. – Quer uma prova?

Ela sorriu maliciosamente. O prazer brilhou nos olhos verdes quando ela chegou um pouco mais perto. Ela não roçou o corpo na ereção. Nem o agarrou ou acariciou. Só ficou pertinho o suficiente para que o calor de seu corpo o fizesse cambalear de desejo. Obviamente, como a rainha do timing que era, ela aguardou um segundo e então dois. Daí arqueou uma sobrancelha e, respirando fundo para que as pontas de couro de seu sutiã roçassem no peito dele, sorriu.

– Ah, dá para ver que você é um cara completinho. Eu adoraria explorar este fato nos mais mínimos e demorados detalhes.

Dex foi tomado pelo calor, lento, lânguido e inebriante. Então cedeu à tentação e, com as mãos nos quadris cobertos pelo couro, puxou Zoe para si. Não tão perto quanto queria, mas o suficiente para sentir o calor do corpo dela no dele.

– Quem é o cara? – perguntou ele, curioso.

– Não sei o nome verdadeiro dele – disse ela suavemente, os dedos arrastando pelo peito forte e em seguida retornando à barriga. Como se não estivesse prestando muita atenção ao que estava dizendo, ela via a própria unhar formar um desenho no abdome dele. Dex enrijeceu a barriga e agradeceu por sua adesão à academia.

– Você procura um cara e não sabe o nome dele? – questionou, começando a

sentir um pouco de ciúmes. Mesmo nos seus braços, Zoe ainda não estava totalmente focada nele.

Ela riu, um som cheio de malícia.

– Não, não – corrigiu ela enquanto enganchava o dedo indicador na fivela do cinto dele. Dex quase revirou os olhos de tontura. Seu membro ficou duro feito pedra num piscar de olhos. – Eu sei o nome dele, eu só não sei… como ele é.

– Amanhã você pode passear pelos corredores berrando o nome dele – sugeriu, mal ouvindo as palavras de ambos. Toda sua energia, toda a atenção estava no dedinho de Zoe e na proximidade dele de sua ereção dolorosa.

– Não posso fazer isso – sussurrou ela, arqueando as costas enquanto ele fazia desenhos com as pontas dos dedos sobre a cálida pele dela. – É por causa dele que estou aqui.

Desviando o pensamento do que tinha dentro da própria calça, Dex tentou acompanhar o que ela estava dizendo.

– Parece interessante – disse ele, e então conseguiu resistir à provocação: – Aparentemente você tem uma quedinha por caras misteriosos?

Ela inclinou a cabeça para um lado, oferecendo-lhe um olhar divertido e demorado.

– Tenho certeza de que conheço você – falou ela com uma risada rouca quando cruzou os dedos atrás da nuca dele.

– E tudo bem para você? – quis saber ele, incapaz de acreditar na própria sorte. Sim! Todos os anos mentindo para si, negando que tinha tesão por Zoe, evaporaram. Ela estava ali, em seus braços. E o desejava tanto quanto ele a desejava.

– Queria que tivéssemos feito isso quando tivemos a oportunidade – disse ela em voz baixa.

– Ah sim. Eu também – respondeu ele quando, finalmente cedendo à tentação, inclinou-se para lhe dar um beijo delicado na curva acentuada da mandíbula. Dex aspirou aquele perfume inebriante, um cheiro cítrico com baunilha que o deixou tonto. – Não consigo acreditar que não fizemos isso sem parar.

– Bem, nós tentamos.

Hein? A boca de Dex desacelerou quando ele tentou decifrar as palavras daquela voz suave como a noite.

– Quero dizer, o drive-in foi um desastre total, mas a gente podia ter tentado de novo depois. Talvez em algum lugar com menos chance de seus pais aparecerem.

A boca de Dex congelou.

Drive-in? Pais?

Seu cérebro entrou nos eixos lentamente.

Filho da mãe.

Sua visão ficou turva de raiva, então ele soltou os quadris de Zoe.

Claro, ele estava usando máscara. Mas ainda era ele. O homem que adorava a inteligência além do limite dela. O cara que compreendia o senso de humor mordaz dela. O único que sempre a considerara a garota sexy que ele já havia conhecido, mesmo quando ela usava macacões pretos largos e coturno.

Um lado dele – certamente aquele dentro de suas calças – tivera esperanças de que ela o reconheceria pelo menos de algum jeito. Ou ficaria intrigada o suficiente, encantada o suficiente, para se esforçar e descobrir quem ele era.

Mas não. Com os lábios ainda molhados devido aos beijos dele, Zoe saltou para a conclusão mais estúpida possível.

Ela achava que ele era aquele babaca, Brad Young.

Capítulo 4

Em meio a mesas cheias de membros tagarelas da reunião, velhos amigos risonhos e casais amigáveis, Zoe sentou-se sozinha no restaurante do hotel na manhã seguinte. Ela ignorou os olhares de soslaio e as espiadelas por trás da mão, embora os dedos apontando fossem um pouco irritantes. Obviamente seu traje tinha feito muito sucesso, embora não o suficiente para alguém de fato ir falar com ela. Já era de se imaginar. Ela fungou para conter a irritação e disse para si que não ligava. Deixou as panquecas apetitosas de lado e começou a batucar a colher na xícara de chá.

Colegas sarcásticos não eram nada. O que realmente importava era o que diabos havia acontecido na noite anterior. Num minuto ela estava tépida e excitada com seu mascarado maravilhoso. No seguinte, ele a dispensara. Um pretexto improvisado, um beijo na bochecha e, pronto, ele se embrenhara noite adentro.

Será que a proximidade do velho colégio fazia os sujeitos abandonarem os amassos? Ou era culpa do ar frio de Idaho? Se Zoe tinha qualquer dúvida de que estivera beijando Brad, o gesto dela acabara com elas. Dez ano depois e aparentemente o sujeito ainda era do tipo que beijava e fugia. A pergunta era será que aquele era seu *modus operandi* com todas as mulheres? Ou só com ela?

– Cof, cof.

Zoe olhou para a mesa ao lado. O senhorzinho lhe lançou um olhar de reprimenda, daí olhou incisivamente para a colher dela. Opa. Ela estava batendo muito alto.

Sem querer irritar ainda mais os emburradinhos do lugar, ela baixou a colher e, depois de um gole, afastou o chá frio.

Ela não tinha nem mesmo conseguido rastrear Gandalf depois que o galã mascarado lhe abandonara. E assim que voltou para a reunião, a festa já havia sido transferida para um bar local. Ela chegou a conversar com as poucas pessoas que sobraram, mas só conseguira confirmar que, sim, Brad estava usando fantasia de mago e tinha ido embora cedo.

Em que pé da história Zoe estava?

Confusa e frustrada.

Parecia o nome de uma promissora banda de garagem.

Como se numa deixa para um protesto, o telefone tocou a melodia suave da "Ode à Alegria". Grata pela distração, Zoe o agarrou e apertou os comandos necessários para ler as mensagens de texto. Então fez uma careta quando ela leu a mensagem de Meghan:

> Ei, Zoe. Teve sorte na grande caçada pelo mago? Zach vai ter uma reunião com alguns figurões da Microsoft nesta semana. Você sabe o que ele acha das grandes corporações. Isso parte meu coração. Ele disse que está só verificando as opções, mas sei que está chateado. Eu perguntei o que ele ofereceria ao tal Gandalf caso o encontrasse alguma vez e ele mencionou algumas coisas. Vou te mandar a lista por e-mail, de repente pode te ajudar na hora de argumentar quando encontrar o sujeito.

Mas que droga. Pobre Zach. A pontada de culpa, agora tão familiar, cutucou Zoe. Ela endireitou os ombros. Não ia embora daquele reencontro de ex-alunos sem conseguir uma informação sólida a respeito de Gandalf. Além disso, depois de encontro quente no jardim com o bonitão mascarado, ela não poderia sair antes de concluir o que ele havia começado.

Zoe bebeu um gole de água gelada. Caramba, na cabeça dela, ainda estava fresca a lembrança do boca dele na dela, do peito duro pressionando seus seios e da rigidez do… dos músculos sob suas mãos.

Concentre-se, Zoe.

Em seguida veio um pedido para ela repensar a oferta de ter um emprego em tempo integral, feita pelo último cliente a quem ela prestara consultoria. *Não, obrigada*. Seria matar sua carreira prender-se a um único emprego, dia após dia.

Ou, mais corretamente, atrelar o emprego a ela. Eles se arrependeriam e ela estaria de volta à estaca zero quando a demitissem. Talvez houvesse um programa de 12 passos para descomprometidos anônimos?

Com um suspiro, ela desligou o computador. Ela não ia se preocupar com trabalho agora. Zoe esquadrinhou o ambiente, cerrando a mandíbula para as expressões presunçosas que a observavam. Ela odiava o fato de aquilo a incomodar. Piscando rapidamente para banir as lágrimas de frustração, olhou pela janela. Tudo que desejava era encontrar o galã mascarado e partilhar de cordialidade outra vez. Seus ombros desabaram e ela respirou fundo para tentar enrolar aquela sobrecarga emocional irritante. Embora, para ser sincera, Zoe admitiria que provavelmente seria inútil. Afinal, ele já a havia rejeitado ao cair fora na noite passada.

Deus, ela estava se irritando até consigo mesma por causa dessa porcaria de autocomiseração. Vinte e quatro horas de volta à cidade e sua confiança estava lá embaixo. Tal como em seus gloriosos anos de adolescência.

– Desculpe-me, sr. Drake?

Zoe virou a cabeça, em busca do pai de Dex. Ou melhor ainda, de Dex. Ei, qualquer rosto amigável serviria.

Ela arregalou os olhos quando flagrou o sujeito gato do saguão. Ele estava concentrado, assinando alguma coisa para o gerente do restaurante. Seu cabelo estava desalinhado em ondas indomáveis da cor do café, tal como no dia anterior. O bumbum era tão lindo de perto quanto se revelara quando ele estava inclinado sobre o carrinho de malas. E os ombros. Ah, sim, ela ainda queria passar os dedos na amplitude nua deles.

Zoe pôs a mão na barriga, feliz por não ter comido nada. A comida teria acabado entrando no caminho das borboletas de desejo que dançavam por ali.

O gerente o havia chamado de sr. Drake?

O gato de bumbum lindo do saguão era Dex? Seu velho amigo Dex? Não podia ser.

– Dex?

Ao som da voz de Zoe, o sujeito lindo virou-se para encará-la. Caramba. Aquele não podia ser seu velho amigo. Podia? Alto, malhado e gato? Aquele cara não tinha nada a ver com seu amigo nerd. Mas os olhos, Zoe notou na primeira vez, continuavam iguaizinhos. De uma cor intensa e profunda de água-marinha.

– Dex – repetiu ela baixinho, os olhos arregalados de gratidão. Definitivamente era Dexter Drake, mas, ai meu Deus, ele havia amadurecido

muito bem.

Ele pareceu desconcertado. A tensão brilhou nos olhos dele, em seguida, com um dar de ombros visível, Dex ofereceu um sorriso duro. Ele disse alguma coisa para o gerente antes de seguir em direção a Zoe.

Zoe baixou os ombros. O quê? Seu velho amigo estava tão desinteressado em vê-la quanto o restante da turma? Não. De jeito nenhum. Aquele era Dex. Eles estavam sempre grudados. Além disso, ele tinha enviado um e-mail para ela, dizendo que queria botar o papo em dia. Deixando a paranoia de lado, Zoe arrastou a cadeira para trás, alisou a saia preta de couro e se levantou para cumprimentá-lo.

Seu olhar vagou sobre seu corpo dele novamente, captando o ajuste da calça jeans sobre os quadris estreitos. O suéter leve azul-marinho era larguinho e escondia o peitoral, mas os ombros eram largos e convidativos. Os olhos dela passearam pelo contorno marcante da mandíbula, pelo ponto onde o cabelo ondulava para trás, revelando o rosto. O coração de Zoe bateu um pouco mais forte, fazendo-a se lembrar de empinar os ombros e de agradecer pelos sutiãs milagrosos que levantavam os seios.

Ah, sim, ela definitivamente estava empolgada por ver Dex.

– Ei – disse ela, quando ele já estava a poucos centímetros de distância. – Não consegui acreditar quando recebi seu e-mail. É tão legal você estar aqui.

As últimas palavras foram ditas de encontro ao ombro dele quando, incapaz de se controlar, ela o puxou para um abraço. Era como abraçar uma parede musculosa muito grande. O ar ficou preso no peito de Zoe, a empolgação girando em seu estômago.

No entanto, ele nem sequer lhe deu um tapinha no ombro. Zoe baixou as mãos rapidamente e deu um passo para trás, tentando disfarçar que o contato com o corpo dele havia sido muito excitante.

Ela ignorou o punhado de vaias e provocações dos presentes. Dex olhou ao redor quando um sujeito sugeriu que ela sacasse o chicote, mas a expressão dele não se alterou.

– Ei, Zoe – cumprimentou, as palavras leves, amigáveis.

– É tão bom ver você de novo – disse ela, o sorriso ainda esperançosamente brilhante. Ela inspecionou o rosto que pensava conhecer como o dela mesma, surpresa com o quanto ele estava diferente. Ah, o velho Dex estava ali. Aqueles olhos lindos e intensos, com seus cílios invejáveis e exuberantes. Os ângulos marcantes do rosto, iguais aos do pai. Os lábios carnudos sobre os quais ela tanto

o provocara. Agora, em vez de fazê-la querer lhe oferecer seu batom preto, eles a faziam se perguntar como seria beijá-los.

O ar entre eles, de repente, faiscou com a consciência. Zoe encontrou os olhos semicerrados de Dex. À espreita daquele olhar azul intenso havia um calor que ela reconhecia. O mesmo calor que espiralava na sua barriga. Ela umedeceu os lábios, tentando acalmar sua respiração.

– Não acredito no quanto você mudou – soltou ela, tentando disfarçar os pensamentos luxuriosos. – Quero dizer, quantos centímetros você cresceu?

Dex sorriu, abrindo bem os olhos enquanto estes acendiam com uma alegria pecaminosa.

–Talvez devêssemos terminar de nos cumprimentar antes de discutirmos isso – disse ele com um sorriso que fez as borboletas de desejo desmaiarem no estômago de Zoe.

– Decerto – falou ela com um sorriso lento, inclinando-se para ele, como se o calor daquele corpo pudesse aliviar um pouco da tensão sexual que zunia dentro dela. A água de colônia de Dex, quase imperceptível acima dos aromas acolhedores do café fresco da manhã, atiçaram a memória dela.

Antes que Zoe conseguisse associar o cheiro, ele deu um passo para trás. Ela piscou algumas vezes, franzindo a testa enquanto ele aumentava o espaço entre eles, como se ela tivesse sido contaminada por piolhos recentemente.

– Você está ótima – disse ele. O tom era caloroso, no entanto. Não desconfiado de piolhos. O olhar que ele deu a ela, como uma carícia suave pelo corpo inteiro, foi ainda mais tépido. E quando a ciência daquele calor a preencheu, foi como se tivessem acendido uma fogueira dentro dela. Talvez ela houvesse imaginado a hesitação dele?

– Obrigada – respondeu Zoe. O olhar de Dex a deixava muito consciente do quanto seu suéter vermelho era decotado e do quanto a vista devia estar interessante da perspectiva dele. Zoe não sabia se aprumava os ombros e sorria. Ou se punha as mãos sobre o peito meio nu e o lembrava de que eles costumavam escalar árvores juntos e conspirar para dominar o mundo.

A voz safadinha no fundo da mente dela sugeria que combinasse os dois: aprumasse o peito e o convidasse a escalar.

– Junte-se a mim, por favor. Beba uma xícara de café e me conte as novidades na sua vida – convidou ela. Zoe não conseguiu desviar os olhos dele enquanto Dex se aproximava e tomava o assento. Uau. Quem diria que um pedaço de mau caminho daqueles estivera escondido em um, bem, bitolado totalmente nerd?

– O que você tem feito? – quis saber ele, assim que se acomodou. Com um movimento de um dedo, ele avisou ao garçom que passava que desejava um café. Zoe notou sua confiança absoluta, o comando natural. A postura dele dizia que Dex sabia claramente que estava no controle e que não esperava questionamentos de sua autoridade.

Antes que ela pudesse responder, dois sujeitos de sua antiga turma pararam perto da mesa. Daí cumprimentaram Dex como se este fosse um amigo desaparecido há muito tempo, o convidaram para uma festa e mencionaram uma partida de golfe no dia seguinte. Ela foi tratada como um vaso de plantas.

Zoe os ignorou prontamente. Ela não se importava. Tinha um enigma intrigante sentado diante de si no qual se concentrar. Ela estava muito ocupada se perguntando o que Dex estivera fazendo e como ele havia se transformado em um homem tão lindo.

– Desculpe por isso – murmurou ele. – Então… você estava me contando o que vinha fazendo da vida…?

Afastando os olhos das mãos muito grandes e de aparência muito forte, Zoe se obrigou a parar de se perguntar como seria se elas tomassem conta de seu corpo, e se focou na pergunta.

– Eu? Não muito. Eu sou um consultora especializada em empresas de comunicação. Basicamente soluciono problemas. Você sabe, analiso a empresa, avalio os problemas, ofereço uma pilha de sugestões e caio fora.

– E como isto se traduz em chicotes e couro? – perguntou ele, dando um sorriso, assentindo em agradecimentos ao garçom que servia o café.

– Chicotes e… – Ai, cara. Ele a havia visto? Por que não dissera nada? Zoe não ficara preocupada por desfilar com afetação em seu biquininho de couro entre seus ex-colegas. Afinal, ela não dava a mínima sobre o que pensavam nela. Mas Dex?

Ela bebericou um gole de chá frio para esconder o nervosismo diante da ideia de ele vê-la em um traje tão revelador. Será que ele achava que a roupa fazia dela alguém sexualmente agressivo? Será que ele gostava da ideia? Será que o fato de ela segurar um chicote o deixava com tesão? A respiração de Zoe se alojou em algum lugar em seu peito enquanto ela tentava descobrir se a reação de Dex de fato a empolgaria ou a assustaria.

– Não percebi que você esteve na festa – murmurou ela, observando-o enquanto ele acrescentava coisas no café.

O olhar de Dex voou de volta para o dela. Ele se atrapalhou um pouco com o

creme, por isso acabou derramando tanto na mesa quanto na xícara.

– Eu não estive na festa.

Zoe franziu o cenho.

– Eu fiquei sabendo sobre seu traje – continuou ele. – Alguns dos caras comentaram.

Alguns dos caras. Ela olhou para os homens que haviam passado para falar com Dex, agora sentados a uma mesa cheia e silenciosa. Ao contrário dela, a posição de nerd de Dex não o mantivera fora dos círculos populares. Zoe fez uma careta.

– Acho que anda rolando uma competição para ver quem fofoca mais… os garotos ou as garotas.

Ele simplesmente ofereceu um meio-sorriso e deu de ombros. E o fato de ele não fitá-la nos olhos fez Zoe se perguntar se a fofoca tinha sido rude. Zoe comprimiu os lábios, a pontada de rejeição um pouco mais difícil de ignorar desta vez. Não seria a primeira vez que seus colegas de classe faziam comentários desagradáveis a respeito dela. Dex costumava tentar escondê-los dela na época de escola também.

O coraçãozinho de Zoe deu um pequeno suspiro diante do gesto doce.

Apesar da mágoa, a menção da palavra fofoca lhe incitou uma ideia. Todo mundo falava com Dex. O que significava que ele poderia saber algo a respeito de Gandalf. Ou pelo menos o que o outro vinha fazendo desde os tempos de escola.

– Então… – começou ela, lentamente, inclinando-se um pouco para trás em sua cadeira. O olhar dele se intensificou naquele tom de água-marinha, deslizando sobre o peito dela com uma carícia tépida que a deixou feliz por estar usando um suéter grosso. Zoe engoliu em seco e se remexeu um pouco na cadeira. Umedecendo os lábios, ela se obrigou a falar normalmente: – Devo admitir, é um pouco chocante encontrá-lo aqui na cidade. Achei que a única pessoa que mais quisesse sair desta porcaria de lugar, além de mim, fosse você.

– Eu não moro aqui – disse ele, o calor abandonando as íris límpidas quando ele lhe lançou um olhar ofendido, como se ela tivesse acabado de acusá-lo de trair seus princípios. O que, Zoe supunha, ela havia feito mesmo, dada a antipatia dele pelo lugar. – Vou ficar na cidade apenas esta semana, ajudando enquanto meu pais estão de férias.

– Que bom que eles podem contar com você para ajudar. Onde você está morando então?

– Eu… – A hesitação dele a confundiu.

– Não é uma pergunta tão complicada assim – disse ela secamente. – Não é como se eu tivesse pedido todos os detalhes sórdidos da sua vida amorosa ou coisa do tipo.

Embora isto fosse tentador.

Dex lançou-lhe um olhar estranho. Se ela não o conhecesse bem, diria que tinha sido um olhar frio. Será que ele se chateara por ela ter brincado com ele? Não. Ela só estava reagindo à temperatura no ambiente, repleto de colegas desagradáveis.

– Estou entre um lugar e outro agora – disse ele, as palavras cortadas.

– Tipo se mudando para um novo apartamento?

– Tipo tentando descobrir em que estado eu quero morar. Eu estava em Boston, fazendo trabalhos no ramo de T.I., mas ainda não escolhi exatamente para onde quero me mudar.

Ela fez um *oh* silencioso. Muito tempo livre. Sem emprego para prendê-lo a uma residência. Pulando de estado para estado. Não era de se admirar que ele tivesse ficado tão irritadinho com a pergunta. Dex estava desempregado?

De repente ela sentiu o impacto de todas as horas daquele intervalo de dez anos. Antes, ela o teria importunado e bajulado até ele contar tudinho. Agora ela sentia como se estivesse invadindo apenas por perguntar. Incerta se era por causa da postura cheia de não-me-toques dele ou se era só sua imaginação, Zoe mudou de assunto.

– Bem, com certeza tive sorte por você ter aparecido na cidade na mesma semana em que eu estaria aqui. – Ela queria esticar o braço e tocar a mão dele. Dez anos antes, Zoe não teria hesitado. Assim como não hesitaria em importuná-lo para conseguir mais detalhes, ela teria mandado ver.

Pela primeira vez, ela se lamentava por sua incapacidade de se comprometer com qualquer coisa, até mesmo algo tão simples quanto manter contato com um velho amigo. Ela deveria ter mantido contato com Dex. Até mesmo um e-mail aqui e ali teria preenchido a lacuna.

É claro, dez anos antes ela não estaria tomada por um caso grave de luxúria diante de Dexter Drake. Irritada com a forma como se sentia esquisita, Zoe se obrigou a ignorar seu desejo de acariciar a mão dele, de ir seguindo pelo braço e agarrar aqueles bíceps a fim de ver se ele eram tão rijos quanto ela imaginava E todos os pensamentos de acariciar a agarrar qualquer coisa para testar sua rigidez estavam estritamente fora de cogitação.

– Sorte para nós dois – comentou ele com um sorriso torto. O sorriso foi como

um chute no traseiro de Zoe. Era o mesmo que Dex fazia quando criança. O garoto que havia sido seu melhor amigo. Um garoto um ano mais jovem do que ela dificilmente se interessaria por uma mulher mais velha esquisitona com problemas para se comprometer.

Desgostosa consigo, Zoe encolheu os ombros um pouco enquanto tamborilava os dedos na mesa. Concentre-se. Havia um motivo para ela estar ali. Ela precisava prestar atenção a isto e parar de fantasiar com o sujeito sentado diante de si.

– Dex – chamou um sujeito que deixava o restaurante. – Cuidado com o chicotinho dela.

Zoe olhou. Dex ignorou.

– Então você obviamente andou em contato com todo mundo, hein? – disse ela com um suspiro.

– Não muito. Tenho conversado com alguns dos caras. Recebi algumas propostas daquelas ruivas malucas. E só.

O sorriso dele foi malicioso desta vez, convidando-a a partilhar de sua diversão porque duas garotas que nunca teriam lhe dado na época do colegial estavam tentando ficar com ele agora.

O sorriso de resposta de Zoe foi pouco mais que um arquear do lábio. Aparentemente era necessário um cartão de fidelidade ou algo assim para se cobiçar Dex.

– Mas você já soube quem está fazendo o quê? Tipo os empregos dos caras e coisa e tal?

O sorriso de Dex esmaeceu. Ele recostou-se na cadeira, cruzou os braços.

– Por quê? Você está procurando alguma combinação específica num sujeito?

– Pode-se dizer que sim – falou ela, dando de ombros. – Embora não seja para mim. Ouvi um boato de que uma celebridade local de fato fez parte da nossa turma de formandos e eu queria falar com ela.

Dex franziu a testa.

– Então por que você simplesmente não a encontra e conversa?

– Ele usa um pseudônimo.

Foi como se ele tivesse congelado. Zoe franziu as sobrancelhas quando percebeu. A expressão de Dex não se alterou. Ele não mexeu nem um músculo. E, no entanto, ele sentia-se congelado.

– Tipo o quê? Um escritor ou coisa assim?

– Mais ou menos. – Ela olhou ao redor, observando alguns ex-colegas de classe

sentados em mesas próximas. Ela apoiou os cotovelos na mesa e inclinou-se para que pudesse sussurrar. – Ele cria jogos eletrônicos.

Dex a ficou encarando, seu cérebro acelerado. Porém, ele teve o cuidado de manter sua expressão nula. Que diabos? Como podia ela ter ficado sabendo sobre seu alter ego? E o mais importante, por que ela o queria?

Além do fato de que toda mudança na carreira de Dex dependia na ocultação da identidade de Gandalf, ele não iria revelar a ela, mesmo que pudesse. Na noite anterior, Zoe o havia confundido com Brad e agora ela queria seu alter ego? O que estava acontecendo? Pode chamá-lo de egoísta, mas ele queria que Zoe o desejasse pelo que ele era.

Claro, ele sabia que havia arriscado na noite anterior, aparecendo disfarçado e dando uns amassos nela. Muito embora ele tivesse sido muito cuidadoso em seu traje, puxado o cabelo para trás e escondido os fios, permanecido nas sombras e deixado um pouquinho do sotaque de Boston que havia pegado dos colegas de trabalho afetar sua voz, ele ainda esperava… o quê? Que ela enxergasse através de sua identidade secreta e pulasse em seus braços, reivindicando a luxúria não correspondida? Idiota. Mas, ainda assim, ele não sabia o que o incomodava mais, a negligência da parte dela ou o fato de ela tê-lo confundido com Brad, aquele babaca.

Dex passara a maior parte do ensino médio com ciúmes da paixonite de Zoe por Brad Young. Ele finalmente tivera seu primeiro beijo com ela, o emaranhamento de línguas mais quente e sexy que ele já havia experimentado. E ela o chamara pelo nome daquele idiota. Então, sim, ele estava com ciúmes. Ele queria que Zoe o enxergasse como um homem. Um igual. E caramba, desta vez ela ia enxergar. Ele simplesmente revelaria a ela que tinha sido ele a abordá-la na noite anterior e eles poderiam retomar as coisas a partir do momento em que estivessem seminus e prosseguir a partir dali. Claro, ela ficaria irritada, mas o calor nos olhos dela lhe dava esperança de que a irritação iria desaparecer depressa em face da luxúria.

Mas primeiro ele precisava saber por que ela estava interessada em Gandalf. Então ele deu de ombros e balançou a cabeça.

– Não faço ideia de quem poderia ser – disse Dex a ela. – Mas pensei que você fizesse consultoria, não recrutamento. Quem é esse cara? Por que você está procurando por ele?

Ele assistiu a decepção lavar a expressão dela. Zoe olhou para o telefone, daí fez uma careta sutil.

– Não é trabalho, é pessoal – respondeu ela.

Pessoal? Dex se inclinou para a frente para questionar o quão pessoal era. Mas, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, um dos ex-colegas parou junto à mesa.

– Dex, só achei que você gostaria de saber que está rolando uma baguncinha no saguão – avisou o rapaz. Dex não conseguia lembrar-se do nome dele, mas imaginava que àquela altura não faria diferença. Pelo olhar luxurioso dele, na verdade ele tinha aparecido para flertar com Zoe.

– Baguncinha?

– Um pessoalzinho do reencontro está se inscrevendo para o concurso de dança da cordinha desta tarde. Creio que alguém imaginou que seria divertido apimentá-lo um pouco. Agora ele está sendo anunciado como "dança da cordinha sem roupa". – O sujeito, que estava uns 15 quilos acima do peso e tinha uma quase careca que reluzia sob o sol da manhã, sorriu para Zoe. – É claro que, se você for participar, eu também vou.

Dex bufou, tanto para o sujeito com sua abordagem desajeitada quanto para a idiotice inventada pelos ex-alunos. Dança da cordinha sem roupa? Quem diabos pensou numa porcaria destas? E por que ele tinha de lidar com isso? Então ele se lembrou. Ele era o membro da família Drake no comando. Droga.

Prometendo verificar, Dex finalmente se livrou do sujeito.

– Qual é o problema? – perguntou Dex, notando a irritação no rosto de Zoe.

– Ele foi um dos caras que ficou falando besteira para mim ontem à noite. Agora ele acha que vou me esquecer? Odeio joguinhos e mentiras – protestou ela, revirando os olhos. – Esses caras falam uma coisa pelas suas costas e depois flertam achando que vão se dar bem. Eles eram assim na escola e não mudaram nadinha.

Dex contraiu os ombros. Ele sabia que ela estava se referindo ao incidente do drive-in. Quando espalhou-se a notícia de que Zoe ia a um encontro com aquele idiota do Brad, todo mundo fez um esforço danado para agir como amiguinho dela. E quando o encontro foi um fracasso, eles usaram tanto isto quanto a notoriedade repentina dela como um pretexto para perturbá-la abertamente do jeito que apenas adolescentes sabiam fazer. Dex captou a mágoa raivosa nos olhos verdes. Mas que droga. Ele sempre odiara ver Zoe chateada. Talvez este

não fosse o melhor momento para revelar a verdade sobre o seu pequeno disfarce na noite anterior. Mas ele precisava lhe dizer a verdade. Não precisava?

– Isso é uma das coisas que mais gosto em você, Dexter – disse ela, inclinando-se para a frente com as mãos espalmadas na mesa de um jeito que fazia o decote do suéter formar uma fenda intrigante. – Você sempre foi sincero comigo. Ao contrário de alguns babacas, você não faz joguinhos.

A boca de Dex encheu de água, tanto devido à visão do decote quanto pelo modo como seu nome soou sexy nos lábios de Zoe. Depois da noite anterior, ele começara a sentir um desejo intenso de ouvi-la dizer seu nome. Numa conversa. No papo de reencontro. Na cama.

Principalmente na cama.

Seu ego, ainda sofrendo por ela não tê-lo reconhecido, não exigia nada menos do que isso.

Seu cérebro, lembrando-se do quão rápido ela perdia a paciência, o alertava para que não dissesse nada que pudesse fazê-la pensar que ele estivera jogado na noite anterior.

E seu membro? Seu membro não se importava. Este só queria que Dex a abraçasse novamente. Só a queria nua e queria ver de quantas maneiras seria capaz de fazê-la gozar antes de perder-se no prazer quente e úmido de seu corpo.

Então ele captou o restante das palavras. Sincero? Sempre?

Mas que droga.

A consciência e o corpo dele estavam em guerra. Se ele dissesse a ela, nunca mais sentiria aquele corpo contra o dele novamente. Ela ofereceria o mesmo olhar, a mágoa resignada misturada a uma raiva desdenhosa. Ele preferia o olhar quente, sensual e curioso que tomava os olhos dela agora.

Para o inferno com sua consciência. Ele queria analisá-la a partir daquele olhar.

– Sr. Drake?

Dex afastou o olhar de Zoe num tranco para fitar o gerente do hotel.

– Senhor, temos um problema na piscina.

– Na piscina? – Dex olhou pela janela. Devia estar uns quatro graus lá fora.

– A sra. Drake era a anfitriã do seu grupo semanal de carteado. De algum modo, ele se transformou em um… – O sujeito olhou para Zoe, em seguida fez uma careta e baixou a voz. – … um debate à beira da piscina. Aparentemente alguém entrou em pânico e caiu. E provocou uma, bem, uma reação

entusiasmada dos outros participantes, e agora a piscina está cheia de octogenários que estão perdendo o fôlego rapidamente.

Dex fechou os olhos e suspirou. Por que seus pais não tinham avisado a ele que não seria tão complicado tomar conta do hotel? O grande problema era sua avó.

O risinho de Zoe foi discreto, mas Dex ouviu mesmo assim. Ele lhe ofereceu um olhar de troça. Ela deu uma risadinha mais veemente.

– Eu tinha me esquecido do quanto sua avó era divertida – comentou ela. Algo mudou nos olhos dela. O calor resfriou e foi substituído por afeto e algo mais. Lembranças talvez?

– Acho que preciso pescar algumas pessoas na piscina – disse ele, assentindo para o gerente, que saiu com um suspiro aliviado. Dex não conseguia descobrir por que a mudança na expressão de Zoe o incomodava tanto. – Lamento por termos de interromper nosso papo.

– Eu tenho de ir de qualquer maneira – informou ela. Aí ela se inclinou para a frente e pôs a mão sobre a dele. Formigamentos quentes subiram pelo braço dele, e depois foram diretamente para a virilha. Então, antes que ele pudesse virar a mão para segurar a dela, Zoe se afastou.

Ela levantou-se devagar. O olhar de Dex passeou por aquelas curvas enquanto ela se levantava. Deus do céu, ela era linda. Ele estava desenvolvendo um enorme fetiche por couro. Queria abraçar as doces curvas daqueles quadris, puxá-la e lhe mordiscar a barriga.

– Foi bom ver você, Dex. – Ele encontrou o olhar dela e notou a confusão, e então uma determinação relutante nas belas profundezas. – Reencontros supostamente servem para recuperar o atraso com velhos amigos, mas nós dois sabemos que você é a única pessoa que eu tinha aqui. Fico feliz por ter a chance de renovar a amizade.

Dex franziu a testa. O recado era claro. Ela planejava manter a química entre eles inexplorada.

E assim ele a deixou ir embora. Dex conhecia Zoe. Suas palavras diziam *não estou interessada*, mas eram apenas palavras. Ele viu os olhos dela, viu o fogo e o interesse ocultos sob a diversão. Sim. Eles conversariam novamente em breve. Assim que ele descobrisse o próximo movimento no jogo.

– A gente se vê – disse ela, pegando o celular e saindo saltitante, como se não tivesse preocupação alguma. Ele a observou parar no balcão da recepcionista e conversar com a mulher ali, apontando para a mesa e lançando-lhe um sorriso

malicioso. Ele sorriu de volta, divertindo-se diante do que obviamente era uma conversa de meninas, quando a recepcionista lhe lançou um olhar arregalado e risonho. Então, como se não fizesse ideia de que o olhar de Dex estava grudado em seu bumbum, Zoe deixou o restaurante rebolando lentamente, o que fez a boca dele secar na hora. Dex levou a xícara de café aos lábios, como se a cafeína pudesse reiniciar seu cérebro.

As palavras dela diziam *não*. Os quadris diziam *talvez*.

O jogo começou.

Capítulo 5

Uma tristeza inexplicável se enredou a uma luxúria confusa quanto Zoe saiu rebolando pelo saguão em direção aos elevadores. Ela teve de se esforçar para não dar meia-volta e correr de volta para o restaurante e implorar a Dex para se esquecer de que eles já haviam sido melhores amigos e para ele fazer amor com ela em cima da mesa.

Mas isso seria loucura. Afinal, tratava-se de Dex. Uma coisa era cobiçar um gostosão mascarado que a beijara de modo louco na penumbra. Outra era escolher a luxúria e arriscar uma boa amizade – certamente antiga, mas não tão bem cultivada, o que não vinha ao caso.

Afinal, ela não tivera muitos amigos. Portanto, seria estúpido arriscar-se a perder um, não é? Mesmo que ela estivesse há dez anos sem ter notícias ou sem ver Dex, e que não tivesse certeza se ele ainda podia ser considerado um amigo. Será que contava o fato de ela não sentir a amizade com a mesma intensidade com que sentia aquele desejo poderoso e angustiante?

E que tipo de amiga era ela, que permitia a distração de imaginar se as mãos de Dex eram tão talentosas quanto pareciam, a ponto de isto impedi-la de cutucá-lo e provocá-lo para obter os detalhes do que ele vinha fazendo da vida? Por um breve segundo, Zoe se perguntou se Dex poderia ser Gandalf. Mas daí ela balançou a cabeça. Não. Primeiro, ele estava trabalhando no ramo de T.I. no ano anterior. E segundo, Dex sempre fora um nerd ferrenho. Um gênio da matemática e da ciência, mas totalmente tímido e desprovido de criatividade. Definitivamente longe de ser o tipo "desenvolvedor de um jogo eletrônico de *fantasia*".

Pelo pouquinho que havia revelado, ele muito provavelmente estava desempregado. Falido? Aqueles sonhos grandiosos de sucesso que tão determinadamente quisera ver concretizados desde criança, será que haviam sido pisoteados pela realidade até virarem pó? Talvez fosse por isso que ele tenha agido de modo tão estranho no início? Estaria ele envergonhado? O coração de Zoe suspirou. Ai, cara. Pobre Dex. Ela desacelerou os passos. Talvez ela pudesse ajudá-lo? Claro, ela estava acostumada a trabalhar com grandes empresas, mas isso não significa que não poderia adaptar suas habilidades e solucionar problemas de um único profissional, certo? Afinal era isso que ela estava fazendo por Zach.

A visão dos olhos sensuais, do sorriso torto e daqueles ombros incríveis de Dex passou pela mente de Zoe. Um nervosismo intenso tomou conta de seu estômago, o tipo que faria uma garota sair para comprar lingerie antes de um primeiro encontro. Que a fazia suportar a agonia da depilação. Que a faria rir feito boba, planejar encontros fortuitos cuidadosamente e passar horas imaginando como era o beijo de um cara.

O que era louco. Dex era um velho amigo. Ela queria ajudá-lo porque se importava com ele. Não era como se ela estivesse planejando algum tipo de manobra para vê-lo nu e explorar o corpo inteirinho dele até que ambos desabassem gritando em êxtase.

Não mesmo.

Com isto em mente, Zoe sorriu e deu meia-volta para retornar ao restaurante.

E deu de cara com um peito imenso e volumoso.

– Cuidado – disse uma voz masculina quando duas mãos musculosas agarraram os ombros dela para evitar que Zoe caísse de bumbum no chão.

Sem fôlego, ela inclinou a cabeça para trás e piscou algumas vezes. Em seguida, franziu a testa e piscou novamente.

– Brad Young?

Não podia ser. Parecia sua antiga paixão. O capitão do time de futebol e o primeiro sujeito a acariciá-la. O cabelo louro estava supercurto, mas tão denso quanto sempre e impecavelmente arrumado. O rosto de menino ainda estava bonito. E o corpo? O olhar de Zoe passeou nos braços carnudos e peito largo. A década realmente não tinha feito bem àquele corpo.

– Sim, sou eu, Brad – disse ele, soltando os braços de Zoe. – E você é…?

Zoe deu um passo para trás, ainda franzindo um pouco a testa. Ela lhe deu uma segunda olhadela, mais demorada. Daí ergueu as mãos, a cerca de meio

metro de distância dos ombros dele, medindo.

Ela remexeu os dedinhos dos pés dentro das botas. As mesmas botas que estava usando na noite anterior. Os saltos de dez centímetros de altura a deixavam com quase 1,77m. Mas ela ainda precisava inclinar a cabeça para trás para enxergar Brad. Pousando as mãos à cintura, ela tamborilou os dedos nos quadris.

Com olhos semicerrados, ela baixou o olhar para o corpo dele mais uma vez. Ele não estava gordo, de jeito nenhum. Mas tinha aquela estrutura tipo malho-muito-os-braços-mas-bebo-muita-cerveja. Incapaz de evitar, ela olhou para o zíper dele. Ao contrário do jeans de Dex, que definitivamente tinha um volume interessante ali, a calça cáqui de Brad era plana e sem graça.

Como um boneco Ken.

Brad não era o gostosão mascarado. Zoe sentiu o estômago afundar enquanto lidava com o pânico de ter beijado um total estranho na noite anterior. E adorado.

– Gata? Estou feliz por você saber quem eu sou, e adoraria saber quem você é. Mas você precisa dizer alguma coisa. – O riso não necessariamente gentil vibrou na voz baixa.

Afastando os pensamentos da sessão de amassos e de volta à conversa, o olhar de Zoe voou de volta para Brad. Argh. Ela havia se esquecido de que ele chamava todas as meninas de *gata*. Mesmo em meio a sua empolgação induzida pela quedinha por ele, Zoe já percebia há dez anos que era um jeito de não ter de se lembrar do nome de uma garota.

Ele sorria abertamente, cheio de dentes, como um homem se candidatando a um emprego de vendedor de carros usados. Zoe se obrigou a sorrir.

– Zoe Gaston – disse ela finalmente.

– Não pode ser! – Os olhos castanhos se arregalaram e ele a fitou como se estivesse tentando descobrir onde ela havia escondido o restante da adolescente gordinha vestida de preto.

– Sim, sou eu – rebateu Zoe, seu sorriso enrijecendo. – Como você tem passado?

– Muito bem. Tudo incrível, é claro – murmurou ele, como se estivesse pouco ciente das próprias palavras. Em vez disso, toda a atenção dele estava voltada para Zoe. Os olhos dele fizeram uma leitura lenta do corpo dela, desde o cabelo despenteado até as pontas das botas. Zoe sentia como se estivesse sendo apalpada visualmente.

Ela deveria estar emocionada. Receber cem por cento da atenção de Brad Young estava no topo de seus objetivos escolares, lado a lado com uma ótima colocação no Enem e de ter um acompanhante para o baile da escola.

Em vez disso, ela estava morrendo de vontade de tomar um banho.

Ela suspirou, imaginando seu coração adolescente se esvaziar feito um balão furado. Ela queria dar um pretexto qualquer e cair fora. Mas seus dedos tamborilaram sobre o celular no bolso da frente, fazendo-a se lembrar da mensagem de Meghan.

Brad ainda era o favorito na missão Quem é Gandalf. O que significava que ela precisava dele.

– Eu soube que você estava aqui, e que estava linda. Agora estou podendo conferir pessoalmente. Desculpe, não a vi na noite passada. Presumo que sua roupinha cheia de chicotes e correntes foi uma resposta ao problema da virgindade? – perguntou ele com uma daquelas piscadelas cheias de malícia. – Acho que você não precisou do camisa 89 para te ajudar nisso.

Ele deu uma gargalhada alegre. Como uma espécie de Papai Noel pervertido. Zoe sabia que estava boquiaberta, mas não conseguia evitar. O sujeito ainda se referia a si mesmo pelo número da camisa no futebol?

– Então onde chicotes e couro se encaixam no seu emprego? – quis saber ele, se aproximando. – Aposto que os detalhes são suculentos.

– Na verdade, não – murmurou ela enquanto dava um passinho para trás. Afinal, ela não precisava que ele transformasse aquelas apalpadelas visuais em algo real.

Zoe queria dar meia-volta e fugir daquele grude nojento. Mas Brad era sua melhor aposta na busca por Gandalf. Toda sua pesquisa até agora, bem como a fofoca que ela reunira, indicava que ele era o candidato óbvio. Então recorreu às reservas de sua defesa. Postura. Ela inclinou o quadril para um lado, empinou o queixo e deu uma piscadela para Brad digna de Mae West. Fingindo estar com o chicote em vez do celular, ela tomou o comando da conversa.

– Fiquei triste por não ter encontrado você ontem à noite também. Eu realmente queria ver sua fantasia. Alguém me disse que você vestiu-se de mago…? – perguntou ela com um sorriso. Ela esvoaçou os cílios sedutoramente só para se certificar. – Já que perdi, você vai ter de me atualizar. O que você tem feito?

Brad franziu a testa, olhando para ela como se estivesse tentando descobrir o que havia de errado em seus olhos. Zoe desistiu de esvoaçar os cílios.

– Atualmente? – perguntou sem muita expressão. – A mesma coisa de sempre. Estou no jogo, sacou?

A-rá. Ela deu um suspiro de alívio. Ele *era* Gandalf.

– Jogo? – perguntou ela engenhosamente.

– Você sabe… jogo. A vida tem a ver com estratégia. Eu investi meus talentos como capitão do time da escola e presidente de classe com um propósito. Fui o primeiro da faculdade quando consegui minha licenciatura em Ciência da Computação, e depois fiz uma bela de uma grana.

Zoe manteve o sorriso no lugar, mas inclinou a cabeça para um lado e lançou um breve olhar de "hum?" Como isto se aplicava a jogos eletrônicos? Gandalf não tinha criado nenhum jogo esportivo.

– Então… significa que você está fazendo exatamente o quê agora? – sondou ela, o sorriso amável falhando um pouco. Ela queria saber logo se ele era o mago dos jogos eletrônicos ou não. Porque, se não fosse, ela poderia ficar bem longe dele e de seu olhar malicioso. Deus, que tipo de idiota ela havia sido para sentir uma paixão tão forte por aquela besta?

– Isso é segredo, lembra-se? – disse ele com uma risadinha alta enquanto a puxava para um abraço de urso com cheiro forte de colônia. Zoe fez uma careta de encontro ao peito dele. – Você é tão sorrateira quanto linda, não é? Tentando descobrir o que faço para vencer o desafio do reencontro.

– Não, na verdade… – Zoe começou a protestar.

Antes que ela pudesse fazer algo além de arrancar o rosto da camisa polo e gaguejar, uma risada fria ricocheteou pela sala como se um pingente de gelo furtivo tivesse aparecido de repente.

– Que bonitinho – disse Candice enquanto ela entrava desfilando. Sua comitiva, incluindo as gêmeas ruivas e uma dúzia de outras pessoas empertigadas, a seguiam de perto. Candice lançou um olhar malicioso a Zoe, seus olhos de um azul gélido. Sua comitiva assistia com curiosidade extasiada, à espera de que Candice batesse na cabeça de Zoe com um pompom ou algo assim.

Zoe suspirou. Não era à toa que ela odiara a escola.

– É como voltar no tempo – murmurou Candice. – Você correndo atrás do inalcançável.

– E você, determinada a vencer a qualquer custo – rebateu Zoe.

A loura deu um sorriso cheio de dentes, de rainha da beleza para nerd.

– É claro, você tem seus próprios meios, não tem? Couro, não é?

– Deixei meu chicote na mesa de cabeceira – brincou Zoe.

– Ao lado do seu biquininho de couro? – perguntou Brad, intrigado o suficiente para arriscar entrar na briga latente.

– Que gracinha – disse Candice ao mesmo tempo.

Sabendo por experiência própria que não fazia sentido trocar seis por meia dúzia, Zoe ofereceu-lhes um sorriso sem graça.

A loura parecia uma mulher que tinha acabado de passar a manhã no salão de beleza: cabelo perfeito, pele perfeita, corpo perfeito. Ela deu um sorriso zombeteiro para Zoe, então, passando entre ela e Brad, pôs a mão com garras cor-de-rosa no peito do sujeito e inclinou-se para lhe dar um beijo no rosto.

– Tomara que eu não tenha feito você esperar – disse ela a ele.

Brad piscou algumas vezes, sulcos profundos surgindo na testa.

– Hein?

Zoe semicerrou os olhos. Vinte e quatro horas e a líder de torcida já o havia fisgado? Ou só estava tentando passar tal impressão? Não importava. Candice podia ficar com ele. Ou pelo menos com o corpo dele. Era a profissão dele que Zoe queria.

– Eu te mandei um e-mail – murmurou Candice, inclinando-se mais perto dele e entortando a cabeça para bloquear Zoe da conversa.

Os olhos azuis de Brad ficaram um pouco embaçados em confusão. Ou talvez fosse outra coisa, uma vez que Candice estava esmagando os seios contra o braço dele.

– Eu assinei SweetCheeks – Zoe ouviu Candice sussurrar.

O olhar de Brad desanuviou; um sorriso perverso dividiu o rosto dele.

– Devo dar créditos a uma mulher que conhece os jogos dela – disse ele.

Com o coração acelerando, Zoe deu um passo involuntário para a frente.

– Brad – começou ela.

Mas antes que ela pudesse desembuchar qualquer outra coisa, Candice enfiou a mão no braço musculoso de Brad e encostou a cabeça no ombro dele.

– Café da manhã?

– Claro – respondeu ele com o olhar colado no decote dela.

– Zoe, falo com você mais tarde – mandou ele enquanto Candice o arrastava para longe. A comitiva a seguiu em silêncio, embora alguns tivessem lançado olhares de comiseração para Zoe.

Ignorando a pena, Zoe ficou observando num silêncio vão enquanto Candice roubava Brad. Mais uma vez. Quando o casal chegou ao restaurante, a loura se

virou e jogou um olhar exultante para Zoe, uma sobrancelha arqueada num triunfo provocador.

ZOE OLHOU pela janela da sala de jantar, observando a reunião de seus ex-colegas e a afetividade entre eles. Ela precisava falar com Brad. Falar com algumas pessoas, na verdade. Mas não ali. A única coisa que ela conseguiria caso se juntasse à rodada estúpida de jogos com os quais eles estavam brincando esta tarde seria mais do esnobismo sarcástico de Candice ou olhares de pena dos outros colegas. Não, obrigada. Ela chutou uma pedra, fazendo uma carranca e assistindo-a cair entre os paralelepípedos cobertos de folhas.

– Este não é o jeito certo de tratar estas botas tão lindas.

Ela virou-se, estremecendo quando encontrou o dono da voz. Uma mulher idosa estava sentada no banco do jardim, arrancando ramos mortos de um arbusto seco. Seu chapéu imenso fazia sombra na pele de pergaminho sob o sol de fim de tarde de outono.

– Desculpe, eu não a assustei, não é?

A mulher balançou a cabeça, o olhar, deixando claro que ela não esperava uma explicação para a birra de Zoe, no entanto.

– Só estou frustrada – Zoe deixou escapar enquanto enfiava o celular no bolso do casaco, bem como as mãos. Droga, ela havia se esquecido de quanto os outonos de Idaho eram frios. – Vir para esta reunião foi um erro.

Obviamente, assim como aquela caminhada. Sabendo que precisava tomar providências, ela seguira diretamente para o quarto depois de seu encontro com Candice e Brad, também conhecidos como Barbie e Ken, e pegara o casaco. Agora estava passeando pelo jardim, em direção a uma colina ao lado do hotel.

– Por quê? – perguntou a senhora, sem se incomodar com a confissão ímpar de Zoe. – Não é o que você esperava? Ou muito próximo do que você se lembrava?

Zoe fez um som evasivo, sem saber como dizer que não tinha esperanças e que as memórias eram das piores. Com exceção de Dex. Estas lembranças eram maravilhosas.

Ela franziu a testa, fitando a idosa com mais afinco. O reconhecimento surgiu então.

– Sra. Drake?

– Sim, sou eu. E você é Zoe, não é?

Com olhos arregalados, Zoe olhou para baixo para ver se ainda estava com a etiqueta com seu nome pregada no peito.

– Como a senhora sabe?

– Dexter sempre teve um fraco por você – disse a senhora. Com a agilidade de uma pessoa com metade da sua idade, ela saltou do banco e caminhou até Zoe. – Você está dando um passeio? Vou acompanhá-la.

Tentando decifrar o que significava "ter um fraco" na linguagem de um garoto adolescente, Zoe assentiu e desacelerou os passos para acompanhar a octogenária.

– Eu soube que vocês tiveram uma pequena confusão mais cedo – disse Zoe, mudando de assunto enquanto cruzava a cerquinha branca bem-cuidada do caminho cercado por muito mato no terreno perto do hotel. O ar gélido de outono tinha cheiro de folhas caídas, flores em decomposição e frio intenso. – Eu estava com Dex quando lhe contaram a respeito. Ele parece estar lidando muito bem com a administração do hotel. – Então Zoe lançou um olhar de soslaio para a mulher risonha, para avaliar o que dizer e também um tanto maravilhada. Será que ela havia se jogado na piscina também? – Dex está… mudado.

– Bem, isso não é de todo ruim, não é? – perguntou a sra. Drake com uma risada safadinha que não combinava nada com uma avó. Sim, Zoe tinha certeza de que a velhinha também se jogara na água. – Quero dizer, ele gostava de se fantasiar, se é que você se lembra. Eu me preocupei com ele durante um tempo.

Zoe piscou, perguntando-se por quê. Dex sempre lhe parecera a criança dos sonhos. Boas notas, ajudava quando lhe era solicitado. Claro, ele fizera suas birras aqui e ali, mas nunca causara problemas de verdade aos pais.

– Vocês dois tiveram uma conversa agradável? – perguntou a mulher quando tomou o braço de Zoe para poder passar por cima de um galho caído no caminho.

– Conversa? Foi… – Esquisito? Ela passara a maior parte do tempo cobiçando seu velho amigo. Não que ela pretendesse contar isto à avó dele. – … foi um pouco estranho, acho. Nós perdemos contato, sabe?

– A verdadeira amizade requer um pouco de trabalho, é claro.

A culpa fez cócegas na espinha de Zoe diante da verdade de tais palavras. Ela devia ter mantido contato. Estar de volta ali, reencontrar Dex, a fazia se lembrar do quanto gostava dele. Mas, como tudo em sua vida, ela não fora capaz de fazer durar no longo prazo.

– Nós éramos melhores amigos. Obviamente não somos agora, mas ainda

deveríamos nos sentir confortáveis juntos, certo? Só que foi tudo, como eu disse, estranho.

– As coisas mudam – disse a sra. Drake sabiamente. Em seguida, disparou um olhar afiado para Zoe e disse: – É fácil usar isto como pretexto para deixar para lá. Afinal de contas, as coisas podem ser alteradas de volta, é claro. Se você quiser se dar ao trabalho.

Elas chegaram aos limites da propriedade e ao portão que dava para uma casinha de pedra. A senhora deu um sorriso a Zoe e disse:

– Foi bom vê-la novamente, Zoe. Certifique-se de me visitar enquanto estiver aqui. Eu gosto de você.

Zoe piscou, então ficou observando até a sra. Drake entrar em seu chalé, em plena segurança. Bem, pelo menos uma pessoa gostava dela. De algum modo, aquilo funcionava tanto como um talismã quanto a postura que o chicotinho lhe dera.

Zoe se arrastou por entre as ervas daninhas densas e ainda verdes, e pelos arbustos no caminho para a colina. Bufando devido ao esforço, ela franziu a testa diante da ideia de que aquilo era culpa dela mesma, mas não desacelerou. Precisava sair do hotel, longe dos gritos empolgados e comemorações irritantes do reencontro. Longe, muito longe da vista de Candice e de Brad recebendo a atenção das pessoas populares.

Entrar em forma nunca fora um objetivo dela. Mas daí, ela sempre tivera Dex lhe dar alguma segurança. Notório. E agora? Agora ela estava mais só do que nunca. E era culpa dela mesma. A verdade foi como um tapa. Veloz, inesperada e chocante. Zoe cerrou os lábios para evitar que as lágrimas caíssem.

Será que a preguiça fora a culpada por sua perda de contato com Dex? Ou o medo?

Zoe fez uma careta, enfiando as mãos mais fundo nos bolsos do casaco enquanto continuava a subir pela colina. Que divertido! Ela revisitara seu passado infeliz e descobrira que era uma hipócrita, tudo na mesma semana.

Fez o que sempre fazia quando necessitava lidar com suas emoções, Zoe as evitava. Em vez disso, concentrara-se no quebra-cabeça de Gandalf. Brad ainda era o principal candidato, mas o gostosão mascarado também era uma possibilidade. Afinal ele viera com uma fantasia de um personagem de *O senhor dos anéis*. Talvez fosse parte do enigma?

E agora Zoe tinha certeza de que o gostosão mascarado definitivamente não era Brad. Claro, eles tinham quase a mesma altura. E estava escuro, o beijoqueiro

sexy estava disfarçado. Mesmo assim, Zoe ainda tinha certeza. O gostosão era esbelto e musculoso. Brad era musculoso, porém mais corpulento. A voz também era diferente. Isso sem falar na postura. O gostosão mascarado estava interessado, porém hesitante. Zoe tinha a sensação de que, se Brad tivesse colocado as mãos em seu corpo revestido de couro, nada o teria detido desta vez.

Então, quem diabos ela beijara?

Zoe passou por cima de um tronco caído, a madeira áspera roçando no calcanhar da bota, então ela quase caiu. Aprumando-se, olhou para cima. Lá estava ela. Aninhada entre dois galhos imensos de um carvalho cujas folhas amareladas estavam caindo rapidamente. A casa da árvore que ela e Dex tinham construído quando Zoe tinha 15 anos.

Bombardeada por lembranças e emoções, sentou-se no tronco caído e olhou para a madeira podre de seu refúgio na adolescência. Bem ali na bifurcação daqueles membros enormes, ela e Dex tinham planejado o futuro. Era onde reclamavam dos professores ruins e do currículo pouco desafiador. Onde pensavam em se vingar de todos que já os haviam magoado. Certa vez, lembrou-se Zoe fungando um pouco, Dex a flagrara em lágrimas ali, escondendo-se do mundo após a morte de seus pais. Ele subiu silenciosamente, a abraçou e em seguida enxugou seu rosto com a manga da blusa. Ela até mesmo compartilhara sua paixão por Brad, e depois seu coração partido por causa do péssimo comportamento dele depois do desastre do primeiro encontro.

Que diferença dez anos faziam. Antes, ela ficara empolgadíssima quando um sujeito lhe concedera um pouco de atenção.

E agora?

Três caras em suas mãos. Um deles havia lhe proporcionado o beijo mais quente que ela já experimentara. Já o segundo era um peça necessária para o sucesso da empresa de seu irmão. E o terceiro estava fora de seu alcance. Não só porque era seu amigo, mas também porque Dex gostava de tarefas de longo prazo. Seu retorno para ajudar os pais, a ligação com a avó, tudo era prova de que Dex não era do tipo que gostava de aventuras de uma noite só.

Dentre todos os problemas que Zoe imaginara ao concordar participar da reunião, este certamente não fazia parte da lista. Balançou a cabeça em descrença. Quem teria pensado nisso?

Zoe Gaston, a garota com maior probabilidade de morrer virgem. Perseguindo três rapazes. E aparentemente ela não ia conseguir agarrar qualquer um deles.

Ela havia voltado com a intenção de usar o passado para fazer uma coisa

altruísta, garantir um futuro para seu irmão. E o que ela encontrara? Fracasso, em sua melhor forma. Era de se imaginar.

COM A irritação acompanhando-o feito um resfriado, Dex saiu pisoteando pelo jardim adjacente ao hotel e à casa de seus pais. Ele entrou na casa onde passara a infância, olhando para o hotel antes de bater a porta da frente.

Mas que droga. Primeiro ele tinha passado a manhã ligado pela cafeína enquanto reprisava sua conversa com Zoe. Por mais que não conseguisse parar de pensar nela, também não conseguia parar de se perguntar o que diabos ela queria com seu alter ego. Claro, ele queria que ela pensasse nele. Mas de um jeito quero-arrancar-as-roupas-desse-cara-e-transar-com-ele-de-todos-os-jeitos. E não rastreando-o para um trabalho.

Mas, em vez de procurá-la para continuar a conversa, ele teve de lidar com uma meia dúzia de confusões com antigos colegas, os quais ficaram empolgados ao vê-lo. Naturalmente, as saudações eram sempre seguidas por pedidos de descontos em seus quartos, acesso gratuito às festas e outros exemplos variados e diversos de por que eles o consideravam útil.

Acrescente a isto ter de castigar a própria avó por estimular um mergulho nu na piscina mal aquecida, os pedidos constantes do comitê da reunião, a entrega de produtos em falta, um problema no encanamento e uma criança perdida, e tudo antes do meio-dia, e eis aí uma manhã bem ruim.

Voltando para o tal reencontro dos colegas, tinha sido uma ideia estúpida. Ele não conhecia a primeira regra a respeito da administração bem-sucedida do hotel. Ainda não podia suportar a maior parte de seus ex-colegas de escola. E tinha sido um idiota ao achar que ele e Zoe seriam capazes de recuperar a amizade. E um idiota maior ainda por sonhar que eles de fato poderiam se relacionar afetivamente. Ele já devia ter aprendido a economizar sua imaginação louca para seus jogos eletrônicos.

Dex passou pela cozinha, mal percebendo os aparatos antigos em tom verde-abacate e os balcões de fórmica salpicados de dourado. Seus pais não pouparam ao construir o hotel, mas ele tinha certeza de que a casa não tinha mudado desde que ele havia nascido.

Ele pegou um refrigerante na geladeira e foi para seu laptop. A pergunta de Zoe sobre Gandalf o estava incomodando. Por que ela estava procurando pelo *gamer*?

Um movimento lhe chamou a atenção. Passando pela janela da sala de jantar, ele viu uma figura descendo a colina atrás da casa.

Zoe.

Vestida toda de preto, desde o gorro, passando pelo casaco, até as botas pecaminosas com as quais ele sonhara na noite anterior, ela parecia solitária. Os únicos pontos coloridos eram o cachecol vermelho e as bochechas coradas pelo frio.

Mesmo de longe, ela o excitava.

Ele a desejara durante a maior parte de sua vida adolescente. Ele dedicara muitas horas de fantasia a ela. Daí finalmente a provara e descobrira que, diferentemente da maioria de seus sonhos, ela era ainda melhor na vida real.

Então o que ele ia fazer? Ficar de beicinho como uma criança mimada porque conquistá-la não foi fácil? Ou arriscar a oportunidade de uma vida?

Sua ereção o incitava a correr o risco. Seu ego ferido pedia moderação. Sempre o mediador, ele buscava a mente para se ajustar.

Dex precisava saber por que Zoe estava atrás de Gandalf. Isso era prioridade. Claro, era um segredo bastante sólido, mas havia algumas pessoas que poderiam dar com a língua nos dentes. A vovó, por exemplo. Alguns funcionários do hotel para quem seus pais poderiam ter se gabado…?

Sua mente começou a se concentrar nos aspectos práticos e ele foi capaz de recuperar o controle do corpo. A fim de manter Zoe em vista, porém, Dex caminhou até a sala de estar, de onde ainda podia ver Zoe pela janela da frente.

Dex olhou ao redor da sala – paredes nuas, nenhum porta-retratos a vista. Que inferno, esta era a única coisa que havia mudado desde que ele morara ali e sua foto anual da escola decorava a lareira. Não, provavelmente ele não precisava se preocupar com o fato de seus pais terem se vangloriado.

Ele olhou para Zoe, observando suas costas enquanto ela seguia pelos jardins de volta ao hotel. Os ricos tons de vermelho e dourado das folhas imitavam as mechas coloridas do cabelo dela. Mesmo empacotados por causa do frio, seus quadris ainda requebravam num ritmo tentador, encantando-o com sua dança.

Dex ia atrás dela. Mas precisava ser cauteloso, se fosse fazer o jogo. Já que tinha funcionado tão bem na primeira vez, ia recorrer ao traje de novo. Mas teria de esperar até esta noite, quando já estivesse escuro, manter o sotaque e ser muito, muito cuidadoso. Ele tinha quase certeza de que ainda possuía lentes de contato coloridas em seu quarto. Sobras de seus dias de *cosplayer*. Ele colocaria

um par, para certificar-se de que sua única característica distinta estaria escondida. Só para garantir.

Excitação, mais do que apenas sexual, lhe espetou o âmago. De uma forma ou de outra, ele estava entrando para ganhar. Seu prêmio? Aquele com o qual ele havia sonhado durante 13 anos.

Zoe Gaston.

Capítulo 6

Deus, Zoe odiava sentir frio. No espírito investigativo, ela havia passado a tarde e a noite com alguns de seus ex-colegas de classe participando de caça ao tesouro. Ela fizera par com a mulher fantasiada de cachorro da festa à fantasia, e elas perderam de forma lamentável, mas com isso Zoe descobrira que algumas das pessoas com quem ela havia estudado não eram de fato tão ruins assim. Talvez porque Heather, a cachorrinha, também não tolerasse Candice. Zoe sorriu. Elas tiveram toneladas de assunto.

Mas papo sobre Gandalf? Todos concordavam que ele tinha sido da turma. A especulação era abundante, mas fatos sólidos? Nada. Era como tentar encontrar o Batman.

Gelada até os ossos, ela sapateou, tentando estimular um pouco a circulação enquanto tentava encaixar o cartão na fechadura eletrônica. Não tinha certeza do que era pior, seus dedos trêmulos ou o fato de a luz do corredor, uma arandela ornamentada em frente à sua porta, estar queimada, de modo que o corredor estava praticamente na escuridão.

– Precisa de ajuda?

Zoe engasgou de susto, virando-se e empunhando o cartão de plástico diante de si como se fosse uma arma.

Com olhos arregalados, ela procurou e então encontrou, o dono da voz grave e masculina com leve sotaque. O coração já acelerado disparou como um cavalo de corrida.

– Você – arquejou ela. A excitação rodopiou dentro dela, sob um ataque repentino de cautela nervosa. Aquilo era loucura. Ele era um desconhecido. Ela

não deveria ter cuidado?

Ele deu um passo em meio às sombras, como uma fantasia mascarada. Estava sem a capa desta vez, mas ainda estava usando a calça de couro grudada à coxa, a camisa de algodão macio e a máscara.

Um calor infiltrou-se pelo corpo de Zoe, relaxando seus músculos, encharcando seu cérebro. E também enrijecendo seus mamilos e reunindo um desejo úmido entre suas pernas. Ah, sim, dane-se a cautela.

Era a máscara que mais a excitava. Talvez fosse o ar de perigo que carregava? Ou talvez – ela sugou o lábio e permitiu que seus olhos passeassem pelos ângulos das maçãs do rosto e queixo – fosse algo tão simples quanto a visão de herói sexy? Eis ali um cara capaz de fazê-la flutuar, de levá-la para longe e realizar todas as suas fantasias.

De preferência antes de ele evaporar no pôr do sol desta vez.

– Não tenho certeza se você está disposto a satisfazer minhas necessidades, se é que me entende – observou ela com uma fungada. – Se bem me lembro, você me abandonou e me deixou um tanto desamparada ontem à noite.

– Por que será que eu duvido que você foi incapaz de cuidar de todas as suas frustrações sozinha? – murmurou ele com um sorriso travesso que repuxava um canto dos lábios exuberantes.

A própria boca de Zoe se contraiu, mas recusou-se a sorrir. Precisava ter em mente que, sob todo seu nervosismo, ainda estava chateada com ele.

– E aí? Você fornece pilhas para todas as suas conquistas? Você sabe, para que elas possam aliviar a tensão sexual depois que você as deixa cheias de tesão e perturbadas?

Ele chegou mais perto. Perto o suficiente para ela quase ser capaz de distinguir seus traços no corredor escuro. Tão perto que seu aroma preencheu os sentidos de Zoe. Ela respirava o perfume sutil, a boca enchendo de água só pela provinha dele.

– Você ficou cheia de tesão e perturbada? – perguntou ele numa voz baixa e rouca que enviou um tipo diferente de arrepio pelo corpo de Zoe.

– Talvez tépida e irritada – rebateu ela.

Os joelhos de Zoe bambearam quando ele sorriu em meio à escuridão. Determinada a não deixá-lo saber, ela inclinou o quadril para um lado, empinou o queixo e levantou uma sobrancelha. Ela teria arqueado os ombros também. Mas o movimento teria pressionado seus seios contra o peito dele e, caramba, ele

ia ter de se esforçar para ganhar aquele tipo de emoção. Afinal de contas, ele a havia deixado na seca na noite anterior.

Então ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo de Zoe atrás da orelha, os dedos roçando na bochecha, e ela quase ronronou.

– Talvez eu possa me livrar desta irritação?

Irritação e tudo o mais. Ela se livraria de qualquer coisa que ele quisesse para ter mais uma provinha daqueles lábios.

– E o calor? – perguntou ela, o olhar fixado na boca dele.

– Eu vou fazer este calor virar um incêndio – disse ele enquanto apoiava uma das mãos na parede atrás dela. Ele ainda não a estava tocando, mas o movimento a fez sentir-se deliciosamente encurralada.

– E depois? – perguntou ela. Tudo que ela queria era permitir que ele o fizesse, mas um lado perverso de seu cérebro se recusava a esquecer o insulto do abandono repentino na noite anterior.

– Você gostaria de saber cada detalhe dos meus movimentos? – perguntou ele, o riso dançando nos olhos castanhos. Algo neles incomodou Zoe por um segundo, mas daí ele se moveu, só um pouquinho, e o olhar dela decaiu sobre a boca sorridente.

– Acho que eu não confio totalmente em você – admitiu ela, dando de ombros. O gesto a fez roçar o ombro no antebraço dele.

– Você confia em alguém? – questionou ele, um sorriso ainda nos lábios, mas o tom astuto.

Sem saber como responder, Zoe apertou os lábios. Mentir nunca era uma coisa bonita. Mas admitir sua dificuldade para confiar era o equivalente a arrancar todas as suas defesas e lhe dar uma amostra de sua alma neurótica. Definitivamente isso não era nada sexy.

– A confiança deve ser conquistada – disse ela finalmente. Então lhe lançou um sorriso malicioso e sugeriu: – Talvez você devesse me deixar acorrentá-lo à cama até que eu saiba lidar com você?

Ele fechou os olhos e soltou um gemido baixinho, em seguida sacudiu a cabeça e deu uma risada pesarosa.

– Você está me matando.

– Somente com a tentação.

Com isso em mente, ela estendeu a mão e passou a palma da mão pelos músculos rijos do ombro dele. O algodão macio da camisa era como seda sob sua mão enquanto ela acariciava os músculos duros. Os mamilos de Zoe

intumesceram diante da sensação deliciosa, pressionando contra a constrição apertada de seu casaco pesado de inverno. De repente, Zoe sentiu-se tão quente que poderia se despir e escancarar a janelinha ao final do corredor, e sabia que ainda assim teria vapor saindo de seu corpo.

Ele tomou sua mão e entrelaçou os dedos aos dela. Levando-a até a boca, ele roçou os belos lábios lindos pelas costas dos dedos de Zoe, o hálito fazendo cócegas em sua pele e fazendo-a desejar de fato estar nua.

Ela esfregou o polegar nos lábios dele. Dex roçou os dentes na pontinha do dedo. Em seguida, delicadamente, pôs a mão dela de encontro à parede, prendendo-lhe o pulso, travando a mão dela.

– Sem tocar – disse ele. – Ainda.

O *ainda* fez o desejo zunir pelo corpo de Zoe, deixando-a sem fôlego e girando até embaixo, indo até a barriga e acomodando-se numa poça entre suas pernas.

– Agora é você quem está me matando – disse ela com uma risada forçada.

– Não. Primeiro quero conhecer você melhor. Prometo que vou te beijar. Te tocar. Mas primeiro eu quero saber mais. Quero saber o que te excita. O que te deixa louca. Quero personalizar tudo que eu fizer, com seu prazer em mente.

Zoe deu uma risada impotente.

– Personalizar? Você faz soar como se fosse um programa de computador ou algo assim.

Ele pareceu congelar por um segundo. Então sorriu, afastando a ideia tão depressa que Zoe não teve certeza se só tinha imaginado aquilo. Antes que ela pudesse fazer mais do que semicerrar os olhos, ele inclinou o rosto para ela. Tão perto que ela sentiu o hálito lhe acariciar o rosto, a umidade quente da boca máscula a milímetros da sua.

O fôlego de Zoe congelou no peito. Ela baixou as pálpebras, os cílios grossos fazendo cócegas no rosto antes de ela se obrigar a abrir os olhos para encontrar o olhar dele, que aprisionou o dela. Ele passou a língua sobre o lábio inferior de Zoe lentamente. Ela gemeu. Ele mordiscou com delicadeza, a carne macia. Ela quase gozou ali mesmo sob um prazer intenso e chocado.

– Diga-me o que você faria comigo – incitou Dex baixinho enquanto se afastava. Zoe se inclinou para a frente, tentando recapturar-lhe a boca. Ele balançou a cabeça muito discretamente.

Zoe queria dizer a ele para parar de brincar e beijá-la novamente. Mas um lado dela estava intrigado. Havia algo incrivelmente erótico na ideia de falar coisas

eróticas. Ela sempre fora mais de ação do que de palavras, de modo que aquele era um território virgem.

E foi a palavra *virgem* que a libertou de suas inibições. Zoe tornara o objetivo de sua vida adulta evitar a virgindade acima de todas as circunstâncias.

Ela tentou imaginar o que faria primeiro.

– Vou deixá-lo nu, é claro – disse ela.

Aparentemente necessitando continuar a tocá-la, ele usou a mão livre para enredar um dos cachos dela em torno de seus dedos, deixando os fios sedosos deslizarem para depois soltá-los.

– Mas eu mantenho a máscara – informou ele a ela, a boca curvando num sorriso torto.

– Isso não é justo.

– Você pode manter as botas – ofereceu ele.

Zoe deu uma risadinha. Daí tal visão se aglutinou em sua mente e o sorriso dela desapareceu dos lábios. Ah, sim. Aquele corpo lindo espalhado sobre a colcha de seda. Ela montada nele usando nada além das botas pretas cravadas com tachinhas.

Sexy.

Sexy no estilo transe-comigo-agora, na verdade.

– Tudo bem, você fica com a máscara – concordou ela sem fôlego.

– E depois o quê?

Daí ela pousaria as mãos na cabeça dele. Com a máscara, para dar a ambos uma sensação de liberdade proibida, e se inclinaria para beijá-lo. Ela lhe sugaria a língua, para bem dentro de sua boca, como um pirulito, ao mesmo tempo em que sustentaria o olhar dele, para que ele entendesse que ela ia fazer a mesma coisa com seu membro caso o desejasse.

Com a boca seca diante de tal visão, Zoe umedeceu os lábios. Ela nunca havia feito sexo nem mesmo por telefone. Assim, a ideia de verbalizar o que ela queria – fora da cama, é claro – era totalmente intimidadora.

– Você vai assumir o comando? – desafiou ele. – Ou vai dirigir, me dizendo o que fazer com você?

Apesar da timidez bizarra prendendo suas cordas vocais, Zoe se obrigou a relaxar.

– Eu te beijaria – respondeu. – Mas eu te beijaria de um jeito que te deixaria louco.

– Já que a visão de você nua, só usando as botas, com certeza já me deixaria

louco, então você não precisaria ir muito longe.

– Eu beijaria sua boca – disse ela, inclinando a cabeça para trás contra a parede e deixando seus olhos vagarem a meio mastro, para que pudesse imaginar melhor a cena. – Usaria minha língua, os dentes, até você gemer e me implorar para te tocar.

Ele soltou a mão de Zoe para poder abrir livremente o botão de cima do casaco dela.

– Estou montada em você – narrou ela num tom casual que fez os dedos dele pairarem nos botões antes de ele encostar a testa na dela, o tecido frio da máscara sugando um pouco do calor do corpo superaquecido de Zoe. Foi então que ela percebeu o poder, a autoridade sexual intensa que suas palavras tinham sobre a figura dele.

Contorcendo-se um pouco, desta vez de desejo e não de constrangimento, Zoe deixou a fantasia solta em sua mente.

– Meus joelhos estão envolvendo seus quadris nus. Eu estava segurando suas mãos contra os travesseiros, mas quando me sentei, eu as soltei. Aí você as colocou nos meus seios.

Os mamilos dela doíam, perolados e contraídos de desejo. Seus seios estavam inchados. Ela imaginava o tato dele abarcando o peso deles. As pontas dos dedos rondando os mamilos, beliscando e passando rapidamente pelos cumes pontiagudos.

Só quando o arrepio percorreu sua espinha Zoe percebeu que ele havia desabotoado o casaco todo. Ela deu um gemidinho de prazer quando as mãos fortes deslizaram sob seu suéter, traçando uma trilha fria ao longo das laterais da cintura, até chegar ao sutiã de renda.

– Fale mais – insistiu ele, enterrando a sua boca na lateral do pescoço dela. Ele respirou fundo, então gemeu e fechou os dedos sobre os seios. Não apertou, não manipulou a carne dolorida. Simplesmente aguardou.

A respiração de Zoe vinha em pequenos arquejos agora. Ela precisava de mais. No entanto, uma vozinha sã alertava, ela estava no corredor com um desconhecido mascarado.

– Nós temos de…

– Parar? – perguntou ele.

– … entrar no meu quarto – respondeu ela.

Ela sentiu o sorriso dele de encontro ao seu pescoço. Então, raspando os dentes na pele sensível, ele mordiscou suavemente. Zoe deu gemidinho agudo,

pressionando suas coxas juntas para intensificar a umidade, a pressão espiralando entre as pernas dela.

– Chave?

Zoe se obrigou a abrir os olhos e tentou se concentrar. O que ela havia feito com a chave? Ela se reposicionou com relutância, desejando que ele nunca precisasse parar de fazer sua mágica em seu pescoço, mas ao mesmo tempo desejando privacidade ainda mais. De soslaio, ela notou o brilho do plástico branco.

– Eu deixei cair – percebeu.

Antes que ela pudesse se mexer, ele abaixou-se e pegou o cartão. Mas, em vez de levantar-se, pôs-se de joelhos e acariciou as panturrilhas de Zoe. Surpresa, ela deu um pequeno suspiro. Ele passou as mãos pelas pernas dela, envolvendo a parte de trás dos joelhos. Zoe estremeceu e fechou os olhos para saborear melhor aquele deleite. Se as mãos dele já eram tão gostosas sobre o jeans grosso, como seriam contra a pele nua?

Então as mãos dele abarcaram seu bumbum e Zoe gemeu. Confiante, ele se inclinou para a frente e, começando a partir da coxa, distribuiu beijinhos de boca aberta ao longo da perna. Zoe prendeu a respiração. Ele ia mesmo fazer aquilo? Abrindo os olhos subitamente, ela fitou o corredor, alarmada. Estava deserto. Ela olhou para baixo e notou que ele a observava. Incapaz de se afastar das profundezas densas daquele olhar castanho, ela o encarou. Ele deu um sorrisinho, então pressionou a boca quente e úmida contra o ponto crucial entre as pernas dela. O calor úmido fluiu em reação ao toque, umedecendo sua calcinha.

– Espere – disse ela, sem fôlego. – Calma.

Ele gemeu. Mas também aguardou.

– Quem é você?

Ela não o viu congelar, mas sentiu. Ele se afastou.

E viu o orgasmo dela escapar de suas mãos.

– Não é quem é você, exatamente. Quero dizer, eu não preciso de um nome completo e de uma ficha de antecedentes criminais. O histórico sexual seria bom, é claro. Se levarmos tudo em conta, isso seria algo inteligente a se fazer, certo? Mas nada que possa comprometer sua, hum… – Ela estava balbuciando. Zoe fechou os olhos e deu um suspiro profundo e calmante. Então olhou para ele e deu uma risadinha ofegante antes de estremecer. – Você pode manter sua, você sabe, identidade secreta e tudo o mais… apenas, bem, nós nos conhecemos?

Zoe prendeu a respiração. Não era só a ameaça de perder o que prometia ser um orgasmo daqueles que a preocupava. Era a ideia de aquilo não ser apenas um jogo para ele. De ele estar realmente determinado a esconder sua identidade. Por quê? Ele era um psicopata maluco que rondava o hotel, esperando capturar mulheres solteiras? Mesmo quando tal ideia entrou em sua cabeça, Zoe revirou os olhos mentalmente. Claro, afinal havia tantas oportunidades para sair por aí usando máscara sem ser questionado.

– Nós estudamos juntos. Estou aqui por causa do reencontro de ex-alunos – disse ele por fim. Em seguida, franziu a testa, o movimento enrugando a máscara e conferindo-lhe um olhar um pouco demoníaco. – No entanto, eu não sou o Brad.

O alívio a inundou feito champanhe, completo com bolhas inebriantes de alegria e tudo. Zoe deu uma risadinha aliviada quando a tensão sumiu de seus ombros, fazendo-a relaxar os braços junto à cintura. Até aquele segundo, ela não tinha percebido o quanto estivera preocupada. Ele era um ex-colega de classe, o que o colocava estritamente dentro dos limites palpáveis.

Daí ela registrou as últimas palavras dele. Zoe abriu os olhos de repente e inspecionou o rosto dele ao máximo.

Ela o havia chamado de Brad na noite passada. E cinco minutos depois estava abandonada, sozinha e com tesão.

Bingo.

– Eu sei que você não é o Brad – disse ela em voz baixa. Zoe lambeu os lábios, percebendo que pisava no território do ego masculino. Frágil, sensível e desconcertante. Pelo que ela tinha ouvido de suas amigas, nada garantia mais a interrupção de um sexo promissor do que um passo em falso nesta área. Pessoalmente, ela nunca havia se preocupado com o ego de um sujeito antes. Naturalmente, nenhum deles já havia demonstrado ciúmes dela. Sem saber como entrar naquele jogo, ela usou sua tática de escape. Honestidade pura e simples. – Ontem à noite eu pensei que você fosse o Brad. Quero dizer, ele é o único cara da nossa turma a já ter se interessado por mim. Isto, e o sujeito das fotos disse que Brad estava vestido como um personagem do mesmo filme que você.

As palavras dele saíram tão baixas, que Zoe precisou se inclinar para ouvi-las.

– Brad não era o único cara interessado em você.

DEX NOTOU que Zoe ficou boquiaberta.

– Você não precisa dizer isso – protestou ela, balançando a cabeça de um jeito que dizia claramente que ela pensava que ele estava mentindo. – Já vou deixar você entrar no meu quarto. Essa conversa mole não vai te garantir uns truques excêntricos ou algo assim.

Ele bufou. Era mesmo a cara de Zoe pegar um fio de esperança e transformá-lo numa forca. Não querendo permitir que ela o colocasse em torno de seu pescoço, ele ficou de pé. No caminho, ele teve o cuidado de deixar seu corpo roçar no dela. Mas que droga, era tão bom. Macio. Ele não queria estragar sua chance de sentir mais do corpo dela. Mas também não estava disposto a abandonar seu ponto de vista.

– Brad Young era muitas coisas – disse ele, escolhendo as palavras com o mesmo cuidado com que escolhia os roteiros de seus jogos. – Mas ele não era conhecido por sua perspicácia. Ele demonstrou interesse porque sabia que sua paixonite faria de você um alvo fácil.

Ele aguardou pelo ataque dela. Em vez disso, Zoe arqueou as sobrancelhas, aí assentiu lentamente.

– Bem, acho que isso prova que você realmente foi da minha turma – concordou ela.

Dex sorriu.

– Mas ninguém mais tinha interesse por mim.

– Sim. Alguns caras tinham. Mas ou você os intimidava ou estava tão concentrada na estrela do time que não se tocava.

– Eu nunca intimidei ninguém – protestou ela, jogando a cabeça para um lado, de modo que seus cachos dançaram ao redor do rosto.

– É claro que intimidava. – Dex riu. – Você intimidava quase todo mundo. Desde os garotos mais ralés da turma, passando pelas líderes de torcida, até os professores.

O sorriso de Zoe dizia que a ideia de intimidar tais pessoas não exatamente a incomodava. Em seguida, ela inclinou a cabeça para um lado e ofereceu um olhar demorado.

– Eu intimidava você? – quis saber ela, em voz baixa.

Dex riu e começou a dizer que não. Daí parou. Ela era tão inteligente. Tão sexy. Isto era intimidação? Se não fosse, por que ele nunca a convidara para sair? Ele queria culpar a amizade deles por isto, mas algo a respeito de já a estar enganando com a máscara o obrigou a ser totalmente honesto em todos os outros aspectos. Desconfortável, ele deu de ombros.

– Não sei se poderia dizer que você me intimidava.

Ela retorceu os lábios, como se fosse rir. Então os contraiu e ergueu uma sobrancelha pensativa. Dex se perguntava se ela ia tomá-lo por um covarde.

– Mas mesmo assim você ainda tinha uma quedinha por mim? – O tom dela foi cheio de dúvida. Do tipo que dizia a ele que nada do que ele falasse iria fazê-la acreditar em suas palavras.

Sendo assim, ele iria demonstrar em vez de falar.

Dex se aproximou. Algo um tanto complicado, considerando que eles já estavam bem pertinho. O movimento pressionou os seios exuberantes contra o peito dele de um jeito que o fez querer gemer e agradecer. Ele enfiou as mãos no cabelo dela, deixando as ondas sedosas envolverem seus dedos.

Abaixando o rosto, pairou a boca sobre a dela, mas não tocou.

– Eu era louco por você do jeito que só adolescentes idiotas são. Você inspirava todas as minhas fantasias mais sórdidas. Você não se parecia nada com as outras garotas da escola. Ou com as garotas da TV. Em vez de ser uma bonequinha perfeitinha, você era nervosinha e desobediente.

A diversão cintilou nos olhos verdes de Zoe, ocultando as dúvidas. Dex tirou uma das mãos do cabelo dela para lhe acariciar o rosto macio. Ele queria provar aqueles lábios novamente. Sentir o calor quente e úmido de seu beijo. Mas ele se obrigou a segurar-se.

– Você usava roupas rasgadas que me davam um vislumbre de sua pele branquinha. Eu queria te tocar, mas sempre imaginava que você me daria um tapa. –Rendendo-se um pouco, ele roçou a boca na dela, sugando o lábio inferior por apenas um segundo. Então, antes que pudesse se empolgar, ele se afastou.

– Você não aceitava desaforo de ninguém. Essa postura de pura confiança fazia eu desejar fazer coisas das quais eu só tinha ouvido falar, e que eu só imaginava na calada da noite.

Incapaz de conter-se mais, Dex cedeu ao desejo e tomou-lhe a boca num beijo profundo e intenso. As línguas se digladiavam, lutando pelo controle. Dentes mordiscavam, lábios deslizavam numa dança cálida, molhada de prazer.

Necessitando de mais, com a boca ainda grudada à dela, ele esticou a mão atrás das costas de Zoe e deslizou o cartão na tranca. Luz verde e a porta estava aberta, Zoe lá dentro; mais dois passos e eles estavam o mais próximos que conseguiriam chegar do paraíso enquanto estivessem vestidos. Em outras palavras, deitados na cama.

– É aqui que você guarda seu chicote? – perguntou ele, recuando para fitar o

rosto sorridente dela.

Zoe deu uma risadinha.

– Chicote ou botas – disse ela. – É um ou outro. Afinal você não pode ser ganancioso.

– Botas, definitivamente. – Ele deu uma bela olhada no corpo dela, pouco visível no quarto escuro, perplexo do jeito que só um homem conseguiria ficar. – Mas como é que tiro suas roupas sem tirar as botas?

A risadinha de Zoe se transformou num riso abafado.

– Basta só um pouco de habilidade.

– Minha ou sua?

– Vamos tentar a sua primeiro e ver como ela se traduz.

Descobrindo que Zoe sabia como se despir melhor do que ele, Dex se entregou à perspectiva muito mais agradável de desfrutar do belo corpo. Ele rolou, então de repente Zoe estava presa embaixo dele. Em vez de tomar-lhe a boca, desta vez ele lhe deu beijos suaves em seu queixo, em seu pescoço. Ele gemeu quando alcançou o vale entre os seios, à mostra acima do decote do suéter vermelho.

A tentação em pessoa, Zoe se contorcia embaixo dele. Sua coxa roçava o membro rijo num doce convite. Dex mal conseguia se concentrar; ela o estava deixando louco. Buscando desesperadamente por controle, ele se afastou um pouco da coxa dela.

Zoe fez um som de charminho em protesto. Ela agarrou os ombros dele, incitando-o a deitar-se de novo.

Então Dex baixou os quadris.

Agarrando o suéter dela, ele o ergueu para desnudar a barriga de Zoe. E gemeu diante da visão. Uma pedrinha vermelha enfeitava seu umbigo, como uma cereja em cima de uma sobremesa muito deliciosa.

Já excitado como ele achava que ficaria, Dex fechou os olhos e lutou para manter o controle. Dominado pelo desejo, ele repuxou bem ali, fora de seu alcance.

Ele queria aquele deleite. E queria agora. Dex abriu o botão da calça jeans, deslizando o zíper para baixo, em seguida enterrou o rosto na barriga de Zoe. Ele mordiscou a pele suavemente, logo abaixo da pedra vermelha reluzente. Em seguida, deslizou mais para baixo.

– Tire – murmurou ele.

Ela quase o matou ao obedecer. Zoe ergueu os quadris, levando a costura do jeans até a boca dele. Ignorando o que quer que ela estivesse fazendo com o

restante do tecido, Dex enterrou o rosto ali, com um rosnado. Ele podia sentir o cheiro dela, do sexo feminino e convidativo. Ele necessitava prová-la.

Assim que o jeans abandonou os quadris, Dex mergulhou. Abarcou as nádegas nuas dela, de modo que Zoe não conseguiria ficar na horizontal outra vez. Ela arfou, então gemeu quando ele foi seguindo o caminho feito pela calça que era removida, beijando até chegar à perna. Já nos joelhos, ele juntou o tecido da calça. Daí deslizou para a beira da cama, passou a bainha pelas botas, e então arrancou a calça, juntamente à calcinha de seda vermelha. Aí admirou a vista.

– Meu Deus – arquejou ele. – Você é incrível.

Zoe ficou deitada ali, o cabelo despenteado num emaranhado de cores ao redor do rosto. Um rubor, desejo, ele sabia, já que ela não era do tipo que corava, tingia o rosto dela com uma coloração suave. Os olhos de Zoe estavam sonolentos e desafiadores ao mesmo tempo. Desafiando-o a lhe dar prazer. Implorando para que ele o fizesse logo.

Os olhos de Dex percorreram o corpo dela. Os seios tremiam tentadoramente a cada arfar. Ele queria arrancar o suéter dela para vê-los. Eram tão redondos e pesados quanto pareciam? Será que os mamilos eram escuros ou claros? Grandes ou pequenos? Ele mal podia acreditar que estava prestes a descobrir.

Mas primeiro… ele desviou o olhar mais para baixo, para o triângulo escuro de cachos entre as pernas. Daí passou o dedo na coxa, bem ali na junção com os quadris. A pele era como seda.

Obrigando-se a se afastar da tentação sob os cachos, ele deslizou as mãos sobre as coxas, rosnando baixinho diante da maciez e tepidez da pele. Daí passeou delicadamente pela parte de trás dos joelhos, dando um sorriso torto quando Zoe riu, impotente. Os dedos dele desenharam sobre as panturrilhas até chegar ao seu objetivo.

As botas.

Ele segurou os tornozelos dela. O couro sob seus dedos era um grande afrodisíaco. Será que aquele era um fetiche recém-descoberto? Será que ele se importava?

Dex ficou de pé perto da cama, ainda segurando os pés cobertos pelas botas. Olhou para aquele corpo tentador diante de si e soltou um suspiro enorme, trêmulo. Paraíso. Ela era o paraíso. E ele era o sortudo prestes a obter um pedacinho daquele paraíso.

Dex soltou uma das pernas dela. Zoe a acomodou na cama, o joelho levantado. Ele levou a outra perna à boca, dando um beijo quente pouco acima da bota. Daí

foi beijando até a panturrilha. Quando chegou ao joelho, acomodou-se entre as pernas dela, em seguida deitou-se entre as coxas.

Usando a língua, ele fez um desenho no interior de sua coxa. Olhou para cima. Excelente vista. Sua ereção já pulsava só de ver os lábios rosados brilhando úmidos.

Jamais um homem devia saborear o banquete quando se estava faminto; Dex teve de se obrigar a ir devagar. Ele pousou as pernas de Zoe nos próprios ombros para erguê-la à altura perfeita do beijo. Inspirou. O cheiro dela preencheu sua mente, deixando-o com água na boca. Ele passou os dedos pela carne intumescida. Zoe miou, um som de aprovação. O coração de Dex corria, excitação e expectativa rodopiando em sua cabeça. Finalmente, ele cedeu. Com a língua, brincou e provou. Um golinho aqui, uma mordidela ali, ele se demorou.

E se os dedos impacientes agarrando seu cabelo e os gemidos fossem um indicativo, ele estava levando Zoe à mesma loucura que experimentava.

A língua rodou, sondou, investiu. Os gemidos dela ficaram cada vez mais curtos, acompanhando a respiração ofegante.

As mãos fortes encontraram as curvas suaves dos seios sob o calor do suéter. Ele não fez mais do que roçar os dedos sobre os montes cobertos pela renda, apertando-os em sincronismo com o ritmo da língua.

Zoe contraiu as coxas sobre os ombros dele, o corpo enrijecendo quando ela levantou os quadris para mais perto da boca de Dex. Ele então pôs uma das mãos ali embaixo, manipulando a protuberância inchada com a língua enquanto usava um dedo, e então dois, para levá-la ao limite.

As arfadas de Zoe ganharam um tom agudo. Seus dedos agarraram o cabelo de Dex. Ele sugou a carne deliciosa até envolvê-la com toda a boca.

Ela explodiu.

Veio o som de sua satisfação, enchendo os ouvidos dele. Enchendo o coração dele. Dex desacelerou o movimento da língua, acalmando agora em vez de atormentar.

Também ofegante, ele recuou para vê-la retornar do orgasmo. Rosto corado, olhos fechados, Zoe se assemelhava a todos os sonhos que ele já tivera. Se ela não estivesse em suas mãos, ele se beliscaria para conferir se aquilo era real.

Sim, aquela era uma pequena amostra do paraíso, certamente. E era ainda melhor – Zoe era ainda melhor – do que jamais ousara imaginar.

Dex estremeceu de prazer ao observá-la. Imagens passaram por sua mente, um instantâneo ficando gravado em seu cérebro. Ah, sim, aquilo era o paraíso. E tão

logo recuperasse o fôlego, ele ia experimentar uma fatia maior ainda.

Capítulo 7

No início, Dex pensou que a vibração em sua coxa fosse a excitação sexual chegando ao extremo nunca antes sentido. Então percebeu que era seu celular.

Seu gemido nada teve a ver com prazer. Ele queria ignorar a ligação. Continuar a concentrar-se no que era importante: afundar no esquecimento glorioso do corpo de Zoe.

Mas seu telefone só tocava quando Tony, o gerente do hotel, tinha uma emergência.

Droga.

– Eu preciso ir – murmurou ele contra a pele sedosa da barriga de Zoe.

– Você quer dizer que preciso ir ao êxtase – disse ela, seus dedos acariciando os ombros dele num movimento reconfortante. Apesar de sua frustração intensa, Dex sorriu. Só um ronronar e Zoe seria a epítome de um gatinho satisfeito.

Ele obrigou-se erguer a cabeça do calor suave do corpo dela, encontrando o olhar delicado de Zoe sob a luz fraca. As profundezas verde-escuras mostravam contentamento, um olhar que ele raramente tinha visto em Zoe. Ah, sim, a consciência sexual definitivamente ainda estava lá. Mas, como um fogo latente, as chamas estavam adormecidas no momento.

O corpo de Dex gritou em protesto, sua membro latejante implorando pelo prazer que os olhos de Zoe prometiam. Seu coração, até então apenas um órgão, também berrou em protesto. Ele finalmente havia se conectado à mulher com quem passara a maior parte da vida sonhando. Deitada ali, envolta em seu calor e doçura, Dex percebia o quão vital Zoe era para ele, estando ela de fato em sua

vida ou não. Mas agora que a havia possuído, por assim dizer, ele estava condenado a certificar-se de que ela permaneceria.

O desejo dificultava para criar estratégias, mas o cérebro de Dex já estava compilando ideias. Maneiras de segurar Zoe. O telefone tocou novamente. A responsabilidade lutava contra o desejo enquanto ele rangia os dentes. Ele ia matar Tony.

– Eu queria muito, muito ficar aqui e chegar ao êxtase com você – disse ele com um olhar que pedia desculpas. Sabendo que não havia um jeito fácil de fazê-lo, ele respirou fundo e se afastou do corpo de Zoe. O rico aroma almiscarado da satisfação dela preencheu seus sentidos num tormento cheio de troça. – Eu realmente preciso ir. Tenho de… – Ele não queria soar todo misterioso, mas não podia admitir que precisava descer correndo para ver qual emergência o aguardava. – Precisam de mim.

Ela sorriu.

– Você recebeu uma mensagem secreta?

Ele se levantou, o celular só fazendo aumentar a pressão na calça já apertada.

– Pode-se dizer que sim.

Percebendo que ele não estava brincando, Zoe sentou-se e, como se de repente lembrando-se de que estava vestindo apenas o suéter e um par de botas muito sensuais, ela puxou o tecido vermelho de malha para que cobrisse os quadris.

– Você está falando sério? Você está me abandonando? Mais uma vez?

O tom de "mas que droga é essa…?" advertiu Dex de que se ele quisesse voltar a provar o prazer que ainda permanecia em sua língua, era melhor ele falar depressa.

– Estou – admitiu. Antes que ela pudesse chiar tal como um gato com o qual havia acabado de ser comparada, ele se inclinou lhe tomou a boca. Lábios fundidos, línguas se enredando numa dança que o fez amaldiçoar a imperdoável falta de elasticidade do couro e se remexer desconfortavelmente enquanto sua ereção ameaçava cortar a circulação de suas pernas.

Felizmente, Zoe não mordeu, mas entregou-se ao beijo, ficando de joelhos para pressionar seu corpo contra o dele. Dex passou os braços em volta dela, as mãos acariciando-lhe as costas sob o suéter.

A perna dele vibrou novamente.

Colada a ele como estava, Zoe sentiu o zunido. Daí afastou boca da dele e inclinou a cabeça para trás, semicerrando os olhos.

– Você realmente está recebendo uma mensagem? Ou isso é só um alarme que

avisa que você vai se transformar em abóbora caso não saia correndo?

– Está mais para um trabalho estúpido que prometi fazer – murmurou ele, feliz com a máscara, porque tinha certeza de que estava corando. Deus, ele finalmente tinha a mulher de seus sonhos nua diante de si e sua calça continuava a vibrar, obrigando-o a abrir mão dela para cuidar dos negócios de seu pai. Isso é que era relação edipiana distorcida…

Ele não conseguia decifrar o olhar dela. Era como se ela o estivesse medindo. O que seria ótimo, caso ele estivesse sem calça. Mas não quando a avaliação ia além da proeza sexual através da qual ele estivera esperançoso para impressioná-la. Ou pelo menos gravar na memória dela.

– Você sempre cumpre o que promete? – perguntou Zoe, lançando um olhar sedutor por entre os cílios. Os dedos dela fizeram uma dança lenta e tentadora pelo peito dele, dificultando-a a se concentrar em qualquer outra coisa, senão naquela sensação gostosa.

– É claro – disse ele uma vez que as palavras dela embrenharam em seu cérebro. Ele podia esconder sua identidade, usar máscara para seduzir a mulher de seus sonhos e se esquivar de quaisquer perguntas diretas sobre sua profissão. Mas mantinha suas promessas.

– Então, se eu te pedisse para concluir o que começamos aqui, você prometeria fazê-lo?

Dex tinha certeza de que choramingar de gratidão contradiria a masculinidade de seu personagem heroico. É claro, a máscara e a calça de couro provavelmente já haviam feito isto um pouco, portanto ele não estava disposto a correr riscos.

Em vez disso, ele sorriu e deu um beijo bem delicado na ponta do nariz de Zoe, em seguida afastou-se numa postura de super-herói. Se ele estivesse vestindo a capa, teria dado meia-volta meneando-a, cheio de pompa.

– Para você, qualquer coisa – prometeu, tomando a mão de Zoe e levando-a aos lábios. Zoe deu uma risadinha, obviamente desfrutando dos exageros dele. Ele fez uma reverência, em seguida virou a mão dela e lhe deu um beijo úmido na palma.

– E… – Ela hesitou, daí deu um suspiro profundo e prosseguiu: – … você vai me contar quem é? Antes do final desta semana, você vai se revelar, por assim dizer?

A intensidade do medo por ela se sentir rejeitada atingiu Dex como uma parede de tijolos. Doloroso, nocivo, triste. Mas como ele poderia negar?

– Se você vai confiar em mim, então, sim, prometo te contar antes do final da

semana. Mas… quero que seja só no final da semana. Está bem assim?

Em outras palavras, ele era um procrastinador covarde. Mas isto soava tão pouco romântico. Ele ficou observando enquanto Zoe pensava no pedido, os olhos sérios, a boca deliciosa franzida. Em seguida, ela assentiu e pareceu que o peso do mundo abandonou os ombros de Dex.

– Acrescente aí um clímax extra ou dois, deixe-me ficar por cima, e temos um acordo – negociou ela com um sorriso perverso. A satisfação dançava em seus olhos, embora o peito estivesse sutilmente corado, como se ela estivesse um pouco constrangida pela falta de costume de manter conversinhas sensuais.

– Prometo – disse Dex, falando sério. Sua mente já estava acelerada criando maneiras de tornar o próximo encontro o mais incrível, sensual e romântico da vida dela.

E da próxima vez, ele talvez até tirasse a calça.

ZOE PEGOU o elevador até o saguão do hotel na manhã seguinte, sorrindo de satisfação. Nada como alguns orgasmos para deixar uma garota relaxada e colocá-la num estado de espírito de pura alegria.

Ela sentia o corpo leve e ágil, como se tivesse acabado de fazer uma intensa e demorada sessão de ioga *Hatha*. Ou tivesse recebido sexo oral de um mascarado sexy. Consideradas as escolhas, ela mal podia esperar para ver o gostosão sem a máscara. E sem tudo o mais.

Ela estava concentrando-se deliberadamente no prazer residual em seu corpo, e não nos vestígios de frustração desconfiada que alfinetavam o fundinho da sua mente. Ei, ela havia conseguido o que queria, lembrou-se. Não havia nenhuma razão para achar que o gatão da língua mágica estava tentando tirar vantagem dela. Mas ela ainda queria, necessitava, saber quem estava debaixo daquela máscara.

Ela tamborilou os dedos no quadril enquanto se perguntava o que ele tinha a ganhar. Daí balançou a cabeça e interrompeu o pensamento. Não. Ele pedira a ela para confiar nele. Teria sido mais fácil se ele tivesse pedido a ela para correr nua pelo saguão, dando cambalhotas e cantando o hino da escola. Mas ela ia lhe dar uma chance. Afinal, estaria ferrada se estragasse o melhor sexo de sua vida usando sua tática de escape por pura desconfiança.

Com o sorriso de volta ao lugar, ela passeava pelo saguão como se ainda estivesse vestindo couro e chicote. No comando, segura da própria sexualidade.

Era bom demais.

Cabeças se viraram quando ela passou. Sobrancelhas se arquearam, cotovelos cutucaram. Zoe sabia que estava sendo vigiada, que havia cochichos a seu respeito. Ela não dava a mínima.

Ela sorriu para si. Quantas vezes já tinha dito que não se importava? Milhões, com certeza. Mas, desta vez, estava sendo cem por cento sincera. A diferença entre fingir e falar sério era como entre uma bolsa da Prada e uma imitação. Totalmente incrível.

Faminta após seu pequeno esforço físico e incapaz de permanecer no quarto por medo de enlouquecer reprisando o encontro sexual na cabeça sem parar, Zoe foi atrás de um lanchinho tardio.

Com isso em mente, ela seguiu para o restaurante. No meio do caminho, ouviu alguém chamar seu nome. Por um breve segundo, pensou em fingir que não ouviu. Afinal, ela podia não se importar com as fofocas a seu respeito, mas isso não significava que queria ouvir bobagens enquanto estivesse comendo sua torta.

Mas daí ela suspirou e, sem se preocupar em esconder sua impaciência, virou-se para ver quem a saudava. Viu uma das gêmeas ruivas, ela não sabia dizer se era Jingle ou Jangle, indo em sua direção, montada no salto alto.

Ela devia ter fingido que não tinha ouvido.

– Zoe, aí está você – disse a mulher. Assim que se aproximou, o nome "Julie" em letra estilizada de seu pingente resolveu a questão do nome. Mas não o desejo de Zoe de fugir. – Eu tinha esperanças de encontrar você. Temos de conversar, hein?

– Por quê? – perguntou Zoe sem rodeios.

– Ah, por um monte de motivos. – Os olhos de Julie se revelaram um pouco frágeis, mas ela não parou de sorrir. – Coisas da reunião, os velhos tempos. Sujeiras cometidas por Brad Young, se você estiver interessada. Um troco por Candy ter sido uma babaca com você ontem…

Zoe arqueou uma sobrancelha. Ela não se importava com nada daquilo, exceto as sujeiras de Brad. E mesmo assim só se a tal sujeira tivesse a ver com o emprego dele. Mas ela conhecia o jogo. Era tudo ou nada, então ela teria de bancar a boazinha para conseguir a única informação que queria.

– Eu ia pegar alguma coisa para comer – disse Zoe, apontando com o polegar por cima do ombro, para indicar o restaurante. – Vamos lá.

Não foi o convite mais gracioso, mas Julie, obviamente, não se importou. Ela

mandou um olhar sarcástico para alguns dos curiosos, empinou o queixo esculpido e entrou no restaurante com Zoe. Pelos sussurros que as acompanharam, Zoe supôs que Candice já tivesse começado a fazer fofocas e Julie não estava se ajudando em nada ao ficar com a gótica nerd.

Irritada, apesar de seu bom humor, Zoe praticamente ignorou Julie até servirem o lanche. Uma vez que o garçom pôs a fatia de torta de maçã na frente dela, Zoe provou um belo bocado, gemendo de prazer. Ela olhou para a ruiva sentada diante de si saboreando um pedaço de torta de creme de chocolate sem açúcar de aparência muito pouco apetitosa.

Se este era o preço da popularidade, Zoe preferia a torta de maçã.

– Então, o que está rolando? – quis saber Zoe.

– Como eu disse, eu queria uma chance de papear. Você sabe como são essas reuniões. Todo mundo vai para todos os lados, todos os acontecimentos bem planejados e organizados. É difícil encontrar um minuto para sentar e conversar sobre os velhos tempos.

Zoe deu mais uma mordida, saboreando a riqueza da canela enquanto pensava nas palavras da linda ruiva.

– Então você quer informações e imaginou que se me encurralasse conseguiria uma exclusiva? Ou pelo menos uma vantagem sobre quem quer esteja concorrendo pela coroa de rainha da fofoca da reunião?

Ela aguardou por uma resposta ríspida. Mas Julie a surpreendeu. Em vez de atacar, ela simplesmente sorriu. Um sorriso genuíno. Do tipo que enrugou a pele ao redor dos olhos azuis e a deixou parecida como uma pessoa normal, não uma boneca.

– Eu sempre me lembrei de você como uma pessoa inteligente, mas devo ter me esquecido do aspecto contundente da sua personalidade – disse Julie, comendo uma garfada da própria torta.

– Como mal consigo lembrar de mais do que três encontros entre nós durante os três anos de escola, duvido que você tenha percebido qualquer outro traço mais charmoso da minha personalidade.

Julie sorriu. Em seguida pousou o garfo no prato e se inclinou para a frente, os cotovelos plantados na mesa.

– Acho que gosto de você – disse ela.

Zoe não sabia o que pensar sobre tal declaração. Ela sabia que deveria zombar, mas seu coração se aqueceu um pouco perante aquelas palavras. O que diabos a

mulher queria? Em vez de perguntar, ela deu mais uma mordida na torta de maçã com especiarias e aguardou.

– Olha, eu sou curiosa. Talvez a gente não tenha se dado bem na escola, mas eu me lembro de você. E pelo que me lembro, você não era exatamente adepta do espírito escolar. Estou surpresa que você tenha vindo para a reunião.

– Tinha algum nível de espírito escolar necessário para revisitar os velhos tempos?

– Não, mas a lembrança geral é de que você odiava os velhos tempos.

A-rá.

– Lembrança geral? Traduzindo, a fábrica de fofocas?

Julie sorriu e apertou a pontinha do nariz de Zoe com sua unha pintada de coral.

– Acho que não seria exagero nenhum dizer que eu não gostava dos velhos tempos – refletiu Zoe. Então ela deu de ombros. – Mas isso era naquela época. Estamos falando de hoje. E eu estou aqui na reunião. Desafia a lógica, não é?

– Sim, desafia. Mas eu estou apostando que existe um motivo para você ter voltado. E percebi que talvez seja aí que possamos ajudar uma à outra.

Zoe lançou um olhar triste para o prato vazio. Ela devia ter comido mais lentamente. Tinha a sensação de que teria sido sensato ter alguma coisa na boca durante os minutos seguintes.

– Por que você quer me ajudar? – Sem a sobremesa, ela desejava que a conversa terminasse o mais rápido possível. Era estranho estar sentada ali conversando como se fosse amiguinha de alguém que ela ridicularizara ativamente durante anos. A constatação de que Julie não era uma imprestável total, uma idiota desprovida de humor, não estava sendo muito bem digerida junto à torta. – E por que eu iria querer deixar você me ajudar?

– Primeiro, você deve ter voltado por um motivo. Eu faço ideia de que motivo seja este, e ficaria feliz em ajudar. Por quê? – perguntou ela antes que Zoe pudesse fazê-lo. – Porque você é minha melhor chance de conseguir o que *eu* quero nesta semana.

Zoe aguardou.

– Você está tentando encontrar alguém, certo? Alguém chamado Gandalf?

– Você sabe quem é? – perguntou Zoe, inclinando-se mais perto e prendendo a respiração.

– Ainda não, mas posso te ajudar a descobrir.

Ela pensou na oferta. Julie provavelmente era sua melhor aposta. E o que Zoe

tinha a perder? Então ela contou o básico à ruiva.

– Jogos eletrônicos? – Julie franziu os lábios e pensou. – Algumas pessoas me vêm à mente. Brad, claro. Mas ele é mais do tipo ligado em esportes do que em fantasia.

Zoe concordou com a cabeça.

– Dizem que Teresa Roberts é dona de algum tipo de empresa de informática. Pode haver outros, também. Vou perguntar por aí. Talvez a professora de artes, sra. Greenberg, tenha ideia. Quem quer que seja, tinha de ser um bom artista, certo?

Zoe assentiu em gratidão, então perguntou:

– E o que você quer em troca?

– Eu quero vencer Candice e ganhar a coroa de rainha do baile da reunião – admitiu Julie.

Zoe sorriu.

– Por mim, funciona bem assim – falou ela antes que pudesse evitar.

Julie franziu a testa levemente e inclinou a cabeça.

– Tem certeza? Quero dizer, a teoria dela é que você voltou para que pudesse ganhar a coroa.

– Candice tem uma teoria a meu respeito?

– Candice tem uma teoria sobre tudo e todos.

– Não diga…? – Zoe pousou o cotovelo na mesa e apoiou o queixo na mão, os olhos arregalados, as sobrancelhas arqueadas. Julie comprimiu os lábios. – Vejamos… de acordo com a teoria de Candice, você está aqui por vingança, ou seja, a coroa. A maioria das outras mulheres está aqui para ver se ela engordou, os homens, para ver se têm alguma chance com ela. Eu estou louca por um contato profissional. – A ruiva fez uma pausa para recuperar o fôlego e revirar os olhos. – Minha irmã está à procura de um marido. Brad Young está se preparando para investir uma boa grana em algum negócio de vídeo. E o sr. Lee tem esperanças de conseguir recomendações dos ex-alunos para obter um aumento.

Zoe sorriu. Bingo. Era tudo que ela podia fazer para manter o bumbum grudado à cadeira em vez de saltitar e fazer uma dancinha feliz. Se Candice estivesse certa, Brad *era* o mago dos jogos eletrônicos.

– Bem, nós já desmitificamos a teoria dela a meu respeito. 'Cê acha que as outras teorias dela têm algum peso? – Afinal, Candice podia estar enganada.

Julie deu de ombros.

– Candice geralmente acerta 50 por cento no quesito teorias. Ela é boa em reunir fofocas, mas péssima em administrar a dinâmica de pessoal.

– Ao contrário de você?

– Precisamente. E minhas habilidades com pessoas me dizem que, ao passo que você não está interessada na coroa, poderia estar disposta a me ajudar a tirá-la de Candice. Principalmente se isso não exigir muito esforço da sua parte.

Zoe não conseguiu evitar, e riu alto.

– Então, de acordo com suas habilidades com pessoas, eu estou pensando em vingança, mas meio que do lado preguiçoso?

Julie ganhou um olhar horrorizado, então deu de ombros, envergonhada, e disse:

– Bem, sim.

– Tudo bem – concordou Zoe quando parou de rir. – Isso já chega perto o suficiente. O que você quer que eu faça?

Julie deu um gritinho, então encolheu os ombros e olhou em volta para ver se alguém tinha notado. Empalidecendo, ela sorriu sem graça e se esgueirou em sua cadeira. Zoe olhou por cima do ombro e viu Candice seguindo a recepcionista até uma mesa do outro lado do salão.

– Pega no flagra? – quis saber ela, seu tom de zombaria para esconder a mágoa surpreende. Ora, ora. Rejeição mais uma vez.

– Não. Não é como se o fato de estarmos sentadas juntas não vá chegar aos ouvidos dela. Mas não quero um confronto ainda – murmurou Julie, soando como se estivesse tendo o momento mais glorioso de sua vida. – Ela está fazendo uma festinha para tentar convencer as pessoas a contratarem os serviços de relações públicas dela. Ela enxerga esta reunião como um jeito extra de perturbar as pessoas com isso. Mas, você sabe, no espírito da surpresa, para tornar a derrota dela mais doce, vou fugir daqui antes que ela me veja. E, bem, prefiro manter nosso planozinho entre nós por um tempo.

– Ela é realmente uma relações-públicas? – questionou Zoe antes que Julie pudesse se levantar, analisando as táticas de força óbvias da loura e se perguntando se ela conseguia renovar contratos.

– Transitoriamente – confirmou Julie. – Mas, como esfrega toda sua perfeição na nossa cara, não acho que ela esteja feliz. Ela só sabe falar do seu grandioso objetivo de vida. Casar-se com alguém rico. Tenho certeza de que ela também enxerga este reencontro como seu passaporte para isto.

Zoe lançou um olhar demorado e curioso para Candice. Ela sempre achara

que a loura estivesse no topo do mundo.

– Isso soa meio…

– Digno de pena? – Julie ofereceu um olhar divertido enquanto tentava deslizar da cadeira sem ficar de pé. – Não se sinta mal por ela. Ela está dizendo para quem quiser ouvir que Brad já está fisgado e que ele tem algum emprego secreto que aparentemente rende uma grana. Candy sabe cuidar de si. Mas eu tenho de ir. Podemos conversar em outro lugar, não é?

Julie fez um gesto de "anda logo" com a mão. Zoe riu e balançou a cabeça. Este era um dos motivos pelos quais ela nunca havia feito parte dos círculos populares. Ela não tinha cabeça – ou paciência – para esse tipo de intriga. Zoe não se preocupava com a disputa entre Julie e Candice, mas se importava com o emprego secreto de Brad. Mais uma pista para Gandalf.

– Vou caminhar para queimar as calorias da minha torta – disse Zoe à ruiva com um sorriso amigável. – Encontre-me mais tarde e me dê os detalhes sobre a conspiração para ganhar a coroa, certo? Em troca, eu quero todas as informações que você puder conseguir sobre o emprego de Brad.

Zoe fez uma pausa e pensou no assunto. Julie, como mestre das fofocas, era a melhor pessoa para ser consultada. Mas, mais importante, ela poderia ter alguma pista a respeito do sujeito que havia se fantasiado de Aragorn e presenteado Zoe com um orgasmo alucinante na noite anterior.

– Também estou interessada na lista de quem se fantasiou de quê. Saí mais cedo da festa e estou tentando descobrir a identidade de uma pessoa que usou um traje em particular.

Julie deu-lhe um olhar intrigado, como se estivesse prestes a pedir detalhes. Em seguida, o riso de Candice as atingiu como minúsculos estilhaços de vidro e, estremecendo, ela assentiu. Daí, olhando para trás brevemente para conferir se era seguro, saiu deslizando da cadeira. Ela jogou uma nota de dez na mesa e saiu correndo.

Observando Julie ir embora, os sentimentos de Zoe se embolaram numa confusão. Ela não podia culpar a garota por querer agarrar a coroa da cabeça perfeitamente penteada de Candice. Mas será que Zoe queria acabar no meio de uma briga de esnobes?

Zoe se levantou para sair, olhando para a comitiva de Candice. A outra a encarou, um sorriso de escárnio nos lábios pintados de rosa-chiclete.

Zoe retribuiu o sorriso de escárnio acenando alegremente. Briga de esnobes, nhé, nhé, nhé. Agora ela possuía uma nova amiga e ia ajudá-la a vencer. Porque,

apesar de saber que Julie a estava usando para se vingar de Candice, Zoe sentia que a oferta de amizade era sincera.

Uma sensação aconchegante de encaixe, algo que Zoe nunca sentira na escola, a envolveu. Nossa, como era bom. Até mesmo libertador. Ela saiu saltitando do restaurante, com um sorriso no rosto. E o sorriso cresceu mais quando ela entrou no saguão e viu Brad. Perfeito.

Berrou o nome dele. No entanto, suas palavras foram abafadas pelo coro de homens que também queriam a presença dele. Alguns tapinhas no ombro e saudações barulhentas depois, e o grupo de meia dúzia de rapazes se dirigiu até a salinha de estar adjacente.

Zoe cogitou segui-los, mas aí viu Dex encontrando-os à porta. Ela franziu a testa. Tinha se esquecido de que, embora ele não fosse um sócio de carteirinha do clube dos idiotas, era um membro decorativo.

Ela refletiu um pouco. Será que ela deveria segui-los? Antes que pudesse decidir, uma vozinha falou junto ao seu cotovelo:

– Olá, querida. Que tal uma xícara de chá e um carteado?

Assustada, Zoe virou-se e viu a avó de Dex. Seu sorriso assumiu um tom malicioso automaticamente.

– Sra. Drake, irei acompanhá-la no chá. Preciso de alguns conselhos.

– Então, qual é aposta desta semana? Com qual gata preciso transar para vencer?

Dex gemeu silenciosamente e desejou estar em qualquer outro lugar, menos na sala de estar com aqueles grosseirões. Mas havia parecido inteligente retornar ao padrão e juntar-se a eles. Não por causa da companhia – ele acharia difícil encontrar pessoal mais babaca do que aquele –, mas para obter informações. O único jeito de saber o que Brad Young fazia era se infiltrando em seu círculo íntimo. E, uma vez que Brad geralmente estava fazendo bobagem, e que tal bobagem poderia envolver Zoe, Dex tinha aprendido há muito tempo a cerrar os dentes e manter a expressão neutra, tanto enquanto ouvia a bobajada dita por eles, quanto mais tarde, quando arruinaria os planos das bestas secretamente.

– Mas desta vez vocês precisam fazer uma aposta um pouco mais generosa – continuou Brad. – O que rolou da última vez? Cem pratas de cada um de vocês?

– Que tal as chaves do meu Mustang 66? – desafiou AJ Maddox, o zagueiro calvo do time.

– Você nunca teria coragem de entregar as chaves – desafiou Brad enquanto abria outra cerveja.

– Eu entregaria se você fosse mesmo até o fim com ela.

Brad parou de rir e baixou a cerveja.

– Cem pratas de cada um de vocês, mais suas chaves? – esclareceu Brad.

– Mas só se você transar com ela mesmo. E não deixá-la seminua e surtar depois que seus pais apareceram, do jeito que você fez há dez anos.

– Quando diabos eles começaram a frequentar o drive-in? – murmurou Brad, bebendo para esconder seu constrangimento na última tentativa fracassada de transar com Zoe, e a razão por trás disso.

Meio desprovido de prática, Dex deu um sorriso torto antes de anular sua expressão. Aquele flagra no drive-in fora um dos triunfos de sua vingança. Enviar dois ingressos para os pais de Brad inventando um prêmio falso de um concurso do rádio fora brilhante. Eles arruinaram o encontro de Brad com Zoe, tal como ele planejara. Só que infelizmente ele não contara como a humilhação que Brad sofreria na escola na semana seguinte. Em retaliação, o babaca apelidara Zoe de a garota com mais probabilidade de morrer virgem, e a fez chorar. Por mais que Dex soubesse ser culpa de Brad, ele sempre sentira-se péssimo por seu papel na mágoa de Zoe.

E este era apenas mais um motivo pelo qual ele queria fazer Brad pagar.

– Feito? – perguntou AJ.

– Vai ser interessante ver se você consegue lidar com uma garota que carrega um chicotinho – mandou alguém.

– Beleza. – Brad deu um sorriso escancarado, imenso e nojento. Dex teve vontade de socar a parede. Mais ainda, teve vontade de socar todos os idiotas reunidos ali na sala de estar. Lutando para se acalmar, ele tentou racionalizar primeiro.

– Não consigo acreditar que vocês ainda estão fazendo essa coisa de aposta – disse Dex num tom jovial, tranquilo. Seu olhar transmitia a mesma impressão que teria se ele tivesse comentado que não conseguia acreditar que eles ainda estavam fazendo lição de casa ou obedecendo ao toque de recolher.

– De volta aos bons tempos – disse Brad dando de ombros. – Todo mundo ainda gosta de brincar, velho amigo. Exceto você, imagino. Você ainda está fora da nossa aposta?

A irritação estava clara no sorriso excessivamente afável de Brad. O outro sempre ficara frustrado por Dex ter sacado seu joguinho e fechado a carteira. Ele

não fora um líder na escola por causa do cérebro ou das habilidades de um jogador de futebol. E sim porque, de uma forma ou de outra, todos lhe deviam alguma coisa – todos, exceto Dex.

– Não, eu não sou um fã de apostas – disse Dex. Ele pegou uma garrafa de água e se permitiu desfrutar da irritação de Brad enquanto abria a tampinha.

– Uma vez covarde, sempre covarde – provocou Brad.

– É assim que a gente enfileira todo mundo e compara? – brincou Dex. Brad calou a boca quando os outros caras riram, mas um olhar astuto se acomodou em seu rosto. Dex percebeu que ele provavelmente devia ter sido mais maduro, mas anos tomando decisões arruinaram sua capacidade de pegar leve com qualquer pessoa.

– É tudo uma diversão inofensiva. E, ei, as meninas sempre me agradecem por tomar parte nessas apostas – gabou-se Brad.

– Por que você escolheu outra gatinha desta vez? – sugeriu Dex facilmente. Seu sorriso era afável, as palavras, casuais. – Você ainda é um cara famoso no *campus*. Por que não perseguir umas das garotas que sempre foram a fim de você, como você gosta de alardear?

– Eu te respondo que Zoe Gaston é a fim de mim. E vou vencer a aposta. – Brad deu um sorriso zombeteiro, o qual dizia claramente que aquele era seu jeito de declarar guerra caso fosse desafiado. Enquanto sorria, ele deu um passo à frente, os punhos cerrados e os ombros arqueados de forma ameaçadora.

Briga? Diabo, claro que sim. Ninguém ia sacanear Zoe. Não desta vez.

Dex cerrou um punho. Dane-se. Anos de frustração, competição mordaz e aquele idiota ganhando Zoe sem Dex ao menos ter a chance de responsabilizar-se por ela, transbordaram. Antes que ele pudesse tomar impulso, uma voz rouca e, ah-tão-familiar, os saudou:

– Rapazes.

Capítulo 8

Todos deram um pulo de susto. A adrenalina veio como uma tempestade elétrica, Dex se obrigou a relaxar os dedos. Uma última olhadela para Brad e ele virou-se lentamente para flagrar Zoe de pé junto à porta dupla de vidro da sala de estar, um sorriso reluzente no rosto e alguns sacos de batatas fritas nos braços.

O sorriso dela esmaeceu, um vinco se acomodando entre os olhos quando ela foi atingida pela tensão na sala.

Que diabos ela estava fazendo ali? Brad estava certo? O monstro de olhos verdes desfocou a visão de Dex por um segundo assim que ele lançou um olhar de cálculo entre os dois. Será que ela ainda estava atrás do babaca? Será que Dex – muito embora em sua figura mascarada – não era o suficiente para ela? O olhar de Zoe lampejou entre os dois homens, a carranca se aprofundando. Então, como se percebendo que todos ali a encaravam, ela desanuviou a expressão e ergueu os petiscos.

– Soube que vocês estavam festejando aqui e que precisavam de alguma coisa para acompanhar a cerveja.

– Que belo *timing* – disse Brad em um tom alegre. – Dex e eu estávamos falando sobre você.

– Sério? – perguntou ela lentamente, o tom de voz tão desconfiado quanto a olhada que ela mandou para Dex. – Pode compartilhar os detalhes?

– Só estávamos dizendo que você daria uma bela rainha do baile do reencontro – disse Brad com um olhar maligno para Dex.

– Claro – disse Zoe, seu tom sarcástico fazendo Dex sorrir pela primeira vez desde que ele entrara ali.

Brad começou a jogar elogios para cima de Zoe, mas ela simplesmente ficava encarando-o como se ele fosse um enigma científico a ser solucionado.

– O que foi mesmo que você veio fazer aqui? – interrompeu Dex, sem se importar com o fato de estar sendo rude. Ele queria ir embora e queria levar Zoe consigo.

Ela semicerrou os olhos, em seguida indicou os petiscos.

– Encontrei sua avó no saguão. Ela disse que estava vindo trazer isto, mas que precisava resolver alguma coisa antes. Aí me ofereci para trazer.

Dex franziu a testa. Ele achava que sua avó estivesse confortavelmente acomodada em sua sessão semanal de Reiki. Que fosse. Ele se adiantou, pegou os pacotes de batata de Zoe e os jogou para Brad e seus amigos. Atletas como eram, eles pegaram todos certeiramente. Muito embora Dex tivesse mirado diretamente no meio da cara de cada um.

– Aproveitem – disse Dex. – A sala é de vocês durante a próxima hora, cortesia do Drake Inn.

Com isso, ele colocou a mão às costas de Zoe num comando silencioso.

E ficou muitíssimo grato quando ela apenas lhe lançou um olhar esnobe e não se desvencilhou. Então ele a guiou para fora da sala, a mão pousada delicadamente na curva delicada entre o cóccix e o quadril. Ele a sentiu tomando fôlego. Ela lhe deu um olhar de soslaio, mas não desacelerou o passo. Dex estava feliz. Ele sabia que devia ter mais cuidado, mas simplesmente não dava mais a mínima. Porque aquilo teve a mesma eficiência de uma plaquinha pregada às costas dela, e ele sabia que Brad tinha captado a mensagem.

Zoe era dele.

ZOE PRECISAVA de um salva-vidas. Algo para mantê-la em segurança enquanto ela navegava pelas ondas da correnteza violenta que batia na sala.

Ela arqueou uma sobrancelha questionadora, porém, Dex ignorou. Em vez disso, simplesmente meneou o queixo em direção à porta, indicando que ia sair, e que se ela quisesse ir junto, era melhor apertar o passo.

Ela queria dizer a ele para esperar. Insistir para que ele explicasse a cena que ela flagrara. Por que ele e Brad estavam se encarando? Qual era a da sobrecarga de testosterona na sala? Ela sentira como se houvesse um osso cheio de carne entre dois cães raivosos. E agora ali estava ela, valsando com, aparentemente, o maior cão dos dois. Uma vez que o outro cão muito provavelmente era Gandalf,

ela deveria ter se mantido firme e aguardado para conversar com Brad. Mas aí Dex mostrou os dentes, colocando a mão nela, e Zoe meio que derreteu.

Ela deveria estar se preocupando com suas prioridades ali, mas a única coisa em sua cabeça era: quando diabos Dex havia se transformado naquela criatura sexy e poderosa?

– O que é que minha avó foi resolver? – quis saber Dex, soando como se não se importasse, mas precisasse dizer alguma coisa para quebrar o gelo.

– Ela está procurando tiaras de casamento para complementar minha grinalda – disse Zoe casualmente, lançando-lhe um olhar sem graça. Dex quase tropeçou, encarando Zoe tão rapidamente que seus globos oculares provavelmente deram um tranco. Ela sentiu um prazer intenso e levemente cruel perante a reação dele.

– Você vai se casar? – O tom foi uma combinação de choque e protesto. Zoe sorriu serenamente e continuou andando.

Finalmente controlando os pés, Dex correu para alcançá-la do outro lado do saguão.

– Por que é que minha avó está procurando uma grinalda para você? – questionou ele, colocando a mão no braço dela para detê-la. Zoe ficou sem ar com o toque dele. Uma fissão de energia zuniu por seu braço, vibrando pelo corpo e fazendo-a encolher os dedinhos dos pés.

– Foi muito legal vê-la de novo – disse Zoe, evitando a pergunta. – Ela está realmente ótima.

Algo perturbou o fundinho da mente de Zoe quando seu olhar passeou pelo contorno do maxilar e pela tentação completa que era a boca de Dex.

Qual era o problema dela? Estava se transformando em uma vadia completa. Ao olhar para Dex, só conseguia pensar em como seria sentir aquela boca linda em seu corpo, exatamente como o gostosão mascarado fizera na noite anterior. Será que a altitude a fazia querer ir para a cama com cada homem que via? Ela lembrou-se da brigada dos babacas e de Brad, parecendo um garoto inconsequente depois de saber que estava perdendo seu brinquedo favorito. Pelo menos ela não estava sentindo tesão e ficando perturbada por causa de *todos* os homens. Só por seu ex-melhor amigo e por um desconhecido usando fantasia.

Um estranho fantasiado que a havia conduzido a um orgasmo devastador com a brincadeira de sua língua perversa uma noite atrás. O conflito se embaralhou no estômago de Zoe. Ela devia estar concentrada nele, não deveria? E não no seu melhor amigo. Um sujeito doce, correto e, bem, adepto do longo prazo.

Finalmente, seu mantra habitual veio à tona. Ela poderia permanecer nesta

reunião pelo tempo necessário para ajudar seu irmão. Mas isto seria enquanto sua capacidade de atenção perdurasse. Quando em dúvida, melhor crer no curto prazo. Nada durava. Ela havia presenciado isso muitas vezes em sua vida. Então, depender de qualquer coisa ou pessoa que não fosse ela mesma era loucura. O que significava que era uma obrigação para com seu velho amigo enterrar sua luxúria em vez de flertar rumo a uma promessa que ela não iria cumprir. O que era uma droga.

– Zoe? – Dex colocou a mão no braço dela, puxando-o para que parassem.

– Hein?!

Dex franziu a testa, seus olhos azul-turquesa brilhantes dilatados de impaciência.

– Com quem você vai se casar?

Será que ela devia rir ou chorar diante da ironia de falar em casamento com o sujeito mais doce por quem ela já sentira tesão quando aquele assunto precisamente o colocava na zona proibida? Se ela não era capaz de se comprometer a um emprego, porque tinha certeza que uma vez que as pessoas a conhecessem, a conhecessem de verdade, elas a dispensariam, o quão impossível seria assumir um compromisso eterno? Ela nunca havia se importado de fato. Até agora. Apesar da tristeza em seu peito, os lábios de Zoe estremeceram ao ver a expressão de Dex.

– Com você, aparentemente.

Ela usou o choque dele para se libertar e continuar a caminhada pelo saguão. Conforme era esperado, Dex a alcançou perto das portas que davam para o jardim.

– Importa-se de compartilhar os detalhes? – perguntou ele num tom casual que em nada ajudou para esconder seu choque tomado pela diversão. Ele abriu a porta aberta para ela. Zoe teve de roçar no corpo para conseguir passar pelo que lhe pareceu uma abertura propositadamente estreita. – Não me lembro de tê-la pedido em casamento.

Zoe tremeu um pouco. Dizendo a si que era culpa do ar frio da tarde, e não devido à tristeza por algo que nunca aconteceria, ela pisou no caminho de paralelepípedos. *Supere isso*, advertiu-se.

Assim que Dex se juntou a ela, Zoe exibiu um sorriso maroto e deu de ombros.

– Ainda vai demorar alguns meses para acontecer, pelo que eu soube. Aparentemente, assim que ocorrer, vamos estar na trilha certa rumo ao felizes para sempre, um negócio importante, quatro filhos, se você conseguir acreditar, e

uma vida sexual selvagem. Devo dizer, os detalhes sobre esse último item teriam sido extremamente intrigantes se não tivessem vindo de sua doce vovozinha.

Zoe tinha de dar crédito a Dex. Seu choque não durou tanto quanto o dela. Fora isso, ela admitira que ambos haviam se divertido igualmente, mas as bochechas de Dex de fato ostentaram um toque de cor que, Zoe apostava, nada tinha a ver com o fator vento frio.

– Cartas de tarô? – perguntou ele, revirando os olhos.

– Isso. Quem diria que pedaços de papel tão inócuos poderiam ostentar tantos corpos nus?

Dex bufou.

– Minha avó afirma que a nudez inspira os sentidos psíquicos dela ou coisa assim.

– Bem, ela estava bem inspirada, devo dizer. – Zoe não tinha certeza do que tinha sido pior. O choque ou o constrangimento. E ela tivera bastante de ambos para comparar desde o momento em que a doce senhora de cabelo branco a arrastara até uma mesinha coberta por uma toalha de tecido adamascado no cantinho do saguão. Assim que ela sacara as cartas cheias de desenhos atraentes – embora formados majoritariamente por nus –, Zoe sentiu como Alice na toca do coelho. Aí a octogenária começou a descrever o sexo entre Zoe e seu único neto. *Surreal* nem mesmo começava a descrever sua reação.

Dex inclinou-se, olhando para o rosto dela enquanto caminhavam.

– Ela envergonhou você?

– Eu não diria isso – mentiu Zoe, enfiando as mãos nos bolsos da frente da calça jeans para mantê-los aquecidos. Ela só queria perguntar à senhora se ela havia ouvido falar de Gandalf. Mas quando tentara fazê-lo, porém, a sra. Drake dissera que todas as respostas estavam nas cartas e naqueles desenhos de nus. Definitivamente, não eram as respostas que Zoe estivera buscando.

– Ah, envergonhou. Você nunca fica vermelha, mas ganha esta ruguinha entre os olhos quando está envergonhada. – Ele se inclinou mais ainda, praticamente dobrando-se ao meio para continuar a acompanhá-la e ao mesmo tempo fitar-lhe o rosto. – Sim, ele está aí. Aquele vinco bonitinho.

Ele achava bonitinho? Perplexa, Zoe não soube o que dizer. Após o encontro deles no café da manhã, ela ficou pensando. Claro, ele tinha comentado que ela estava ótima, mas esta era uma daquelas coisas típicas a se dizer durante um reencontro. Mas bonitinha? Isso era, tipo, especial.

Não era? E quão patético era ela ficar toda empolgadinha feito uma colegial

diante de tal ideia?

– Eu não fiquei com vergonha de fato – mentiu ela. – Mas admito que fiquei um pouco chocada ao ouvir sua avó falar sobre suas preferências sexuais.

Em vez de corar, Dex simplesmente riu. Uma gargalhada grave e sensual que fez Zoe sorrir de satisfação. Bem, bem. Então seu velho amigo nerd-que-ficou-sexy-para-diabo não era tão tímido, afinal. Nem um puritano, se é que o brilho perverso nos olhinhos dele serviam de indicativo.

– Você vai ter de contar os detalhes. Vovó é muito imaginativa. Eu posso pegar algumas dicas a partir da leitura das cartas dela, hein?

Zoe pensou nos diversos apreços e aversões listados pela senhora. Ela ainda não sabia como a outra havia chegado a saltos altos, chantili e brincadeiras ao ar livre só lendo aquelas cartinhas aleatórias cheias de genitais. Mas a ideia de ter aquilo e Dex ao mesmo tempo formava uma bela combinação na cabeça de Zoe. Ah, sim, ela adoraria cobri-lo com chantili, envolver os pés com saltos altos em torno dos quadris dele e cavalgá-lo como se ele fosse um garanhão selvagem sob a lua cheia.

Ela engoliu em seco, tremendo um pouco com a onda de desejo que a inundou.

– Devemos voltar – alertou Dex de repente.

Zoe franziu a testa, o olhar consternado dela voando para o rosto dele. Aquela bobagem psíquica não era hereditária, era? Será que ele havia acabado de ler sua mente suja e resolvera cair fora?

– Por quê? – perguntou ela sem rodeios.

– Você está tremendo – comentou ele.

Zoe foi tomada pelo alívio, ao mesmo tempo em que deu indícios de que estava congelando sob o agasalho leve.

– Sério mesmo? Eu me esqueci de como Idaho pode ficar frio para diabo no outono – disse ela, esfregando os braços como se o atrito fosse render um pouco de calor.

Dex apontou para os portões um pouco além do caramanchão.

– Vamos, vamos lá em casa para você poder se aquecer.

Ela olhou para além das videiras sem flores, para a casa em estilo Tudor. Ela só havia estado lá duas vezes quando criança. Os pais de Dex não eram exatamente loucos por ela e sempre parecera mais fácil brincar pelo hotel ou na casa da árvore.

A curiosidade, o frio e uma sensação confessa de traquinagem proibida para

ver o que poderia acontecer quando ela e Dex estivessem a sós em um lugar quente se agitaram numa combinação explosiva.

– Eu adoraria me aquecer – informou ela a ele.

O sorriso de Dex foi lento, intenso e sexy. O corpo de Zoe entrou em colapso, apesar de sua determinação para ver onde pisava. Dex pousou a mão no cóccix dela, aquecendo-a enquanto a guiava através do metal em arco do portão.

Típico como era numa cidade do interior, a porta da frente estava aberta.

– Quer beber alguma coisa? – ofereceu Dex quando abriu a porta.

– Não, estou bem.

Ela o encarou quando ele emitiu um sonzinho de engasgo no fundo da garganta. Ele encontrou os olhos dela, seu olhar puro questionamento inocente.

– Por aqui – foi só o que ele disse enquanto gesticulava.

Zoe olhou em volta com uma bisbilhotice ousada quando Dex a guiou da entrada azulejada até a imensa sala de estar rebaixada. Cores suaves, texturas macias, linhas simples. Exatamente do jeito que ela se lembrava dos pais dele. Sem muito alarde, definitivamente do time dos quietos.

– É difícil imaginar você crescendo aqui – disse ela, espiando a sala de jantar formal enquanto Dex estimulava as brasas da lareira, resultando numa bela chama.

Olhando para trás, Dex lançou-lhe um olhar interrogativo, então fitou a sala.

– Sério? Por quê?

– É tão maduro. Você não é exatamente o tipo maduro.

Terminando de ajeitar a madeira, Dex se levantou e cruzou a sala até o imenso sofá modular. Aparentemente à vontade com a bisbilhotice de Zoe, ele desabou e apoiou o braço na almofada do encosto.

– Que tipo de cara eu sou então? – quis saber ele com um olhar divertido que dizia que ele estava gostando da brincadeira.

Muito embora ela estivesse falando sério. Zoe ficou observando-o enquanto se aproximava lentamente, desabando na almofada ao lado dele. Ela apoiou um cotovelo na almofada do encostou e pousou o queixo no punho.

– Motivado – disse ela contemplativamente. – Inteligente e tão seguro de si que muitas vezes intimida as pessoas. Você nunca pareceu se importar, no entanto. Você simplesmente fez o que quis, independentemente do que os outros pensavam.

Dex fez uma careta e deu de ombros.

– Tá, acho que fiz. Mas você também fez.

– Não – discordou ela. – Eu posso ter feito o que quis, mas nunca deixei de me preocupar com o que as outras pessoas estavam pensando. Dizendo a meu respeito.

– Mas você nunca deixou que isso a detivesse. E você não mudou, não é? – observou ele num tom que implicava que ela era digna de admiração.

– Como você sabe?

– Você apareceu num reencontro de uma turma que você basicamente detestava, vestindo uma roupa de couro de dominatrix e ostentando um açoite.

Ela sorriu.

– Era um chicote de montaria.

– E eu soube que você o empunhou direitinho. Como eu disse, você não tem nenhum problema em esfregar sua individualidade na cara das pessoas – ponderou Dex. – Você pode se perguntar o que elas acham, mas você nunca vai deixar que isso a impeça de seguir seu caminho.

Zoe sorriu, fingindo concordar com a análise. Mas ela era mais esperta do que isso. Preocupar-se com o que as pessoas pensavam dela era o seu *modus operandi*. Aquilo a assombrara durante o ensino médio, moldara sua carreira e a perseguia agora, mesmo enquanto ela estava sentada com a única pessoa no mundo em quem ela nunca hesitara em confiar.

– Você conseguiu descobrir quem estava por trás do concurso da dança da cordinha sem roupa? – perguntou ela, mudando de assunto com um sorriso. Zoe tinha de admitir, as brincadeiras do reencontro estavam se revelando muito menos enfadonhas do que pareciam no cronograma que o comitê havia enviado.

O suspiro de Dex foi uma obra de arte. Uma pitada de cor tingiu suas bochechas e ele balançou a cabeça tristemente.

– Quem? – questionou ela.

– Minha avó.

Zoe caiu na gargalhada.

– Você está brincando!

– Ela também está se oferecendo para ajudar os casais a desbloquearem o chacra sexual no saguão e está bancando o cupido de acordo com a cor da aura das pessoas. – Ele sorriu e deu de ombros. – Pode ser que você queira tomar cuidado com ela.

– Isso explica a fila de espera depois que ela fez a leitura de cartas para mim – recordou-se Zoe com uma risada de satisfação.

– Provavelmente.

– Então… o que você tem feito da vida nos últimos dez anos? – questionou ela, desviando o assunto outra vez e inclinando-se para socá-lo levemente no braço. Ei, qualquer pretexto para rolar um toque.

– Nada de mais – descartou ele, os belos olhos parecendo um pouco distantes. – Passei alguns anos no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, depois fui trabalhar para uma empresa de tecnologia. Eu me especializei em gestão estratégica de empreendimentos. Ganhei uma boa grana, mandei tudo para casa para ajudar meus pais, cansei e aqui estou eu.

Zoe assentiu. Definitivamente nada criativo. A explicação dele extinguiu aquela pequeníssima e incômoda desconfiança de que ele poderia, talvez, ser Gandalf. Mas as pessoas não iam para o Instituto de Tecnologia de Massachusetts para estudar design gráfico. E, além disso, ela havia perguntado. Ele dissera que não. E Dex não mentiria para ela.

– Aposto que seus pais realmente gostaram da ajuda – comentou ela em vez disso. Muito embora os Drake fossem uma das famílias mais ricas da cidade, o pai de Dex muitas vezes lamentara a grande quantidade de dinheiro, e tempo, consumidos pelo hotel. – Eu me lembro do seu pai sempre estressado tentando manter o hotel na ativa.

Dex exibiu um meio-sorriso de reprovação e deu de ombros.

– Acho que eles gostam disso. Eles nunca realmente aprovaram o fato de eu não ter assumido o hotel, para que meu pai pudesse se aposentar, por assim dizer. Mas eu dei ajuda financeira suficiente e eles tiveram de engolir. Eu sei que a ideia de eu estar fora do mercado formal de trabalho os assusta.

– Talvez eles estejam preocupados com você…? – arriscou Zoe.

Quando Dex bufou, ela soube que era uma perda de tempo. Ele havia passado muitas horas resmungando sobre as expectativas do pai e sobre como ele era visto pelos pais como uma fonte de renda futura. Pelo olhar dele, aquela opinião não mudara ao longo dos anos.

– Se você tiver interesse, posso fazer alguns contatos – ofereceu ela, hesitante. Egos masculinos eram uma coisa tão confusa, frágil. Mesmo em meio à crise, eles se recusavam a admitir que necessitavam de qualquer tipo de ajuda. Mas Zoe ainda tinha a oferecer. Ela queria fazer algo por Dex. Mais ainda, queria reconstruir a ligação entre eles, um motivo para manter contato depois que a semana acabasse.

Mas será que valia o risco de deixá-lo bravo? Zoe pensou nos meses vazios adiante caso ele saísse do radar dela outra vez e concluiu que, sim, pela primeira

vez, valia a pena colocar-se na linha de tiro.

– Eu trabalhei com um monte de empresas, conheço toneladas de pessoas. Talvez eu possa fazer alguns contatos por você? – continuou ela timidamente. Aqueles olhos lindos se arregalaram. Zoe prendeu a respiração, segurou a língua e aguardou pela explosão.

O CORAÇÃO de Dex ficou completamente amolecido, como um brownie de caramelo recém-saído do forno. Era louco ficar tão emocionado, mas ele ficou. Zoe não fazia ofertas a esmo, ele sabia. Não por falta de compaixão. Mas ela havia sido ridicularizada, desprezada e rejeitada tantas vezes quando criança, que se fechara para se proteger. Ela era bem diferente quando se mudara para a cidade, aos 15 anos, sempre fora de sintonia com as outras crianças em Bradford. Quando a relação da mãe dela com o diretor do colégio e os problemas maritais de seus pais viraram tema das fofocas, ela pegara aquela camada protetora e a transformara num muro. Quando eles morreram, o muro se tornou intransponível.

O fato de ela ter espreitado por cima do muro e se oferecido para ajudá-lo dizia muito. Mesmo sabendo que não devia tocá-la, que devesse ter cuidado para não entregar o fato de que havia um motivo muito bom para ela não confiar nele, Dex cedeu ao desejo.

Ele estendeu a mão e, com um sorriso dividindo seu rosto, deu-lhe um abraço. O abraço breve foi o suficiente para fazê-lo se lembrar do prazer glorioso que aquele corpo oferecia. Ele a soltou, como se ela estivesse em chamas. Não, se ele ia manter a calça fechada, também precisava manter as mãos quietinhas para si.

– Você é um doce – disse ele, obrigando-se a se concentrar no gesto dela, em vez de focar nas curvas deliciosas sob o suéter que sua boca ansiava por provar. – Mas eu estou bem. Tenho algumas coisas encaminhadas que devem render, me levar à próxima fase do jogo. Só que eu não posso comentar a respeito agora.

– Supersticioso? – perguntou Zoe com um meneio de cabeça compreensivo.

– Claro. – Aquilo funcionava tão bem como qualquer coisa. – Guarde esses contatos, esses favores, para quando você mesma precisar.

Zoe sorriu, sem graça.

– Você realmente acha que eu vou precisar disso?

– Não, na verdade não. Mas estou surpreso por você estar trabalhando como autônoma. Você não quer nem um pouquinho da afamada segurança da carteira

assinada, que dizem ser tão popular?

– Eu gosto de ser freelancer – esclareceu ela, meneando a cabeça. O movimento fez os cachos caírem no rosto. As mãos de Dex coçavam para enroscar uma daquelas mechinhas num dedo. Para ancorá-la no lugar de modo que ele pudesse roçar os lábios nos dela. – Eu trabalho para mim, determino meus prazos, não me comprometo com ninguém a longo prazo. É conveniente.

Assim diziam as palavras. Mas os olhos dela expressavam outra coisa.

Dex se perguntava se Zoe já havia notado a preocupação neles. As linhas tênues de estresse e questionamento.

– Acho difícil algo superar as viagens para locais exóticos, a emoção de conhecer gente o tempo todo, o desafio de começar do zero a cada trabalho, hein?

Zoe bufou, seus olhos zombando da descrição dele.

– A Cidade do Tédio, onde sempre pareço acabar, não é exatamente exótica. Não sou muito social, mas desenvolvi algumas habilidades impressionantes de evasão. Mas o lance de começar do zero? Isto definitivamente me atrai. Eu simplesmente entro, faço o trabalho sem me preocupar com política ou com a possibilidade de irritar alguém, e depois sigo meu caminho alegremente.

Dex teve de sorrir, enxergando facilmente a atração que aquilo exercia em Zoe. Ela nunca tinha sido puxa-saco, alpinista social. Mas, dado seu histórico, ele achava que um pouco de segurança não lhe faria mal.

– Você não se preocupa com o futuro? – refletiu ele. – Você sabe, a segurança de um emprego, aposentadoria, plano de saúde?

Ele aguardou que um pouco daquela alegria se fosse. Zoe? Preocupada com planos de saúde?

– Um pouco – disse ela baixinho, o olhar desviando-se do dele, como se ela estivesse confessando um segredo feio. – Na maior parte do tempo eu amo trabalhar para mim. Mas às vezes, sim, eu me preocupo com o futuro.

– Alguma vez você já pensou em… bem… não num emprego normal – disse ele com um sorriso –, mas em alguma coisa com uma rede de segurança um pouquinho mais larga?

Ela deu de ombros de forma seca e levantou-se para passear pela sala, como se só o assunto sobre o emprego normal já lhe causasse urticária.

– Recebi uma oferta recentemente – admitiu ela baixinho enquanto ela cutucava as revistas que a mãe de Dex mantinha na mesinha. – Uma ótima empresa, muita flexibilidade.

– Mas?

– Mas é um compromisso de longo prazo. Eles estariam contando comigo, eu estaria presa a eles. E se… – Ela parou, depois deu de ombros. Com um sorriso, puxou uma das revistas de fora da pilha e a ergueu. – Nada de mais. O quão maluco é isto? Desde quando sua mãe é fã de videogame?

Dex olhou fixamente para a revista na mão dela. O que aquilo estava fazendo ali? Ele semicerrou os olhos, notando que era a primeira revista a apresentar um de seus jogos, a estreia do SweetCheeks, por assim dizer. Ele não tinha percebido que sua mãe havia comprado o exemplar, e muito menos o guardado. O orgulho, a confusão e a preocupação de Zoe em ligar os pontos o incitaram a saltar e agarrar a revista.

Não muito sutil, então ele buscou a próxima solução ideal. Ele a distraiu.

– Melhor do que revistas pornográficas.

Ela riu, em seguida, folheou o restante da pilha.

– Bem lembrado. Nada de pornografia aqui. – Então ela lhe lançou um olhar travesso. – Sua avó não mencionou que você era do tipo visual quando detalhou nossa vida sexual.

– Eu sou uma pessoa muito visual – garantiu. Então, mesmo sabendo que estava pedindo para ter problemas, ele deixou seu olhar vagar sobre o corpo de Zoe. E o que havia sob o suéter largo e o jeans apertado só fazia aumentar o desejo em seu olhar.

Ela prendeu a respiração, fazendo seus seios se mexerem de maneira intrigante sob o tecido preto. Dex estreitou os olhos, seu membro se agitou. Ela lambeu os lábios e Dex deu um gemido quase mudo.

Zoe tamborilou os dedos no quadril por alguns segundos, então, obviamente decidindo-se, voltou para o sofá e sentou-se. Só que desta vez ela não deixou nenhum espaço entre eles. Com um joelho dobrado sob o corpo, ela se inclinou para mais perto.

– Que tipo de recursos visuais excitam você? – perguntou ela, seu tom rouco, os olhos hesitantes.

Naquelas profundezas escuras, Dex conseguia enxergar o risco que também o preocupava. O medo de estragar uma lembrança, de ultrapassar um limite.

– Eu não sou bom em sedução em massa – admitiu. – Revistas, filmes pornográficos, não significam nada para mim.

– E quanto a sedução pessoal?

– Quando a pessoa acerta…

– Eu sempre acerto – brincou ela. Um sorrisinho perverso flertou com os cantos de sua boca.

Enquanto isso, a boca de Dex estava louca para prová-la novamente. O coração dele batia tão alto que causava uma cacofonia em sua cabeça. Seu membro inchou dolorosamente.

Ele a desejava tanto. Precisava prová-la novamente.

Com isso em mente, ele se aproximou. A centímetros da boca de Zoe, notou os olhos dela perdendo aquele tom sedutor e sonolento e arregalando-se de pavor.

– Esta é uma péssima ideia – disse ela abruptamente, recuando. Ela parecia estar controlando a vontade de sair correndo da sala.

Uma dor rapidamente substituída por raiva perfurou o estômago de Dex. O quê? Ela só se sentia atraída por ele caso ele usasse máscara? Escondendo a raiva, Dex queria socar o sofá de frustração.

– Eu não… – Ela engoliu em seco, fechou os olhos e pareceu lutar para encontrar palavras. A raiva de Dex acalmou-se para algo mais latente enquanto ele observava a batalha pessoal de Zoe.

– Nós somos amigos – lembrou ela, abrindo os olhos para encontrar os dele. Um tipo doce de tristeza espreitava naquelas profundezas verdes. – Eu não tenho muitas pessoas para chamar de *amigo*, Dex. E você é o melhor amigo que eu já tive. Eu não quero arriscar isto.

Amigos. Dex estava dividido entre uivar feito um lobo irritado e bater a cabeça contra os tijolos da lareira.

– Você está dizendo que não sente atração por mim? – questionou ele sem rodeios.

A risada dela foi um gorgolejo de diversão dolorosa. Zoe balançou a cabeça com pesar e disse:

– Eu seria uma mentirosa se dissesse que não gostaria de subir em cima de você e fazer coisas selvagens com seu corpo.

Dex sorriu e se aproximou mais dela. Ela levantou a mão.

– Mas nós somos amigos.

Como se isso fosse um veneno para a paixão ou algo assim? Dex franziu a testa, guardando sua argumentação. Então ele notou o olhar dela: confusão misturada a luxúria. E ali, em outra camada, a expressão de menininha perdida, uma expressão que sempre o deixava de coração partido quando eles eram crianças.

– Claro, somos amigos – disse ele com um suspiro. – Mas isso não significa que não possa haver mais, Zoe.

– Dex, você é o cara mais doce que eu conheço. O melhor.

Zoe hesitou, depois se inclinou para a frente e lhe deu um beijo muito delicado na bochecha. Com um sorriso amargo, ela se levantou e se dirigiu para a porta.

– Pouca coisa do meu passado significa mais para mim do que nossa amizade. Eu não quero estragar isso.

Droga. Nada que ela dissesse poderia ter sido mais eficaz para atar as mãos dele.

Não havia nada de doce no jeito com que ele a desejava. E Dex precisou de todas as suas forças para não saltar do sofá, agarrá-la, atirá-la ao chão e mostrar o quanto ele sabia ser pervertido e selvagem.

– Por que você veio para o reencontro? – perguntou ele. A frustração alimentava as palavras, mas ele realmente queria saber.

– Não foi para estragar nossa amizade – respondeu ela na defensiva. Dex simplesmente levantou uma sobrancelha, achando desnecessário apontar a inutilidade de afirmar o óbvio.

Zoe deu de ombros, em seguida, estendeu a mão para a maçaneta da porta.

– Vim para encontrar um sujeito chamado Gandalf. Se você tiver alguma dica, serei grata. Porque assim que eu descobrir quem ele é, finalmente vou poder cair fora de Dodge.

Gandalf outra vez. O fato de ela desejar seu alter ego e não ele era realmente irritante. Teimosamente, Dex se manteve em silêncio.

Quando ele não disse nada, Zoe suspirou e revirou os olhos.

– Dexter, você vai me agradecer depois. O sexo entre nós seria maravilhoso, com certeza. Mas algumas coisas são mais importantes do que isso. Você não acha?

Ele gemeu. Ela sorriu, obviamente pensando que ele não havia encarado o comentário como piada. Só que ele ainda se lembrava do sabor dela, do perfume de seus sumos quando ela explodira sob sua língua. Ele definitivamente não faria piada com isso.

– Olha, vou sair da sua vida. Mas se você souber qualquer cosia sobre o tal Gandalf, vou agradecer. – Ele a ouviu murmurar enquanto fechava a porta atrás de si: – E eu também não me importaria nem um pouco de conhecer a identidade do amigo dele, Aragorn.

Dex não soube dizer quanto tempo ficou no sofá olhando para a porta da

frente, o eco do comentário de despedida de Zoe ricocheteando em sua cabeça. Ele ficou olhando pela janela enquanto ela ia embora, tentando lidar com aquela última reviravolta.

Ela queria seu alter ego para profissionais. Ela queria seu eu fantasiado por razões sexuais. E o verdadeiro eu dele? Dex estava jogado para escanteio com um carimbo idiota na testa que dizia: "A mulher por quem sou louco visitou a cidade e tudo que ganhei foi esse título estúpido de *amigo*".

Para o inferno com isso.

Ele era um sujeito inteligente. Ia descobrir uma estratégia para fazê-la mudar de ideia. Mas, como qualquer homem inteligente, ele conhecia as vantagens de apertar a competição. Para isso, precisava descobrir por que ela queria Gandalf. Daí ele seria capaz de criar estratégias para seu plano. Porque nunca houve na vida de Dex um prêmio mais importante do que Zoe.

Com isso em mente, ele dirigiu-se para seu quarto de infância. Lá, ligou seu laptop e flexionou os dedos. Em primeiro lugar, algumas pesquisas sobre os clientes de consultoria de Zoe. E aí ele iria jogar. Fazia alguns anos, mas Dex tinha certeza de que suas habilidades de hacker ainda eram de alto nível. A parte mais difícil, ele sabia, seria aguardar que ela fizesse login no próprio computador.

Capítulo 9

Zoe saiu do banheiro, o calor úmido acompanhando-a numa névoa fresca e perfumada. Ela precisou de 20 minutos sob o chuveiro quente para descongelar seus dedinhos dos pés.

Tanto para investigar quanto para promover a escolha de Julie como rainha da festa, Zoe almoçara com os membros do clube de matemática e então passara algumas horas com o pessoal do comitê do anuário fazendo compras na cidade. Ela provavelmente devia ter parado por aí, mas estava desesperada para manter sua mente longe de Dex e do olhar atônito de frustração que exibira antes de ela ir embora. Então ela também acompanhara a caminhada organizada pelo pessoal popular-insuficiente-para-fazer-parte-da-turminha-de-Candice.

Apesar de sua confusão e preocupação com Dex, Zoe ficara totalmente chocada ao descobrir que de fato gostara da maioria das pessoas com quem havia conversado. Claro, algumas eram fechadas, outras, ainda umas idiotas. Mas, pelo menos metade delas se revelara… bem, divertida.

Talvez ela até mesmo participasse do dia de spa no dia seguinte antes do jantar que anunciaria os indicados para rei e rainha do baile do reencontro. Qualquer coisa para manter sua mente longe de Dex. Não que ela estivesse tendo muita sorte com isso. Não quando passara o tempo todo evitando Dex, pensando em Dex ou conversando com pessoas que se diziam impressionadas com o quanto Dex estava maravilhoso.

Ela rosnou baixinho, tirou a toalha do cabelo e a jogou do outro lado do quarto. Oito horas não tinham ajudado em nada a aliviar a chateação imensa por ela ter-se negado a provar o sabor mais doce do paraíso que já lhe fora ofertado.

Seu corpo gritava que ela devia ter cedido, feito sexo com Dex e deixar as coisas rolarem independentemente das consequências. Não era como se um ataque selvagem de paixão – ou cinco ou seis deles – fosse necessariamente significar que a coisa deveria ser eterna. Só que Dex estava no hotel da família para administrar responsabilidades de longo prazo, e tinha uma avó que previra seu casamento com filhos.

Ele era muito bom para os gostos de uma garota afeita por vestir couro que nem ela. Claro, ele podia estar um pouco chateado agora. Mas ficaria mais ainda se ela lhe desse abertura para alguma intimidade e depois partisse seu coração.

Jogando-se na cama e ainda enrolada na toalha, Zoe abriu a mesa de cabeceira em busca de seu estoque de doces. Enfiando um chocolate recheado com caramelo e nozes na boca, ela pegou o laptop e o ligou. Antes que a tela iniciar pudesse acender, seu celular tocou.

Ela olhou para a tela e suspirou. Em seguida, ligando o viva-voz, respondeu:

– Não, Meghan. Eu não encontrei o cara ainda.

– Você faz parecer que eu só te ligo para isso – defendeu-se sua cunhada, o tom pura irritação.

Só uma semana. Zoe abriu seu hidratante e deu de ombros, mas não respondeu.

– Estou com saudade – disse Meghan a ela. – Eu queria saber como você está.

– Desculpe, estou me sentindo um pouco despreparada – disse Zoe com um suspiro. – Estou descobrindo que a maioria dessas pessoas é realmente muito legal. O que me torna uma idiota total por tomá-las todas como babacas só porque algumas delas fizeram da minha vida um inferno, sabe?

– Você está fazendo amigos?

– Eu não iria tão longe – interceptou Zoe. Ao ouvir a palavra *amigos*, a visão do rosto de Dex ao ser rejeitado reluziu em sua cabeça. Ela odiara ter sido a pessoa a colocar tristeza naqueles olhos tão lindos. – Não acho que eu seja do tipo amigável – concluiu ela. – Sou muito instável.

– Você é minha amiga.

– Isso porque você se casou com meu irmão e se jogou em cima de mim.

Meghan riu, muito embora ambas soubessem que era praticamente a verdade. As pessoas sumiam facilmente da vida de Zoe. Exceto Zach. E Meghan, por associação.

– Você não é instável – defendeu Meghan, pensativa. – Você precisa se dar uma chance. Acho que você está mais dura consigo do que qualquer pessoa

jamais seria. Mas você é brilhante, Zoe. Você precisa dar às pessoas a oportunidade de descobrir isso.

– Sim, sim – balbuciou Zoe.

– E aquele gato que você viu no seu primeiro dia aí? Ele era da sua turma?

– Descobri que era o Dex.

– Seu amigo das antigas?

– Sim. O *melhor* amigo das antigas. Por que os homens têm de ser tão complicados e confusos? – perguntou Zoe, exasperada enquanto esfregava o hidratante com aromas da natureza na pele.

– Ah, por favor, os homens são simples. Você é que complica as coisas, tentando evitar que as pessoas te conheçam melhor. Você pode tentar namorar de vez em quando – continuou Meghan naquela tom de irmã mais velha dando sermão –, em vez de sempre evitar as pessoas.

Zoe fez uma careta para o telefone. Ela não evitava as pessoas. Ela simplesmente optara por não lidar com elas a longo prazo. É por isso que o gostosão mascarado era perfeito para ela. Tempo limitado juntos, possibilidades sensuais. Sem compromisso. Sexo selvagem, paixão intensa, orgasmos alucinantes. E uma sensação de satisfação quando tudo acabasse.

E então havia Dex. Ele a fazia pensar em compromisso. Coisa que a assustava para diabo. Ela estava louca por dois caras e desejava ambos loucamente. Só não sabia o que fazer a respeito. Nunca fora assim, mas agora só conseguia pensar em sexo. Sempre e muitas vezes. Tanto com Dex quanto com o gostosão mascarado. Dois homens, ambos capazes de excitá-la em pé de igualdade. Mas que inferno, se um deles sugerisse sexo a três, ela provavelmente tiraria a roupa antes mesmo de os dois apertarem as mãos para se conhecer.

Necessitando de distração, Zoe olhou para seu laptop. E ficou escutando de um jeito meio desinteressado enquanto Meghan listava todas as coisas maravilhosas pelas quais Zoe deveria se creditar. Franzindo a testa, ela olhou fixamente para a tela do computador. Ali, no meio do papel de parede roxo coberto de crânios e coraçõezinhos, havia um novo ícone. Uma seta circular reluzente ocupava metade da tela. Junto dela havia um texto: "Vamos lá, você sabe que quer".

Quem havia tocado em seu laptop?

Ela automaticamente passou um antivírus, em seguida desplugou seu pen drive. Tinha feito o backup naquela manhã, não tinha?

– Você é uma ótima pessoa, Zoe. Só precisa dar-se crédito. – Meghan fez uma

pausa quando Zoe riu com desdém, aí continuou num tom zangado: – Quantas irmãs largam tudo para viajar e tentar ajudar a um irmão, hein? Não muitas. E pode nem ser de tanta ajuda agora. Zach avançou naquela entrevista.

Zoe verificado os resultados do antivírus. Limpo. Daí voltou a plugar o pen drive. Tudo certo. Intrigada, ela finalmente permitiu-se clicar no ícone.

Mas que droga.

O ícone levou a um quarto virtual. Um quarto dominado por uma cama, cortinas diáfanas penduradas no teto e travesseiros de cetim amontoando de encontro à cabeceira. Havia duas figuras de desenho animado na cama. Nuas. Totalmente nuas.

Zoe ficou de queixo caído.

– A Microsoft ofereceu um emprego a ele. Ele disse que talvez fosse aceitar.

Zoe arregalou os olhos e engasgou. Ai, Deus. A garota do desenho era *ela*.

– Eu sei, é um choque – continuou Meghan, seu tom choroso. – Odeio o fato de ele estar desistindo assim. Mas ele disse que é o que deseja fazer.

Zoe resmungou. Descobriu então que as teclas direcionais faziam sua caricatura mover-se pela tela. Para cima, para baixo, para cima, para baixo. O rosto do homem nu de desenho estava escondido por uma máscara, mas o sorriso era bem nítido. Zoe decidiu circular pelo quarto e mudar o ângulo, e observou que o avatar parecia incrivelmente preciso. Exceto… estava faltando a tatuagem.

– Uau – arfou ela. Quem quer que tivesse criado aquilo, era um gênio. Sedução eletrônica. Era coisa de Gandalf? Levando-se em conta que ela estava ali para rastrear um mestre dos jogos eletrônicos, aquilo não era tão absurdo. Mas, ela olhou mais de perto, não. Gandalf não teria criado aquilo. Não só estava faltando sua tatuagem, que era marca registrada, mas também, como qualquer artista, Gandalf tinha um estilo distinto. Másculo, irascível e animado. Aquilo era… bem, real. Como pessoas mesmo. Zoe assustou-se. Ela observou o logotipo da empresa na parte inferior da tela. Avigraph. Não, não era a mesma empresa de Gandalf. Obviamente, seu gostosão gostoso mascarado tinha habilidades de um hacker e uma conta em algum novo programa. E que programa! Ela colocou o avatar masculino de costas, observando o corpo musculoso sexy sob as sombras. Gostoso. Seu coração disparou um pouco, o sangue aquecendo. Pornô em animação. Se ela ligasse os alto-falantes, será que ouviria solavancos e gemidos?

– Eu contei a ele que você estava procurando Gandalf. Ele disse que somos loucas, mas ele pareceu meio esperançoso. Portanto, não desista, tá bem? – A voz

de Meghan, vinda de algum lugar em segundo plano, fez uma pausa. Em seguida:
– Zoe? Você está chateada porque eu contei a ele?

Zoe piscou algumas vezes.

– Chateada?

O avatar masculino se movimentou. O coração dela quase saltou do peito e Zoe quase gritou. Ela observou a mão animada tocando o seio do avatar dela, o polegar roçando o mamilo sedutoramente. Ela sentiu o calor se enrolar em sua barriga. Soltou um suspiro.

– Não, não estou chateada.

– Você quer conversar sobre isso?

– Não. Eu só tenho de, você sabe, processar a ideia. Falo com você mais tarde. – Ela não tirou os olhos da tela e do feitiço que o sujeito estava exercendo em seu corpo quando desligou o telefone.

Seu amante mascarado havia criado aquilo? Ela leu de novo a palavra Avigraph. Era tipo aquele site antigo, o Second Life? Talvez seu amante mascarado tivesse simplesmente criado os avatares dos dois, mas não fosse responsável pelo programa? Sua mente acelerou, tentando descobrir as respostas. A única coisa que ela sabia era que o tal sujeito obviamente tinha invadido seu computador. Mas como? Quando? Ele precisaria de acesso ao quarto dela, não é? Ao seu laptop pelo menos, para poder ligá-lo?

Falando em ligar… Zoe ficou sem ar quando o avatar masculino se esticou, o abdome ondulando na sensualidade do desenho. A boca se fechou sobre o mamilo rijo. Os mamilos de Zoe, e não o de seu avatar, enrijeceram a ponto de doer.

A mão dele passeava pelo corpo dela, desde o mamilo até a cintura, e então descendo mais, até os cachos entre suas pernas. Zoe sentiu o calor úmido em seu âmago, como se ele a estivesse tocando de verdade. A boca abandonou o mamilo. Zoe quase gemeu de decepção. Daí ele pegou sua mão cibernética e, depois de sugar os dedos dela, lambeu o outro seio, foi descendo pelo mesmo caminho que a mão dele havia feito antes. Ele pousou os dedos no vale entre as pernas da animação.

Zoe estreitou os olhos, daí, percebendo que o que ele estava querendo, arquejou. Seu coração acelerou. Hipnotizada, ela acompanhou o pedido tácito. Colocando o laptop na cama, ela deitou-se ao lado do aparelho. Usando o touch pad para acompanhar seus movimentos, ela fez com que seu avatar a imitasse. Enfiou os dedos na boca, umedecendo-os, aí passou a tentação molhada ao redor

de um mamilo dolorido. Ela não sabia como fazer o avatar pinçar ou beliscar a carne, mas não permitiu que tal detalhe interrompesse seu prazer.

O homem do desenho mudou de posição, deslizando até embaixo pelo corpo dela. Ele cobriu a mãos dela com a dele, pressionando para que Zoe pudesse ver as marquinhas de dedos nos seios desenhados. Em seguida, ele lhe ergueu as coxas, pousando-as em seus ombros. Zoe gemeu. E levou a mão às próprias coxas, o dedo contornando os lábios inchados, e então pincelando o núcleo latejante já úmido de desejo.

Ele enterrou o rosto entre as pernas dela. Zoe fechou os olhos, deixando que as lembranças da véspera com o gostosão mascarado preenchessem sua mente: a língua dele na pele dela. Os dedos a enlouquecendo, o próprio cheiro almiscarado preenchendo o ar enquanto ele a masturbava. Com os olhos ainda fechados, Zoe abandonou o touch pad para acariciar um mamilo no mesmo ritmo dos dedos da outra mão, entrando e saindo, girando, e então investindo outra vez.

A cabeça de Zoe foi tomada pelo rosto de Dex, seu sorrisinho sedutor. Agora ela estava imaginando que era a boca dele em seu sexo, os dedos dele entrando e saindo de seu corpo ávido, levando-a ao ápice cada vez mais. A língua dele, lisa e quente sobre sua carne pulsante.

Zoe arqueou as costas. Daí deu um grito e se deixou navegar sobre a onda de prazer no momento em que agarrou os cobertores para ancorar-se à terra. Estrelas explodiram atrás de seus olhos fechados, o orgasmo assumindo o calor de uma supernova.

Finalmente, a respiração desacelerou. Sua frequência cardíaca se estabilizou e Zoe abriu os olhos. Ali, pairando sobre o avatar do gostosão mascarado, estava um balão com uma fala.

– *Foi bom para você?*

Ela riu e olhou para o teclado, impotente. Como confirmar para um desenho animado que o sexo virtual tinham sido excelente?

– *Basta digitar.* – Instruiu a mensagem seguinte.

Então ela digitou:

– *Foi muito bom para mim. E para você?*

– *Quase perfeito.*

– *Quase?*

– *Seria melhor se você estivesse realmente aqui.*

As coxas ainda úmidas devido ao próprio sumo estremeceram. Ela passou o dedo indicador sobre a protuberância latejante e gemeu. Só a sugestão de repetir aquilo no mundo real foi quase suficiente para fazê-la gozar outra vez.

O balãozinho com a fala apareceu novamente.

– *Quer experimentar no mundo real?*

Ah, sim. Zoe enxugou os dedos na toalha largada na cama e digitou:

– *Quando?*

– *Amanhã à noite.*

– *Onde?*

– *Em um quarto especial.*

– *Por que especial?*

– *Porque se formos fazer isso, você vai ter de concordar com algumas condições.*

– *Quais condições?*

– *O quarto ficará totalmente escuro, ou então você vai ficar vendada. Em retribuição pela sua promessa de não violar minha identidade secreta, vou te dar quantos orgasmos você quiser.*

Zoe não consegui evitar. Ela começou a rir.

– *Quanto tempo nós temos?*

– *Doze horas.*

– *E se eu dissesse 24 horas?*

– *Vinte e quatro orgasmos, em troca da sua promessa.*

Ela riu.

– *Você quer que eu assine um contrato?*

– *Só preciso da sua palavra.*

Zoe hesitou. Mas como tinha de perguntar, digitou:

– *Você é o Gandalf?*

Ela encarou a tela, sem vontade de piscar enquanto aguardava pela resposta.

Seus olhos começaram a lacrimejar.

Finalmente:

– *Não.*

Ela encolheu os ombros.

Bem… isso resolvia o problema moral de se fazer sexo com um sujeito que ela vinha perseguindo para um emprego. Mas, ao mesmo tempo, não a ajudava a ajudar Zach.

– *Por quê?* – Foi a pergunta no balãozinho dele.

Se o sujeito ia lhe dar 24 orgasmos, ela imaginava poder confessar sua missão.

– *Foi por isso que vim para o reencontro. – Preciso encontrá-lo.*

– *Por quê?*

Zoe franziu a testa, em seguida, puxou o cobertor sobre o corpo nu. De repente, sentia como se estivesse sendo interrogada. E como se seu amante cibernético tivesse muito mais informações do que estava compartilhando de fato.

– *Tenho uma proposta de trabalho para ele. Você sabe quem ele é?*

Silêncio. Zoe bufou e se perguntou onde é que havia errado no rumo da conversa. Cinco minutos antes ela estava flutuando sobre uma nuvem sexual gloriosa. Agora sentia-se nua e fora do eixo.

Será que ela havia estragado tudo? Começando a ficar irritada, ela se perguntava se de fato importava-se com aquilo tudo.

– *Talvez devêssemos esquecer isso* – digitou, os dedos apunhalando as teclas.

– *Estarei no seu quarto amanhã, às 20h.*

E assim ele se foi. Não só os balões de fala, mas também o avatar. Zoe piscou e, franzindo a testa, fechou seu laptop em vez de ficar encarando sua caricatura nua e solitária.

ZOE SENTOU-SE no chão de madeira carcomida da casa da árvore, abraçando os joelhos enquanto contemplava suas botas feias.

Quando é que a vida começou a girar em torno de compromissos? Se ela quisesse ajudar seu irmão, teria de viajar pela estrada das lembranças. Para encontrar paz de espírito sem morrer de frio, ela teve de abandonar suas lindas botas e escolher um calçado feio. Para fazer um sexo incrível, ela teria de praticamente assinar uma cláusula de anonimato.

Tanto esforço para contrariar todas as regras e fazer as coisas do seu jeito.

Além disso tudo, a conversa do dia anterior com Dex ainda girava em sua mente. Meghan estaria certa? Será que ela estava fugindo antes de dar uma chance a ele?

Um farfalhar nas plantas abaixo a alertaram de que ela não estava mais sozinha.

Curiosa, Zoe olhou pela abertura no chão.

– Oi – cumprimentou relutantemente quando viu o rosto de Dex espiando-a lá de baixo. Será que seus pensamentos o haviam atraído? Ou era apenas sorte? Ela odiou sentir os ombros tensos ao avistar aqueles olhos lindos. – Olha, estou reivindicando direitos territoriais aqui.

– Condições?

– Nada de joguinhos. – A companhia dele era bem-vinda, mas ela não queria mais uma rodada de flertes.

– Feito.

Ouvindo-o pisar na primeira tábua da escada para subir na árvore, Zoe sorriu quando ele xingou. Sim, foi a mesma tábua que rasgou a calça jeans dela.

– Você vem sempre aqui? – Ele enfiou a cabeça pelo buraco do piso.

Ela deu um sorriso relutante.

– Qual vai ser a próxima pergunta? Qual é o meu signo?

– Escorpião. – Usando seus bíceps impressionantes, ele ergueu o restante do corpo, entrando na casa da árvore. E Zoe tinha de admitir: ele se revelou muito mais gracioso do que ela, que se matou para conseguir erguer o corpo e depois ficou bufando.

– Por que você não está participando das brincadeiras do reencontro? – quis saber ele, sentando-se em frente a ela e apoiando as costas cuidadosamente contra a parede de madeira apodrecida. – Soube que minha avó organizou rodadas do jogo da garrafa na sala de conferência.

Zoe abriu um sorriso.

– Não estava a fim – respondeu ela, dando de ombros. – Eu precisava de um tempinho para pensar. Imaginei que pudesse haver um pouco de energia residual de reflexões na casa da árvore, por isso arrisquei a vida e meus membros, isso sem falar da minha calça… – Ela apontou para o rasgado no joelho – … para pegar um pouco de nostalgia.

– Em quê você estava pensando?

Não parecia apropriado contar a ele que era em sexo, então ela resolveu compartilhar outro problema.

– Estava me perguntando se fui uma babaca na escola ou se todo mundo aqui mudou.

– Você nunca foi babaca – disse ele, franzindo o cenho.

– Fiquei preocupava com a possibilidade de você pensar isso de mim ontem – comentou ela baixinho.

– Isso significa que você mudou de ideia?

Ela retribuiu o sorriso relutantemente, no entanto, balançou a cabeça.

– Eu não quero arriscar nossa amizade, Dex. Fui uma idiota ao negligenciá-la. Eu sei que estraguei tudo antes… eu não quero perder contato de novo. – Tentando deixar o momento mais leve, ela piscou e disse: – Talvez fosse mais fácil se eu fingisse que não o acho tão lindo. Mas não posso mentir para você.

Ele sorriu, exatamente a intenção dela. Mas ela enxergou a frustração e algo mais nos olhos dele. Quase parecia culpa.

– Você não foi uma idiota – murmurou ele novamente.

Zoe deu de ombros. Foi, sim. Ela simplesmente apareceu na cidade com sua postura combativa e um ego maior do que o estado de Idaho.

– Acho que imaginei, em algum lugar no fundo da minha cabeça, que para fazer meu trabalho, viajar e ter liberdade para ir e vir, eu precisava fazê-lo sem restrições.

– Você realmente ama seu trabalho – observou ele.

– Amo. E vim a perceber que eu posso amá-lo e ainda assim ter pessoas na minha vida. É esquisito eu vir para uma reunião que eu pensei que fosse odiar e me flagrar fazendo amigos. Meio que estou excitada com isso.

Ele sorriu.

– Você sempre deve fazer o que a excita.

Ela olhou para o rosto dele, perguntando se houvera um duplo sentido na frase. Mas ele parecia tão inocente quanto um bebê. Ela deu um sorriso malicioso. O que significava que ele provavelmente fora dúbio mesmo.

– Excitação é crucial – concordou ela antes de se lembrar da regra de não flertar. Ela parou de sorrir e deu de ombros.

– Então este é o seu grande objetivo para esta semana? Fazer o máximo de amigos que puder?

– Não era bem o que eu pretendia – admitiu ela. – Mas está se mostrando um belo benefício inesperado.

– Às vezes as intenções são mal-interpretadas quando somos confrontados com a tentação. – Ele hesitou, um olhar intenso de contemplação. Então falou: – Olha, eu preciso te contar uma coisa.

Ela levantou uma sobrancelha. Mas, antes que Dex pudesse desenvolver a confissão, seu celular tocou.

Ele o tirou do bolso da jaqueta preta de couro, olhou para a tela e fez uma careta.

– Preciso voltar. O gerente do turno da manhã é um idiota e aparentemente não consegue lidar com a entrega de lençóis sem alguém para segurar a mão dele.

– Seus pais devem estar adorando essa folga que você deu a eles – comentou ela, perguntando-se como ele tolerava as exigências constantes. Ela percebia o quanto aquilo estava estressando Dex.

– Eles ligaram de manhã. Eu nunca ouvi meu pai soar tão relaxado. – Dex lançou um olhar tímido. – Ele me agradeceu. Eu não tinha percebido que meus pais não tiravam férias há 12 anos. Desde que vovô morreu. Acho que não é de se admirar que papai se estresse tanto com dinheiro o tempo todo. Este lugar obviamente está começando a se tornar um problema.

Ele pediu licença para ler o recado recebido.

O olhar de Zoe se fixou no telefone. Ela piscou. Seu coração gelou. Não podia ser. A mente dela disparou. A confusão começou a brigar com as emoções, os pensamentos embaralhados, em choque. Obrigando-se a não ofegar, ela ergueu os olhos para buscar o rosto de Dex. Por sorte ele não estava olhando para ela. Em vez disso, ela ficou observando os lindos olhos lerem a mensagem, e então ele digitou a resposta.

– Preciso ir – disse ele depois de alguns segundos. Obviamente sem perceber que o cérebro de Zoe estava em transe, ele hesitou, depois se inclinou e lhe deu um beijo delicado bem no ponto onde a calça dela havia se rasgado.

– Desculpe por te dar um beijo e partir.

Zoe sufocou uma risada. Que irônico, considerando que agora ela estava certa de que aquela não era a primeira vez que ele a beijava e ia embora. Pelo menos agora ela estava usando calças.

– Quer jantar comigo? – convidou ele.

Zoe não sabia o que dizer. Será que ela deveria confrontá-lo? Ignorar sua descoberta? Berrar com ele por esconder-se detrás de uma máscara?

Ela fitou os belos olhos cor de água-marinha e, pela primeira vez, enxergou uma batalha ali. O risco que ele pensava estar correndo. Finalmente ela compreendeu o porquê.

O que ela não entendia era o motivo por trás do porquê.

Ainda entorpecida, Zoe se perguntou se ela ficaria com raiva quando tudo aquilo fosse absorvido pelo seu cérebro. Ela notou a ansiedade nos olhos dele, o vinco preocupado na testa.

Sem raiva. Apenas confusão. E uma necessidade profunda e sincera de passar mais tempo com ele.

– Claro. Vai ser legal jantar com você. – Então, incapaz de evitar, ela provocou: – Mas tem de ser mais cedo. Eu tenho um… compromisso mais tarde.

Sim. Lá estava. O leve esvoaçar dos cílios dele. Provavelmente indetectável pela maioria das pessoas, mas Zoe o conhecia bem. Dex estava escondendo alguma coisa. E Zoe tinha certeza do que era.

Mas ele simplesmente sorriu, daí roçou um dedinho no rosto dela antes de descer pelo buraco do piso da casa e sumir de vista.

Zoe sacudiu a cabeça para afastar o choque e ficou olhando pela janela para ter certeza de que ele chegaria em segurança.

E aproveitou para fiscalizar o belo bumbum enquanto Dex corria pelo campo dourado de grama seca. Sua mente estava acelerada em um milhão de direções ao mesmo tempo. Mas um pensamento se destacava, cristalino.

Ora, ora. Zoe bufou e tentou encurralar seus pensamentos galopantes.

Ela não sabia como ou por quê. Não fazia ideia de como se sentia a respeito daquilo tudo. Só sabia que Dex, seu velho amigo nerd, era o gostosão mascarado, mais conhecido como o orgasmo mais alucinante da vida dela.

A dúvida era, o que ela ia fazer? Cancelar o encontro? Mas isso não equivalia a trancar a porta do celeiro depois que o garanhão já estava montado na égua? Qualquer risco à amizade deles já fora assumido.

Será que ela ia negar a si o melhor sexo de sua vida em função de um princípio fútil? Ou ia fazer o que qualquer mulher forte e inteligente faria em seu lugar? Comemorar porque os dois sujeitos que a enlouqueciam de luxúria eram um só?

Aparentemente ela ia conseguir seu sexo a três, afinal de contas.

Capítulo 10

Dex caminhava em frente do elevador, as mãos enfiadas nos bolsos. Seu cérebro acelerado, discutindo consigo. Ele dissera a Zoe que não era Gandalf. Para todos os efeitos, isso era verdade. Ele havia aberto mão de seu pseudônimo, certo? Então por que ele estava se coçando de culpa? Ele não devia isto a ela, contar que ele havia sido o mago dos jogos. Ou era apenas seu ego falando, tentando impedi-la de especular sobre Brad, o Babaca de novo?

Ele passou a mão pelo cabelo e se perguntou como havia se encurralado assim. Apenas um mês fora do emprego e ele já havia perdido a sua capacidade de racionalizar e criar estratégias. Não era um bom prognóstico para quem ia dirigir a própria empresa. Daí, mais uma vez, ele não estava competindo com os gostos de Zoe Gaston e seu apelo sexual inimitável nos negócios, talvez por isso ele estaria bem?

– Ei, você aí, Dexter.

Dex se virou, o olhar severo, os ombros tensos.

– Olá. – Ele cumprimentou a ruiva cautelosamente. Estava sinceramente surpreso por ela saber seu nome. Claro, da última vez em que o flagrara sozinho no saguão, ela enterrara as mãos nas nádegas dele e se oferecera para lhe mostrar o paraíso. Mas ele tinha a impressão de não ter sido nada pessoal.

– Você vai encontrar Zoe mais tarde? – perguntou ela com um sorriso amigável que não tinha qualquer indício de ameaça agarradora-de-bumbum.

– Vamos juntos para o jantar do reencontro – confessou ele com cautela. Apenas para sentir-se seguro, ele também se reposicionou para que sua poupança ficasse o mais longe possível das mãozinhas dela.

– Que bom. – Ela olhou ao redor, em seguida, se aproximou. Dex recuou. Ela arregalou os olhos antes de enrugá-los num riso divertido. – Seu bumbum está seguro comigo. No entanto, tome cuidado com minha irmã.

Ele semicerrou os olhos.

– Gêmeas, certo?

Parte da tensão nos ombros de Dex se dissipou assim que ela assentiu. Ele já tinha problemas suficientes com Zoe já, e se ela chegasse no primeiro encontro deles – por mais não oficial que fosse – e flagrasse as mãos de outra mulher em suas nádegas, com certeza isto ia lhe custar a noite.

– Você pode dar um recado a ela por mim? – pediu a ruiva, baixinho, o sorriso desaparecendo. – Ouvi alguns dos caras mencionando uma aposta. Ela é o centro das atenções e precisa tomar cuidado.

Dex franziu a testa. Ele não compreendeu por que o alerta o incomodara. Não, ele não queria que ninguém machucasse Zoe. Mas era sua função protegê-la. Principalmente dos membros populares – ou seja, nojentos – da turma. Como a ruiva diante dele.

Ele notou uma pitada de preocupação sincera nos olhos da moça. Ainda assim, não confiava nela.

– Desde quando você se preocupa com os sentimentos de Zoe?

Os olhos azuis simpáticos ficaram gélidos.

– Desde que amadureci. Algo que você aparentemente ainda não experimentou.

Dex franziu a testa. Ele nunca tinha experimentado nada senão a cordialidade – garantida no esquema só-enquanto-ele-me-for-útil – com qualquer um da escola.

– Vou cuidar de Zoe – prometeu.

A ruiva, Julie, de acordo com o pingente dela, deu um leve suspiro. Os olhos derreteram e ela levantou uma sobrancelha com divertimento.

– Ainda louco por ela, hein?!

Dex começou a negar. Zoe saiu do elevador. Seu coração fez a dancinha feliz de sempre assim que a viu. O mesmo aconteceu ao seu membro quando ele de fato capturou o visual dela. Estava vestida para a noite, tipo, seu vestido parecia uma camisola minúscula. Curta, com alças finas e sexy para diabo. O tecido preto de seda com brilho drapeado abraçava as curvas dela de forma adorável.

– Sim, louco, com certeza – confirmou Julie.

Dex ignorou a ruiva. Imaginava que tinha pedido licença enquanto se afastava,

mas não tinha certeza. Só sabia que Zoe estava ali e, graças aos céus, era dele esta noite.

– Pronta? – perguntou ele assim que se aproximou, tendo de empurrar dois sujeitos para chegar a ela.

– Tem certeza que quer ir a este jantar estúpido de reencontro? – questionou ela, uma das mãos alisando a lapela do paletó casual que Dex havia jogado sobre a camisa. – Talvez, em vez disso, você gostaria de encontrar um lugar privado e dividir alguns segredos?

Segredos? Com a pulsação acelerada, Dex avaliou o rosto dela. Será que Zoe sabia? Não havia nenhuma desconfiança naqueles olhinhos, apenas diversão. Ainda assim, a mente dele acelerou rumo à mentira que ele vinha contando ao sair com ela. Ele precisava contar a ela. Ele devia contar agora.

Mas não conseguia. Ele tivera tal chance na noite dos sonhos deles. Bem, não exatamente um sonho, já que suas fantasias geralmente envolviam Zoe chamando seu nome durante um sexo selvagem e nítido. Mas aquilo foi o mais próximo que ele chegaria de suas fantasias. Zoe desejava o sujeito misterioso. Não seu velho amigo nerd. Entre isso e sua provável fúria, caso ela descobrisse que havia sido enganada, Dex tinha certeza de que contar a verdade era uma passagem só de ida para o fim.

Assim, ele contentou-se em acariciar o ombro e as costas de Zoe. A pele dela mais quente e mais sedosa do que o tecido do vestido minúsculo.

Mais tarde, esta noite, ele passaria a língua naquela pele. Em cada centímetro delicioso dela.

Agarrando-se firmemente a este pensamento, ele deu um sorriso e balançou a cabeça.

– Bem, não é como se eu fosse comparecer ao reencontro da minha turma oficial. Posso muito bem ir ao da sua e ver como é – disse ele enquanto a guiava para o salão.

Uma hora mais tarde, ele estava desejando ter aceitado o convite dela para pular o evento.

– Essas atividades da reunião são sempre chatas assim? – cochichou Dex ao ouvido de Zoe enquanto puxava a cadeira para ela.

– Ah, sim – disse ela com um sorriso maldoso enquanto se sentava graciosamente, jogando-lhe um olhar travesso. – O puxa-saquismo, a mentira e os insultos mal-velados são só um destaque. Espere só até eles começarem os discursos sobre os bons velhos tempos.

Antes que Dex pudesse agarrar a mão de Zoe e puxá-la salão afora, outros se juntaram à mesa. Contido pelas boas maneiras que sua mãe havia lhe ensinado, Dex afundou na cadeira, fazendo uma careta.

Resignado com a conversa fiada educada, ele fez Zoe rir e a manteve à vontade enquanto a mesa era preenchida por mais gente e o jantar era servido. Durante todo o tempo, ele ficou fantasiando sobre como ela estaria mais tarde, perguntando-se quando poderia arrancar aquele vestido. Imaginação era fundamental, ele sabia, já que o quarto estaria totalmente escuro, com apenas uma lâmpada de dez watts no banheiro, por segurança.

Considerando-se que ele poderia convencer Zoe a fazer sexo com os olhos vendados, Dex também resolveu também garantir algumas velas.

E aí ele quase engasgou com o pedaço de frango. Tinha um pezinho roçando em sua panturrilha. Um pezinho feminino provocador, tentador, nu. Dex olhou para o sujeito sentado à sua esquerda e recusou-se a cogitar que aquele pé pudesse ser dele.

Seu olhar voou para Zoe.

– Com fome? – perguntou ela, os olhos inocentes, o tom de voz brando.

– Morrendo de fome – admitiu ele. E só um pouco confuso. Era Zoe roçando o pé nele? E ela não ia ter um encontro mais tarde com… ele?

– Então coma – disse ela com voz rouca, inclinando-se para ele e exibindo uma fenda no decote que fez o cérebro de Dex ficar dormente. – Você precisa de energia. Sabe-se lá com qual tipo de loucura você vai ter de lidar com mais tarde.

– Mais tarde?

– Sim, mais tarde. – Ela arrastou os dedos, só as pontinhas, pelo dorso da mão dele. – Você tem apagado um incêndio após o outro, lembra-se? Sua doce vovó pode organizar uma invasão de calcinha ou algo assim.

– Certo, esse tipo de loucura. – O cérebro de Dex lhe dizia que o comentário tinha sido inocente. Seus instintos lhe diziam que ela estava brincando com ele. Antes que ele pudesse questionar, um som agudo estourou no ambiente; alguém tinha ligado o microfone.

– E a nossa primeira candidata a rainha do reencontro é… – berrou o presidente do comitê acima dos ruídos de conversa – … Zoe Gaston.

– O quê? – gritou Zoe, girando tão rápido que puxou a toalha da mesa e quase a levou ao chão. O salão explodiu em uma cacofonia de sussurros. Rostos se viraram, pessoas gesticulavam.

– Eles acabaram de anunciar que você está na corrida para ser rainha do

reencontro – percebeu Dex, um sorriso imenso dividindo as bochechas dele. Ele virou-se para dar um abraço em Zoe e percebeu que ela estava pálida.

– Qual é o problema?

– Não consigo acreditar que alguém realmente… – Ela parou e franziu a testa, depois deu de ombros. – Tenho certeza que é só uma vingança contra Candice depois de ela anunciar publicamente que eu não tinha chance. Eles não estão indicando a mim, e sim a antilíder de torcida.

Dex não sabia dizer se Zoe estava empolgada ou não. Ela parecia mais confusa do que qualquer outra coisa. Ele queria abraça-la e protegê-la, o que provavelmente era louco considerando que aquilo não era *Carrie, a estranha*.

– Eles poderiam ter indicado qualquer pessoa se a intenção fosse esta – disse Dex. Ambos olharam para o palco quando a ruiva Julie Fenton e Candice Love foram chamadas juntamente a outras indicadas. A multidão aplaudiu superficialmente, exceto pela mesa ocupada pelo time de futebol, que enlouqueceu em nome de Candice. Ao contrário de Zoe ou Julie, a loura se levantou e fez um discurso. Ao fim da comemoraçãozinha de Candice, Brad se levantou e fez sua dança da vitória em cima da cadeira. E ficou olhando diretamente para Dex enquanto o fazia.

– Você tem muitas chances de vencer o título – disse Dex com determinação, voltando-se para Zoe.

– Vencer? Você está brincando, certo? Essa coisa toda é uma piada. Eu não vou botar meu nome na roda e com certeza não quero ganhar.

Dex franziu a testa perante a fúria na voz dela. Ele olhou ao redor e captou todos os olhares sarcásticos em direção a Zoe. E percebeu que todos ficaram envergonhados diante de seu escrutínio. Seus olhos encontraram os de Julie assim que ela desceu do palco. Em vez de parecer empolgada com a indicação, ela estava lançando um olhar preocupado para Zoe.

– Por que não vencer? – quis saber ele, a atenção dividida entre Zoe, o salão e seus pensamentos agitados que tentavam organizar tudo aquilo. – Você é tão elegível, mais linda e definitivamente mais digna do que qualquer pessoa aqui.

Zoe ofereceu um revirar de olhos indulgente, então balançou a cabeça.

– Não querem que eu vença. Isso está no mesmo patamar de quando me intitularam a Rainha Virgem. É uma piada.

Como sempre fazia quando a troça com a virgindade de Zoe era mencionada, Dex rosnou baixinho. Ele devia ter arrebentado a cara de Brad na época da escola

exclusivamente por causa disso. Que tipo de covarde era ele ao permitir que algo magoasse Zoe e ficasse por isso mesmo.

– Quero ir embora – disse ela, a expressão séria. Ela havia se fechado entre as muralhas outra vez, percebeu Dex. Sem aguardar, Zoe jogou o guardanapo sobre a mesa, calçou os sapatos mais uma vez, se levantou e saiu correndo.

Ignorando as provocações insultuosas de Brad e o olhar preocupado de Julie, Dex correu atrás dela. Ele a alcançou no saguão e a puxou para uma das pequenas enseadas privadas ali perto.

– Espere – disse ele. – Você não sabe se é uma piada. Talvez algumas pessoas achem que você seja digna de ser rainha.

– Certo – concordou ela com mais de uma pitada de sarcasmo.

– Sabe, você nem sempre precisa esperar pelo pior – advertiu ele, um pouco bravo por ela duvidar de si tão prontamente. – Você não conheceu ninguém legal desde que foi embora da cidade?

Dex notou a negação nos olhos dela, em seguida, e então o olhar migrou para um estado de contemplação. Daí, como Zoe sempre fazia quando ela queria lidar com as coisas, Dex a viu ignorando totalmente a questão.

Olhando em volta, como se tivesse acabado de notar onde estavam, Zoe lentamente foi assumindo uma expressão perversa. De um lado havia uma réplica da Vênus de Milo nua, e à direita havia um enorme vaso de plantas. Pseudoprivacidade.

– É para cá que você traz todas as mulheres com quem sai para poder dar o beijo de boa noite? – perguntou ela, exagerando abertamente no tom provocativo.

– Nossa noite já acabou?

Ela segurou o pulso dele e o virou, de forma que conseguisse visualizar o relógio. Dex percebeu que faltavam 40 minutos para o encontro de Zoe com o mascarado.

– Tenho algumas coisas para fazer – disse ela suavemente, seus olhos agora inspecionando o rosto dele, como se ela pudesse descobrir todos os seus segredos. A espinha de Dex endureceu com tal pensamento.

Então ela ofereceu uma olhadela demorada e lânguida, que fez as entranhas de Dexter se derreterem. Ele deu um passo para trás.

Ela chegou mais perto, tão perto que o cheiro dela o envolveu, feito os dedos de um amante. Dex engoliu em seco. A cabeça foi tomada por um rugido surdo. Ele levou um segundo para perceber que não era seu coração acelerado, mas o

burburinho das pessoas que saíam do jantar. O saguão atrás deles ficou cheio de gente, lembrando-os de que a privacidade era uma piada.

Uau, cara, disse Dex para si. Ele teria uma provinha de Zoe mais tarde. Era só ater-se ao plano. Zoe deu mais um passo adiante, ignorando as vaias e gritos dos babacas do futebol que passavam por trás deles.

Aparentemente Zoe não estava muito atenta ao plano. Nem parecia se importar com o fato de eles terem plateia.

– Odeio estragar esta noite maravilhosa fazendo uma pergunta estúpida – disse Dex, escolhendo as palavras como se escolhesse passos por um campo minado –, mas o que você está fazendo?

– Isso que tivemos não foi um encontro? – perguntou ela num tom rouco.

Dex engoliu em seco. Suas mãos automaticamente encontraram os quadris dela, sob o vestido de seda. O tecido deslizava sobre a pele numa tentação erótica, fazendo-o recordar-se do que havia provado no dia anterior. Do que ele tinha esperanças de provar novamente esta noite.

Se ele não estragasse tudo.

– Não sei se eu definiria como um encontro exatamente – esquivou-se, a vozinha no fundo de sua cabeça perguntando que mal um beijinho haveria de fazer. Não era como se ele só soubesse beijar de um jeito, certo? Ele não estaria se delatando por completo, não é? – Foi mais como dois bons amigos saindo. Dois velhos amigos, jantando juntos e, você sabe, se divertindo.

Zoe abraçou o pescoço de Dex, os dedos se emaranhando no cabelo dele. Ele quase gemeu alto quando eles acariciaram as mechas sensualmente. Estendeu a mão para detê-la, mas só conseguiu segurar os pulsos de Zoe antes de sua força de vontade abandoná-lo.

A BOCA de Zoe estava a centímetros do paraíso. Ela ignorou as vaias e assobios atrás deles. Queria remover as dúvidas e medos de sua mente, e beijar Dex era o jeito perfeito de fazê-lo. A irritação tomou sua barriga. Deixe isto para aqueles idiotas que encontrarem o canto isolado e arruinarem o restante de sua noite com Dex. Ela poderia ter tentado arrastá-lo para algum lugar mais privativo, mas não tinha muito tempo. Ela precisava se apressar se quisesse voltar para o quarto a tempo de uma preparação rápida antes de seu encontro quente. Deu uma risada mental quando percebeu que seu encontro quente era com Dex.

– Gosto de finalizar minha diversão com um beijo divertido – disse ela, tentando fazer com que as palavras soassem suaves e sedutoras. Se a dilatação dos olhos de Dex fosse um indicativo, ela havia sido bem-sucedida em sua empreitada. Zoe diminuiu a distância entre os corpos. Mas não pressionou o corpo dele contra o seu, ela apenas… pairou diante dele. Toda vez que respirava, Dex encostava o peito nos seios cobertos pela seda.

Ele inspirou fundo e prendeu o fôlego, mas ela não tomou aquilo como um insulto, e sim como um triunfo. Principalmente quando ele exibiu um olhar desamparado e soltou os pulsos dela.

– Zoe, isto é loucura.

– Não estou pedindo para você tirar a roupa e me deixar montar em você em pleno saguão – repreendeu ela. – É só um beijinho simples de boa noite.

Afinal de contas, era só disso que ela precisava para provar para si que o cara que ela cutucara com o pé esta noite era o mesmo que havia se deleitado com ela dois dias antes. E de uma forma meio distorcida, ela ia se vingar um pouquinho.

– Depois de um beijo, você pode ser a pessoa a tirar a roupa – alertou ele, as mãos mais uma vez se acomodando nos quadris dela.

Zoe sorriu.

– Até parece.

– Absolutamente – murmurou ele quando cedeu à tentação e baixou a boca para tocar a dela.

Zoe tinha memorizado os beijos dos últimos dias. Seria capaz de fechar os olhos e reproduzir o poder intenso da língua do gostosão mascarado enquanto esta exigia sua entrada no calor úmido de sua boca. Ela conhecia intimamente o jeito como ele movimentava a língua, usando-a para enviar raios de desejo elétrico pelo corpo dela.

Mas o beijo agora não era igual ao outro. Este persuadia em vez de exigir. Os lábios dele roçavam nos dela numa sedução delicada, doce e gentil. Ela separou-se dele, dando um suspiro profundo e romântico. Ele aproveitou a oportunidade para deslizar a língua entre os dentes dela, provocando e tentando-a a jogar. Os joelhos de Zoe bambearam. Um calor doce e melado umedeceu sua calcinha.

Não. Não foi igual, mas foi tão deliciosamente sensual.

Dex se afastou lentamente. Zoe deu um gemidinho de prazer e abriu os olhos.

– Eu tenho de ir – disse ele, dando um passo para trás como se Zoe fosse uma efígie em chamas.

Ele deu meia-volta. Dois passos. Voltou-se para encará-la, e aí deu de ombros

e balançou a cabeça. Então se foi.

Zoe conteve a risada até Dex estar completamente fora de seu campo de audição. Cantarolando uma melodia satisfeita, ela saiu saltitando até o elevador, rumo ao quarto. Funcionara direitinho. Ela sorriu para si e estremeceu, um calafrio de prazer sensual. O olhar atordoado e um pouco apavorado de Dex tinha mais do que compensando por ele ter escondido sua identidade dela.

Entrando no elevador, ela tentou conciliar o beijo recente e o do gostosão mascarado. As técnicas definitivamente eram diferentes. O gostosão mascarado era todo investida e defesa. Quente, perigoso, sexualmente exigente. O beijo de Dex estava mais para uma sedução doce. Delicado, suave, mas com uma tendência à loucura sensual que seria um prazer incitar para conferir em ação.

Mas, independentemente do quanto ele tivesse tentado disfarçar, Zoe sabia que os dois pares de lábios sedutores pertenciam a Dex.

Ela sabia que deveria estar muito brava com ele. Até tentou estar, por dez minutos inteiros depois que ela se tocara que ele era o gostosão mascarado.

Mas daí ela se lembrou da luta naqueles lindos olhos. A expressão preocupada e hesitante sempre que eles se aproximavam. Se ele realmente era o amante mascarado, quaisquer que fossem suas razões para se esconder, Zoe tinha certeza de que ele não ia sacaneá-la. Não Dex. Ele era a única pessoa, além de seu irmão, na qual ela confiava inteiramente.

Então, em vez causar-lhe angústia, ela brincara com ele um pouco. Deus, tinha sido bom também. Que ficasse a cargo de Dex arranjar uma técnica de pegação alternativa para mantê-la em dúvida sobre a identidade dele.

A qual parecia tão calculada.

Zoe suspirou e disse a si para simplesmente confiar pela primeira vez. Confiar em seus instintos. Confiar nas próprias necessidades e desejos.

Ela destravou a porta e entrou no quarto.

E se ela estivesse sendo um pouco tendenciosa em sua argumentação, bem, que fosse. Afinal de contas, ela estava prestes a passar as próximas 12 horas fazendo o melhor sexo de sua vida.

DE OLHOS vendados, Zoe segurou a mão quente de um homem e permitiu que ele a conduzisse por um corredor estreito. Ela estava altamente esperançosa de que a passagem fosse deserta, muito embora fotos dela usando uma bandana sobre os olhos provavelmente fossem favorecer a anulação daquela indicação besta para

rainha do baile. Como os outros sentidos estavam amplificados pela ausência de visão, ela ouviu passos no carpete, dela e de seu sedutor, e então o clique de uma tranca assim que ele abriu a porta.

A pulsação dela acelerou, mas se era de nervosismo ou expectativa, não sabia dizer. Que jeito de dar início a uma extravagância sexual. Com uma venda nos olhos e uma bolsa preta de couro cheia jogada num ombro.

– Você trouxe o traje? – confirmou a voz do gostosão mascarado assim que ele a guiou para dentro do quarto. Mesmo através da bandana, Zoe sabia dizer que estava num quarto escuro como breu. Como ele estava conseguindo enxergar? Mas aí, quando girou o corpo, notou um leve feixe de luz vindo de um cantinho.

– O traje e o chicote de montaria – confirmou ela. – Mas devo avisar que não sei se sou boa em dar palmadas.

– Pode ser que eu seja – brincou ele.

Foi este tom, a risada leve e reluzente sob as palavras que finalmente a conquistaram. Sim, o gostosão mascarado era seu Dex. O último nó de tensão no estômago de Zoe desapareceu. Ela conheceria as motivações dele mais tarde. Por ora, saber que ela ia fazer um sexo louco e maravilhoso com ele já era o suficiente.

Os nós minúsculos de tensão que Zoe nem percebera estar sustentando se esvaíram de seus ombros diante de tal noção. Segurança. Por mais quente que o sexo anônimo com os olhos vendados provavelmente fosse, só de saber que ela estaria fazendo isso com alguém em quem confiava já facilitava muito as coisas. Muito melhor. As borboletas no estômago de Zoe foram de um bater de asas tenso a uma dança leve e empolgada com a expectativa.

– Vou ter de espancar você? – brincou ela de volta.

– Só se eu não te deixar totalmente satisfeita.

Nada de palmadas na ordem do dia, então.

– O que vamos fazer primeiro? – quis saber Zoe. Ela percebeu que estava conversando para fazer algum barulho. A cegueira acrescentava uma dimensão perversamente letal àquele pequeno encontro.

Ela sentiu a mão dele, sentiu o calor daquele corpo antes mesmo de ele estender a mão para ela. O corpo inteirinho de Zoe vibrou quando Dex tirou a bolsa do ombro dela. Ela ouviu o baque surdo quando o material bateu em alguma coisa. Uma cadeira, pensou. Boa ideia; por que amontoar coisas na cama quando seus corpos iam precisar dela para rolar para lá e para cá.

O ar mudou entre eles quando Dex se movimentou de novo, alinhando o

corpo ao de Zoe. Confiando em seus instintos, Zoe esticou o braço, pressionando o peito rijo dele com a palma. O ritmo cardíaco de Dex firme e forte sob seus dedos.

Ela estendeu a outra mão, trilhando cegamente pela lateral do pescoço dele, passeando sobre os planos esculpidos da mandíbula até encontrar a boca. Ela passou o dedo indicador sobre a plenitude do lábio inferior. Sentiu o coração de Dex acelerar sob a palma da outra mão quando deslizou um dedo para dentro da boca dele. Ele sugou, daí mordiscou delicadamente. Zoe ficou sem ar. Um calor úmido escorreu de seu dedo até seu âmago, fazendo-a se contorcer.

Ele fechou a mão sobre a dela, achatando os dedos para poder pressionar um beijo molhado no centro da palma. Ao mesmo tempo, uma das mãos pousou entre as pernas dela, imitando a pressão de seu beijo cálido. Zoe engasgou, seus dedos cravando no peitoral dele, sovando feito um gato satisfeito.

Ele soltou a mão dela. Zoe a colocou no peito, junto à outra, deslizando para baixo pelos músculos rijos, a barriga tanquinho na qual ela mal podia esperar para deitar o rosto, e descendo ainda mais, arrancando a barra da camisa de dentro da calça. Ela enterrou as mãos sob o tecido macio, sentindo o calor de sua pele. Aí usou os dedos para traçar o percurso do cós da calça jeans, deslizando-os entre o tecido e a barriga tépida.

Totalmente em sintonia com o corpo dele, ela podia sentir a pressão da ereção contra o tecido, apertando-a entre os dedos. Zoe levou uma das mãos mais além, usando a pontinha da unha para arranhar a ponta do membro por cima do algodão macio da cueca boxer.

O gemido de Dex preencheu os ouvidos dela como uma sinfonia, trazendo alegria e satisfação emocional profundas. Sim, ele havia prometido a ela duas dezenas de orgasmos, mas Zoe gostaria de oferecer o mesmo a ele. Não para vencer o jogo, mas porque gostaria que ele obtivesse o máximo possível de prazer.

Tanto quanto ele oferecia a ela. Aquele desejo profundo de colocar as necessidades dele à frente das dela a atingiu feito uma onda. O coração de Zoe falhou. Não numa reação sexual, embora seu corpo estivesse abundantemente agitado, mas pela primeira vez em sua vida, devido a uma conexão emocional.

Impaciente agora, ela retirou as mãos da calça dele e, tateando até seu objetivo, arrancou o cinto. Antes que Zoe pudesse descobrir onde abria o quê, a mão de Dex cobriu a dela.

– Espere – ordenou ele.

– Agora – exigiu ela.

– Nua.

Zoe soltou o cinto de couro e estendeu a mão para os botões na parte da frente do vestido estilo baby-doll, o qual ela havia colocado depois do banho.

– Deixe-me fazer isto – falou ele, as mãos acalmando os dedos novamente. Com as mãos na cintura de Zoe, Dex a incitou a recuar. A parte de trás das coxas dela bateu no colchão com mais força do que o normal. Obedecendo ao comando silencioso, Zoe sentou-se.

Ela passou a língua nos lábios, a boca seca de repente devido à tensão. O jogo não parecia mais fácil. Ah, ela ainda sentia como se fosse vencer. Mas as apostas tinham acabado de ser feitas. Seu coraçãozinho lhe dizia que elas poderiam estar fora de seu alcance, que a vitória poderia lhe custar mais do que ela estivera disposta a apostar.

Dex roçou as costas dos dedos nas laterais dos seios dela enquanto desabotoava o vestido. Zoe aguardou por uma carícia, mas não veio nenhuma. Quando chegou ao último botão, ele afastou o tecido sedoso dos ombros com delicadeza. Ela encolheu a barriga. Por que era tão mais intimidador ser observada seminua quando você não podia ver a expressão da pessoa?, questionava ela. Zoe ouviu Dex tomar fôlego.

Uma rajada suave de ar precedeu a chegada dos lábios quando ele começou a deixar um pequeno rastro de beijos ao longo dos seios, destacados em toda sua plenitude sob o sutiã preto rendado favorito dela.

Os mamilos se contraíram de encontro à renda áspera de repente, o desejo deixando-os doloridos. Ele desabotoou o gancho dianteiro com um gesto sutil, revelando os montes intumescidos em movimentos delicados, quase reverentes.

Zoe arqueou as costas. Porém, Dex ignorou o apelo silencioso. Em vez disso, ele colocou as mãos nos quadris dela, instando-a a se levantar. Zoe ficou de pé, as pernas ainda encostando na cama. Ela sentiu a cama ceder e percebeu que Dex havia subido no colchão, atrás dela.

Ele emaranhou os dedos no cabelo de Zoe, fazendo um montinho na nuca e afastando os fios para o lado.

Primeiro ela sentiu o hálito dele.

O calor úmido a fez estremecer, apesar de seu calor. O coração de Zoe falhou duas batidas quando a outra mão de Dex lhe acariciou o braço, sempre tão suavemente. Enquanto os dedos seguiam pelo dorso da mão e depois até a pele sensível na parte interna do braço, ele lhe deixava beijos gentis e provocantes

pela nuca, descendo então coluna abaixo e pousando entre as omoplatas. Ele segurou a cintura dela usando as duas mãos, daí as deslizou para lhe abarcar os seios. Os dedos fizeram um desenho torturante e delicado ao redor dos mamilos. Sem pressão, apenas uma espécie de provocação sutil que a fez querer gritar.

Zoe travou os joelhos para impedir que as pernas desabassem.

Dex mudou de posição, as mãos deslizando pelas laterais do corpo dela numa dança delicada enquanto a boca descia pela espinha. Os lábios chegaram ao cóccix ao mesmo tempo que Dex pousou suas palmas nos ossos pélvicos de Zoe. As pontas de seus dedos tocaram os cachos que abrigavam o núcleo dolorido e úmido.

De olhos vendados, os sentidos de Zoe estavam em total sintonia com os dedos de Dex, com o calor da boca que agora beijava a curvatura sensível de suas costas. Ela sentia o hálito dele, a pressão doce dos dedos à medida que eles deslizavam lentamente pelos cachos sedosos entre as pernas. Zoe choramingou um gritinho de prazer quando os dedos pressionaram o botão inchado e molhado entre as coxas.

Antes que ela pudesse fazer mais do que estremecer de prazer, porém, ele mudou de posição. Assustada, ela engasgou quando ele a abraçou, fazendo-a perder o equilíbrio, já que não conseguia enxergar. As costas de Zoe pousaram no colchão com um leve solavanco, as coxas se abrindo automaticamente para acolher o peso de Dex assim que ele pousou o joelho entre elas.

Em vez de uma provocação suave, os dedos beliscaram e torturaram os mamilos túrgidos. Zoe afundou os dedos no cabelo espesso de Dex, usando os fios macios para guiar a cabeça dele até a dela. Sentindo o hálito dele em seu rosto, ela levantou a cabeça e instintivamente encontrou a boca.

As línguas se embolaram numa dança selvagem. As mãos de Dex abandonaram os seios. Pelo farfalhar de tecido e os golpes suaves contra o chão acarpetado, Zoe percebeu que ele estava tirando a roupa. Ela soltou o cabelo dele para poder explorar a rigidez deliciosa daquele peito másculo. Daí foi descendo as mãos e, com um leve grunhido de satisfação, descobriu que ele havia tirado a calça.

Antes que ela pudesse se refestelar naquela iguaria desnuda que seus dedos estavam buscando, Dex mudou de posição de novo. Zoe prendeu a respiração, esperando para sentir para onde ele iria, o que faria em seguida. A boca se juntou às mãos deles nos seios, a língua rodopiando, então mordiscando. Zoe arqueou as costas, o prazer explodindo pelo seu corpo, como uma onda de energia.

Ela ergueu os quadris, as coxas roçando nas pernas grossas e musculosas de Dex. A excitação espiralava na barriga dela, contraindo suas dobras úmidas de tanto desejo. Ela envolveu a cintura dele com as pernas, instando-o a chegar mais perto, ondulando contra seu corpo em súplica.

As mãos dele envolveram os seios, juntando-os; os dentes rasparam sobre os mamilos. Um, depois o outro, depois o primeiro outra vez. Ele a estava deixando louca.

Com a respiração já ofegante, Zoe agarrou os bíceps de Dex, o tato dos músculos fortes e duros excitando-a tanto quanto aqueles lábios talentosos.

– Eu preciso… – As palavras foram abafadas pela boca dele. Como se estivesse lendo a mente de Zoe, ele mudou a posição mais uma vez. Ela sentiu a cama perto de seu ombro quando Dex pousou a mão ali em busca de equilíbrio. Com os pés ancorados ao cóccix dele, Zoe o sentiu recuar. Houve um farfalhar de embalagem. Camisinha? A escuridão completa acrescentava todo um surrealismo sensual, fazendo-a sentir como se tudo aquilo fosse um sonho erótico maravilhoso.

Zoe sentiu o colchão tocar o outro lado de seu ombro. Daí sentiu o corpo de Dex retesar sob suas mãos, suas panturrilhas, e então ele a possuiu. Um impulso forte e breve e Zoe viu estrelas contra a venda preta.

Ela encontrou cada investida com um requebrar dos quadris, suas paredes internas agarrando o comprimento grosso de Dex enquanto ele a guiava em uma dança selvagem de prazer.

Pela primeira vez Zoe estava submersa em sensações. Ela não sabia dizer se era o aspecto excêntrico da venda ou a confiança que aquilo exigia, mas não conseguiu se conter. Todo o seu ser se rendeu ao poder intenso do prazer sexual.

O rosto de Dex brilhou em sua mente, preenchendo a imaginação. Os olhos cor de água-marinha, o sorriso peculiar foram o suficiente para levá-la ao limite.

Gritinhos arfantes de satisfação ressoaram quando o corpo dela enrijeceu. Contraída e desejosa, ela voou para a escuridão, o corpo estremecendo em êxtase.

Como se Dex estivesse aguardando por ela, Zoe sentiu seus gritos estimularem o orgasmo dele. Sentiu a pulsação dele dentro de si, o corpo enrijecendo. Mais uma investida, outra, e ele rosnou baixinho quando explodiu. O som, a sensação de saber que Dex chegara ao clímax, fez Zoe ir aos seus limites novamente.

Ela miou, ondas minúsculas de lavagem de êxtase invadindo seu corpo, carregando-a de uma satisfação intensa para um contentamento doce, suave. Lentamente, como se estivesse flutuando de uma nuvem, Zoe pousou. Com um

suspiro feliz, aconchegou-se mais perto do homem que tinha acabado de apresentá-la ao paraíso.

– Dois já foram – murmurou ele de encontro ao cabelo dela enquanto a abraçava com ternura.

Capítulo 11

DEX ACORDOU sobressaltado. Levou dois segundos para se orientar. Havia tirado os relógios do quarto mais cedo, mas não achava que tivesse dormido por muito tempo. Talvez 15 minutos, meia hora no máximo. Mesmo assim, ele estava irritado. Não queria perder um único segundo e muito menos meia hora de seu tempo com Zoe. Ele tinha um plano para esta noite. Surpreendê-la com o melhor sexo da vida dela, então, quando ela estivesse muito esgotada para brigar com ele, revelar sua verdadeira identidade.

Por um segundo, ele fitou a escuridão do quarto e se perguntou se aquilo era apenas mais um sonho. Ele tinha tido tantos com Zoe ao longo dos anos. Mas agora sentia o hálito dela em seu ombro, o coraçãozinho batendo suavemente contra seu peito. O tecido da seda da venda que ele removera no momento em que eles se aninharam e ela pousou no ombro dele.

E, ele percebeu quando flexionou a perna, estava com uma cãibra na panturrilha devido à tentativa de mantê-los num ângulo distante da luz fraca que brilhava sob a porta do banheiro.

– Hum.

O murmúrio de satisfação de Zoe mais do que assegurou a Dex de que era tudo tão real quanto o restante do ambiente. Ele sorriu, desabando a cabeça no travesseiro enquanto dava um berro silencioso de comemoração.

– Mais? – sussurrou ele, a mão pelo cóccix dela e então pela doçura arredondada do quadril.

– Definitivamente – respondeu ela baixinho. De repente, ela empurrou o peito dele. Surpreso, Dex caiu de lado. Aproveitando-se do recuo dele, Zoe se

contorceu debaixo dele e com destreza surpreendente para uma mulher que se movimentava num quarto escuro como breu, montou nos quadris dele.

Ela espalmou as mãos no peito dele e, pressionando-o contra o colchão, deu uma risadinha. Dex sorriu na escuridão quando os movimentos sedutores de Zoe despertaram sua libido sonolenta.

– Desta vez, eu estou no comando – disse ela quando passou as unhas no peito forte delicadamente. Dex ficou sem fôlego quando Zoe deslizou e roçou nos mamilos. Ele agarrou os quadris dela, baixando-os alguns centímetros para que os cachos úmidos encostassem em sua ereção latente.

Zoe ronronou, em seguida pousou as mãos nas laterais da cabeça de Dex. Ele sentiu a pressão do colchão pouco antes de sua boca encontrar a de Zoe. Línguas deslizaram em uma dança pecaminosa, retorcendo-se sinuosamente. Zoe assumiu o comando. Aquela boca o enlouquecia ao mesmo tempo que ela iniciava um movimento ondulante, requebrando os quadris no sentido horário num tormento sobre o membro rijo e os seios em sentido anti-horário num êxtase sobre o peito.

Dex gemeu colado aos lábios dela. Tomando isto como um sinal, Zoe se afastou, usando seu corpo para acariciar o dele enquanto fazia pressão para baixo. O fôlego de Dex ficou preso em algum lugar entre o peito e a garganta quando Zoe foi descendo pelo corpo dele.

Os mamilos duros desenharam uma trilha quente da barriga até as coxas dele.

Ao estilo típico de Zoe, ela não enrolava, e sim ia diretamente ao ponto do jogo. Ela envolveu a base do pênis, deslizando para cima e para baixo de forma tão natural e sedutora que Dex sentiu como se ela estivesse lendo a mente dele. Ou o tivesse observado no prazer solitário, pois ela sabia fazer exatamente como ele gostava. Tal ideia mandou mais uma onda de desejo diretamente para o meio das pernas dele. Ela gemeu em aprovação quando o membro reagiu proporcionalmente.

Traquina, provocadora, Zoe correu a pontinha da língua sobre a glande rígida. Dex gemeu.

Em seguida, ela o levou à boca e sugou. Brincando com o corpo dele como se fosse um instrumento e ela uma virtuose, Zoe usou a língua e os lábios para mandá-lo diretamente para a órbita.

A boca fazia sua doce sedução, deslizando para cima e para baixo, sugando com intensidade enquanto ele agarrava o cobertor numa tentativa de evitar explodir. Céus. A boca de Zoe era a coisa mais incrível do mundo. Dex ofegou,

quase aliviado quando ela se afastou para passar a língua, só a pontinha, na glande úmida e latejante.

E aí sugou de novo. Só a extremidade. Dex engasgou. O mundo girou uma vez, e então duas. Daí ele agarrou aquele pedacinho ínfimo de controle que ainda estava em seu alcance. Soltando o cobertor, ele pressionou os ombros de Zoe usando as duas mãos.

– Pare – implorou.

– Goze – desafiou ela, o hálito provocando a glande dolorida.

Dex riu. Mesmo agora, com a boca pairando sob a ponta latejante de seu membro, ainda era capaz de fazê-lo rir. Por acaso era alguma surpresa que ele amasse aquela mulher?

– Vou chegar lá – prometeu ele. – Mas quero entrar em você.

Dex agarrou os ombros de Zoe, puxando-os para si. Ela resistiu no início, daí, dando um beijo molhado na ereção, ela obedeceu ao pedido tácito e se levantou. Torturando-o, foi mordiscando o corpo dele até chegar perto da boca.

– Desmancha-prazeres – murmurou ela assim que se aninhou contra o peito dele para um abraço.

– Ei, é você quem está com o mandato para receber 24 orgasmos – protesto ele assim que terminou de recitar mentalmente as capitais de todos os estados a fim de tentar controlar sua libido. – Você enfraqueceu logo no início e pode ser que a gente termine mais cedo.

Zoe deu uma risadinha. Dex sentiu a cabeça dela sacudindo, o cabelo um cobertor sedoso e despenteando espalhado no ombro dele.

– Eu estava brincando a respeito disso.

– Eu não estava. Isso para mim é um desafio.

– Você gosta de desafios? – perguntou em voz baixa.

A escuridão total do quarto acrescentou uma camada extra de intimidade às palavras. Os sussurros, a sensação de que eles eram as duas únicas pessoas no mundo, mais a sensação de vulnerabilidade emocional vivida por Dex.

E a sensação de que valia tudo.

Com isso em mente, Dex imaginou que era o momento perfeito para convencer Zoe a bancar sua fantasia.

Deslocando-se na cama, Dex infalivelmente encontrou a gaveta do criado-mudo naquela escuridão. Ele a abriu e pegou as guloseimas que escondia ali.

– Brinquedos? – perguntou ela. Ele notou que ela soara provocativa, não nauseada. Algo para se manter em mente no futuro.

– Uma coisa que achei que ia combinar com sua roupa de dominatrix.

– Hum, você percebe que era só uma fantasia, certo? E uma fantasia bem equivocada? Eu realmente não sou fã de… – A voz dela sumiu quando ele colocou as tiras de couro em suas mãos. – Ai, meu Deus.

– O couro é macio – informou Dex a ela, correndo os dedos pela tira maleável que parecia um cinto. – Vai ficar nos seus pulsos e na cabeceira da cama.

– Por que não nos seus pulsos? – brincou ela.

A ideia de estar completamente à mercê de Zoe, com o corpo espalhado na cama diante dela para que ela fizesse o que desejasse, fez Dex soltar um gemido.

– Da próxima vez – prometeu ele, reverentemente esperançoso de que haveria mais uma noite para usar aquelas tiras de couro.

Incapaz de enxergar no escuro, ele passou a mão pelo braço de Zoe até encontrar a mão dela novamente. Pegou uma das tiras e, posicionando-se de modo que ficasse inclinado diante dela, a prendeu na cabeceira da cama.

Em seguida, pegou a mão de Zoe.

Dex percebeu que ela respirou fundo, o corpo enrijecendo.

– Eu quero ver você – disse ele a ela, seus dedos riscando um desenho suave no pulso. – Quero te enlouquecer de todas as maneiras que conheço. E quero controle total. Quero fazer coisas ao seu corpo, te tocar, te provar e te fazer gritar de prazer.

Ele sentiu o calafrio excitado dela.

– Vou colocar a venda de novo. – ofereceu ela. – Só não estou muito segura com as tiras nos pulsos.

– Você confia em mim? – perguntou ele, baixinho.

Longos segundos se passaram. Um filete de suor percorreu a espinha de Dex. O coração congelou enquanto aguardava pela resposta.

Finalmente:

– Sim – sussurrou ela.

O coração de Dex se foi. Não era mais dele, então ele despediu-se dele, mesmo sabendo que havia pouca ou nenhuma chance de ela lhe dar seu coração em troca. Não importava, percebeu ele. Ele a amava desde que eram crianças. E agora poderia demonstrar o quanto.

Sem resistência, Zoe ergueu a mão e, encontrando a dele, a deitou na tira de couro. A respiração de Dex estremeceu, o corpo contraiu.

– Pode se levantar? – pediu ele.

– Você está cheio de exigências, não é? – Ela deu uma risada impotente, o

movimento fazendo os seios roçarem deliciosamente no peito forte. Incapaz de evitar, Dex tomou um mamilo na boca, sugando o bico.

A mão livre de Zoe se enfiou no cabelo dele, segurando sua cabeça ali enquanto ela arqueava as costas para incitar o peito ainda mais na boca dele. Dex roçou os dentes na ponta inchada, fazendo-a ofegar e então gemer seu deleite.

Ele ficou beijando o seio, deleitando-se com a reação deliciosa. Finalmente, ele necessitava de mais.

– Preciso que você levante – murmurou ele antes de a língua desenhar círculos mais restritos ao redor da aréola.

– Está não é a minha fala?

– Querida, perto de você, estou sempre de pé – defendeu-se, apertando o membro com a mão livre como prova.

– Hum, muito bom – parabenizou ela com um aperto de aprovação.

Ele sorriu, em seguida mudou de posição, postando-se ao lado da cama, porém ainda segurando a mão de Zoe. Ela apertou os dedos dele levemente antes de soltá-los. Em seguida Dex ouviu Zoe se remexer sobre a colcha e o baque suave dos pés descalços no carpete; a pele sedosa roçou no corpo de Dex no momento em que Zoe se juntou a ele.

– Sem palmadas – avisou ela com uma risada sem fôlego.

Dex sorriu. Então a virou de modo que ela ficasse de frente para a cabeceira da cama e prendeu o outro pulso de Zoe. Ele deslizou os pulsos dela até o entalhe pouco abaixo da protuberância que arrematava a cabeceira, ancorando-os ali, um pouco acima da altura dos ombros.

– Tudo bem? – perguntou ele.

– Hum – murmurou ela. Dex percebia que Zoe não estava muito segura, mas que estava disposta a dar uma chance a ele.

Era só disso que ele precisava.

Desde que tinha 16 anos e adotara a tatuagem de asas de anjo entre as omoplatas, Dex fantasiara com um momento como aquele. Ele não conseguia ver a tatuagem no escuro, mas sua mente era capaz de rastreá-la perfeitamente.

Primeiro, ele deu um beijo no pescoço de Zoe, exatamente na junção com o ombro. Então se pôs de joelhos atrás dela, correndo as mãos ao longo da pele de cetim das coxas. Daí a reacomodou só um tiquinho, para que Zoe abrisse bem as pernas.

Ele beijou a pele macia e vulnerável atrás dos joelhos, em seguida foi subindo até chegar nas coxas. Podia senti-la vacilar, as pernas tremendo quando ele

pressionou o dedo entre as coxas e contornou os lábios inchados e úmidos.

Ele pinçou o clitóris, fazendo-a estremecer e suspirar. Em seguida, deslizou um dedo dentro dela, girando-o no ritmo do leve requebrar dos quadris.

O cheiro de Zoe tomou conta dele, engolfando-o. Dex nunca desejara outra coisa na vida, outra mulher, do jeito que desejava Zoe.

Ele deu um beijo de boca entreaberta no cóccix dela, subindo lentamente pela espinha até chegar ao ponto onde sabia que as asas de anjo estavam. Uma das mãos a acariciava; a outra se ocupou em sopesar um seio, mas pesado agora porque Zoe estava ligeiramente inclinada para a frente. Ele segurou, apertou. Ela murmurou em aprovação.

Daí ela tentou acabar com ele ao pressionar os quadris contra o membro duro. Dex gemeu, desvencilhando-se de Zoe brevemente para pegar um preservativo na mesinha e vesti-lo. Ele retornou, usando as duas mãos para tocar os mamilos a um passo da febre, fazendo da respiração dela sua deixa para agir.

Quando as pequenas arfadas viraram arquejos sôfregos, Dex fez seu movimento.

Primeiro colocou só a pontinha do pênis dentro dela, e aí foi deslizando para fora. Provocou o clitóris. Pressionou novamente.

Zoe gemeu, os quadris rebolando em súplica.

– Agora – choramingou ela.

– Ainda não – alertou ele, os olhos fechados enquanto a provocava mais uma vez. Ele podia sentir o orgasmo crescendo dentro de si. A imagem de como eles deviam estar ali no quarto tomou sua mente. Ele visualizava-se em pé atrás dela, Zoe com os braços amarrados na cabeceira e a tatuagem delicada nitidamente esboçada nas lindas costas. Em sua lembrança ele enxergava a curvatura da espinha, o volume doce das nádegas. E o próprio corpo, posicionado em cima dela enquanto Zoe implorava por ele.

– Por favor – murmurou ela.

Aquela palavra suave, o tom ofegante, destruíram o controle de Dex. Com um gemido gutural, ele penetrou a carne lisa e molhada. Daí estabeleceu um ritmo lento, medido, crescente, amplificando as sensações. Apesar da escuridão do ambiente, ele fechou os olhos, deixando os sentimentos o guiarem para além.

Zoe encontrava cada estocada com uma investida de quadril, incentivando-o a fazer com mais força, a ir mais fundo.

O ritmo se intensificou. Dentro, fora. Mais depressa.

Ele estava tão perto de chegar lá.

Uma das mãos de Dex ainda manipulava os mamilos, beliscando e torcendo a carne túrgida; a outra estava entre as pernas, sobre o clitóris úmido.

Ele delineava a carne inchada no mesmo ritmo de seus impulsos. A respiração de Zoe acelerava cada vez mais e ela se contorcia e se revirava, tentando encontrar alívio, mas incapaz de mover as mãos por causa das tiras de couro.

– Aimeudeus, aimeudeus, aimeudeus – ofegava, as palavras saindo num arquejo, cada vez mais altas, mais agudas enquanto ela arqueava as costas. Ela o esmagou com as pernas, apertando as coxas e mantendo-o seu prisioneiro enquanto ondulava os quadris num ritmo mais veloz, mais urgente.

Dex acelerou o ritmo também. Incapaz de continuar com a preliminar, ele deslizou a mão que estava entre as pernas de Zoe e a pousou no cóccix dela. Ela só precisou daquilo. Curvou-se um pouco mais. Dex agarrou os quadris macios, segurando firmemente enquanto bombeava rumo ao paraíso.

Uma estocada, depois duas. Os arquejos de Zoe se transformaram em gritos de prazer. Ela contraiu o corpo, os músculos internos convulsionando. Foi o suficiente para levar Dex ao limite.

O mundo explodiu em um prisma colorido de estrelas por trás dos olhos de Dex. Ele pensou ter gritado, mas não teve certeza, já que todo seu ser estava fundido em um abismo latejante de prazer. Ofegante, ele lutava para estabilizar a respiração.

Zoe se reposicionou, aprumando o corpo quando encostou na cabeceira da cama e arfou. Dex obrigou seus joelhos a não cederem. Daí emparelhou o corpo ao de Zoe, pousando a cabeça nas costas dela.

Ele soltou os quadris delicados e passou as mãos pelo corpo úmido, trêmulo dela. Em um tom parte triunfante, parte ofegante, ele declarou:

– Agora foram cinco.

– NEM CHEGAMOS a usar minha roupa de couro. – murmurou Zoe duas horas depois, enquanto se aninhava nos braços de Dex. A voz estava fraca devido à fadiga e o corpo formigava de prazer exausto. Eles chegaram a fazer amor mais duas vezes, uma vez no chuveiro e depois no chão, ao sair do banho. Maldito couro, Zoe não se achava capaz de mais uma rodada nem se ele tivesse prometido um orgasmo quádruplo com cobertura de chocolate.

Ela notou indícios de luz tentando espiar pelas cortinas pesadas e percebeu que devia estar amanhecendo. Tinham feito amor cinco vezes, e ao passo que ele

não conseguira lhe dar duas dezenas de orgasmos, não tinha sido por falta de tentativa.

– Acho que você me dominou muito bem sem ela – brincou ele, a voz rouca de exaustão. Uma das mãos dele embalava o quadril de Zoe, segurando-a no lugar, enquanto a outra delineava círculos lentos e sonolentos no cóccix.

Zoe sorriu colada ao ombro dele, seu orgulho reluzindo com uma pitada de triunfo. Viva, tinha conseguido dar uma canseira no gostosão mascarado.

– Dex? – murmurou ela.

– Sim, querida?

Ela aguardou. Então contou 13 segundos antes de ele ficar duro feito concreto, todas as provas de esgotamento se evaporando. A mão dele congelou. A respiração também. E aí ele soltou um palavrão.

– Há quanto tempo? – perguntou ele finalmente no mesmo tom que um sujeito no corredor da morte usaria para perguntar sua data de execução.

– Desde o dia na casa da árvore.

Ele foi ágil. Com um gemido, percebeu:

– Meu celular?

– Isso.

O silêncio era eletrizante. Ela quase podia ouvir as engrenagens do cérebro de Dex girando, perguntas e defesas se alinhando e realinhando.

– Você está brava comigo?

Zoe teve de sorrir. Ia deixar que Dex chegasse à conclusão. Sem pretextos, sem besteiras. Só a avaliação dos danos imediatos. Ela pensou na pergunta. Pensou mesmo, tentando arrancar seu cérebro da névoa sexual na qual ele estivera envolvido desde aquela noite no jardim.

Brava? Não. Confusa? Um pouco. Ansiosa para ver o que aquilo causaria ao relacionamento e onde as coisas iam dar? Inquestionavelmente.

– Estou aqui, não estou? – respondeu ela finalmente. – Por acaso eu parecia brava quando fiz sexo oral em você?

Ela sentiu a risada dele, mais do que ouviu. Um movimento acelerado do peito, um sopro em seu cabelo.

– Bem, você não usou os dentes, então acho que não estava brava.

E isto teria de bastar por ora. Porque, por mais que gostasse de debater os prós e contras de tudo, o corpo e o cérebro de Zoe estavam completamente exauridos.

Com um meio-sorriso cansado, Zoe se aconchegou mais nos braços de Dex e esperou.

Aparentemente compreendendo que ela realmente não estava com raiva, Dex soltou um suspiro tão fundo que bagunçou o cabelo de Zoe. Em seguida, apertou o abraço ao redor dela.

– Eu não estava sacaneando você – disse Dex em voz baixa. Dava para notar o arrependimento, a preocupação no tom dele. E conhecendo-o como conhecia, Zoe sabia que ele estava sendo honesto. – Eu só estava com medo.

Com medo? O coração de Zoe, que agora já era dele, deu um pequeno suspiro. Talvez ela estivesse se justificando. Talvez estivesse com morte cerebral depois de chafurdar no melhor sexo de sua vida. Fosse o que fosse, ela queria acreditar nele. Afinal, como poderia estar com raiva de um sujeito que se submetera a tantos extremos para estar com ela? Nunca ninguém a desejara como Dex. E ela nunca desejara ninguém como o desejava. Ele era o protagonista das suas fantasias. O único a realizar todos os seus sonhos sexuais; era simplesmente perfeito.

Mas, ainda assim, a insegurança a obrigou a perguntar:

– Do que você tinha medo?

Ele hesitou.

– Eu estava preocupado com a possibilidade de estragar nossa amizade – explicou ele finalmente, baixinho, num tom que informava o quanto era difícil admitir aquilo. – Estragar as lembranças do que tivemos, ou pior, não ser capaz de competir com suas lembranças antigas a meu respeito, do amigo nerd bobão.

Zoe não conseguiu evitar uma gargalhada.

– Mas eu também era uma nerd bobona – lembrou ela.

– Você era linda. Sexy, única, segura de si – protestou ele.

O choque a deixou sem palavras. Ele realmente a enxergava desta forma? Zoe deu um suspiro muito sutil e balançou a cabeça.

– Depois – ele continuou a confissão – fiquei realmente preocupado com a possibilidade de você ficar chateada. De você achar que eu estava tentando sacaneá-la quando usei a fantasia e não revelei quem eu realmente era. Ou que uma vez que soubesse, você… bem, me rejeitaria.

– Por que eu iria rejeitar você? – questionou ela, tentando conciliar em sua mente que aquele sujeito tão forte e tão sensual poderia ter inseguranças assim que nem ela.

Mesmo quando fez a pergunta, um lado dela, aquela vozinha desconfiada no fundinho da cabeça, alertava que havia mais além daquilo. Tinha de haver. A voz zombava dizendo que nenhum sujeito ia se preocupar tanto em ser rejeitado por

ela. Mas, pela primeira vez, Zoe não deu ouvidos às dúvidas. Ela confiava em Dex.

Ainda assim, ela levantou a cabeça do peito dele e o fitou na escuridão. Não dava para nada, mas aquilo a fez sentir-se mais forte, assim como a escuridão facilitou a confissão:

– Eu entendo isso. Rejeição é uma droga. Também sinto como se tivesse passado a vida toda fugindo dela. Primeiro fugindo para não lidar com ela. E depois, mais tarde, para impedir que a rejeição em si acontecesse.

Ela fez uma pausa, daí expôs o coração de um modo que a apavorou e alegrou:

– Exceto com você. Eu confio em você, Dexter.

– E nunca mais vou te dar outro motivo pra não confiar – garantiu ele, fazendo-a sorrir de satisfação ao receber um beijo no cabelo. Ele simplesmente era tão doce.

– Ótimo – murmurou ela quando a exaustão finalmente a dominou. – Está tudo bem entre a gente. Contanto que você não minta para mim mais, é claro. Nunca confiei em ninguém como confio em você. Se você me disser que não existem mais segredos, não preciso de mais nada.

Os braços de Dex enrijeceram de encontro às costas dela. Ele grunhiu baixinho. Mas Zoe caiu no sono antes que sua mente pudesse registrar o desconforto dele.

Capítulo 12

SEM LIGAR para o fato de estar no saguão do hotel, Zoe encolheu os pés debaixo dos quadris e se acomodou nas almofadas do sofá confortável no cantinho. Seu corpo ainda estava quente e relaxado devido ao festival de prazer de uma noite inteira. Mas ela queria que sua mente estivesse um pouco menos nebulosa. Se estivesse pensando direito, ela teria deixado as ligações caírem na caixa postal em vez de atendê-las de manhã cedo.

Mas ela atendera, então ali estava ela. Era bom que a notícia que Brad Young tinha para ela fosse importante mesmo; ele a considerara tão vital que perturbara Zoe para encontrá-lo ali logo depois do almoço. Não que ela fosse ter muitas condições de julgar, pensou Zoe com um suspiro. Ela estava funcionando muito mal depois de cerca de três horas de sono.

Ela tamborilava os dedos na beirada da mesinha num ritmo impaciente. Remexeu-se um pouco na cadeira e deu um gemido de prazer quando os músculos, desacostumados a tanto exercício, a fizeram se lembrar da noite anterior.

Quando ela acordou na própria cama de manhã, a luz do sol aquecendo seu corpo satisfeito, não se lembrava de ter retornado ao seu quarto. Será que Dex a havia levado ou ela vagara nua pelo corredor em uma névoa de satisfação sexual?

Antes que pudesse fazer algo além de refletir sobre o assunto, seu celular tocou.

– Oi, Meghan – atendeu ela, sufocando um bocejo.

– Ei, menina, como está sendo o reencontro?

Zoe olhou pelo saguão, observando rostos que agora tinham nomes sorrindo para ela. Duas pessoas chegaram até a dar tchauzinho. Outra fez um sinal de joinha com o polegar. Pela primeira vez, Zoe sentia-se parte de um grupo, sentia estar encaixada. E meio que gostava disso.

Ela havia ficado tão chateada com a indicação para ser rainha ontem à noite, certa de que tinha sido uma armação para humilhá-la, que fugira antes de ouvir as pistas sobre as profissões de todos que eles haviam prometido anunciar. Hoje era o grande evento, a revelação das profissões de todo mundo e a coroação do rei e da rainha.

– Aparentemente, o reencontro está sendo muito bom – disse ela, percebendo que realmente estava. Ela havia conhecido pessoas como Julie. Elas participaram de alguns eventos para poder investigar sobre Gandalf. As pessoas não se mostraram desdenhosas ou arrogantes, mas de fato pareceram desfrutar da companhia dela. E Zoe gostara delas, também. Quando algumas sugeriram manter contato – algo que Zoe nunca pensara em fazer com ninguém do colégio –, ela até concordou.

– Vamos jantar na semana que vem e você pode me contar a respeito – sugeriu Meghan. Suas palavras foram apressadas, como se ela estivesse tentando preparar o terreno com sutilezas sociais antes de mandar bala.

– Olha, descobri quase todos os segredos que esta cidade tem para contar – disse Zoe rapidamente. – Ainda há uma chance de ser Brad Young, mas ele está brincando de provocar. Posso dizer que ele quer que eu continue na dúvida, mas eu realmente não acho que seja ele. Honestamente, tenho 99 por cento de certeza de que Gandalf não está nesta reunião. Mas isso não significa que estou desistindo. Pode ser Teresa, e ela vai estar aqui esta noite, para a festa. Vou procurá-la, está bem? – Zoe estremeceu um pouco. Com sorte a paixonite adolescente de Teresa por ela era coisa do passado.

– Espere aí – disse Meghan lentamente, o tom de alguém prestes a dar uma notícia ruim. Zoe se encolheu. – Apenas esqueça a ideia de Gandalf, tá bem? Foi loucura, para começar.

Zoe quase deixou o telefone cair. Atrapalhando-se para colocá-lo de volta à orelha, ela perguntou:

– Hein? Acho que não estamos falando a mesma língua.

– Zach aceitou o cargo na Microsoft – disse Meghan sem rodeios.

A culpa bateu nos ombros de Zoe como uma tempestade de granizo, mostrando que ela havia decepcionado o irmão. Claro que não ajudara muito

para encontrar Gandalf, pois passara a maior parte do tempo sonhando acordada com Dex. Perseguindo Dex. Transando com Dex.

Deus, ela era um desastre.

– Diga a ele para não aceitar ainda, por favor. Dê-me mais um dia. Ou melhor ainda – apressou-se ela, a imagem do amante do laptop piscando em sua mente. – Acho que tenho uma pessoa. Alguém ainda melhor.

– Zoe…

– Não – interrompeu ela. – Só espere eu ligar de volta, tá bem? Acho que tenho a pessoa perfeita. Dê-me uma hora. Duas no máximo.

Poderia funcionar. Ela havia perguntado a Dex como ele havia conseguido um avatar tão parecido com ela ao enviar o programa de sexo virtual. Ele disse que tinha um contato na tal Avigraph. Talvez ele pudesse apresentá-lo a ela. As possibilidades giravam na cabeça de Zoe.

Sem querer perder tempo se explicando, Zoe murmurou uma despedida breve, desligou e jogou o telefone na bolsa. Ela precisava encontrar Dex. Correu para a recepção para mandar um recado. Mas, antes de dar uns cinco passos, alguém lhe agarrou o ombro.

Ela virou-se, pronta para dispensar quem quer que fosse e viu o rosto lascivo de Brad.

– Zoe, não te vi na noite passada – saudou ele, puxando-a para um abraço apertado.

Ela fez uma careta de encontro ao peito largo, então o empurrou.

– Eu estava ocupada – esclareceu ela, revirando os olhos mentalmente para o quanto a declaração fora pertinente. – Olha, sinto muito por fazer isso, mas tenho de correr. Preciso conversar com uma pessoa.

– Você soube da notícia? – perguntou ele, os olhos castanhos brilhando com diversão e algo que parecia malícia. – Eles fizeram o grande anúncio.

Ele pôs o braço no ombro dela, puxando-a tão perto que Zoe sentiu a coxa dele grudando-se à dela. Incomodada, Zoe tentou se afastar sem muito alarde. Ela não sabia por quê, mas Brad a fazia sentir como se não houvesse ar suficiente no ambiente. Sufocada, quase.

– Beije seu rei, gata – disse ele, puxando-a para outro abraço.

Zoe não se preocupou mais em bancar a boazinha. Ela espalmou contra o peito dele e empurrou.

– Parabéns – disse ela com um sorriso duro. – Mesmo assim, tenho de ir.

Aparentemente Brad esperava mais elogios do que aquilo. Do tipo físico. O

sorriso dele ganhou um tom desagradável.

– Você não quer saber quem é rainha?

– Na verdade, não. – Ela imaginava que Candice ainda estivesse no salão de banquetes se gabando de sua coroa. Apesar de sentir-se mal por Julie, ela não se importava.

– Olha, eu realmente tenho de ir – disse, afastando-se de novo. – Preciso conversar com uma pessoa.

– Eu sou o cara que você quer. – Ele deu um sorriso brega, os olhos frios. Zoe percebeu naquele momento que tinha sido uma idiota total e completa quando adolescente.

Ela balançou a cabeça e virou-se para ir embora.

– Fico sabendo que você está perguntando de mim para todo mundo, e agora que você me tem, vai cair fora?

Ela franziu a testa e olhou para trás para fitá-lo.

– Eu sou Gandalf. Mas guarde esta informação para você – disse ele num tom jovial, quase política. – Eu soube que você andou perguntando por aí, tentando me encontrar.

Zoe virou-se para encará-lo totalmente. Ele estava dizendo as palavras certas, mas seu detector de mentiras estava fazendo hora extra. Ela e Julie, que tinha falado com tudo e todos, tinham descartado Brad. Não porque as provas não apontavam para ele – as poucas que haviam apontavam –, mas porque o jogo original tinha uma heroína forte e a realidade era que Brad era um porco misógino. Isso, e ao passo que não tinha descoberto o verdadeiro emprego dele, ela ficara sabendo que ele estava morando no Texas e que seu emprego tinha algo a ver com engenharia. Não computadores. Então por que ele inventaria algo assim?

– Vamos conversar em algum lugar reservado, está bem? Eu não quero, você sabe, que a minha identidade vaze.

Brad olhou para o lado, o rosto endurecendo para o que quer que ele tenha visto além do ombro de Zoe. Ela estava prestes a olhar para trás para conferir, mas antes que pudesse fazê-lo, ele agarrou a mão dela e a puxou.

– Vamos lá, gata. Vamos para o meu quarto. Vamos ter toda a privacidade que queremos lá – incitou Brad, tentando arrastá-la para os elevadores.

Zoe se contorceu para longe e lançou-lhe um olhar perplexo.

– Seu quarto? Você está brincando, certo? Já temos privacidade suficiente aqui.

Um olhar feio brilhou no rosto de Brad, em seguida ele deu de ombros e ofereceu o sorrido de bom garoto.

– Você sabe o que quero dizer. Somos uma equipe agora, certo? Você quer minha ajuda, eu quero uma coisinha de você.

Zoe ficou de queixo caído. Ele estava falando sério? A raiva quase transbordou, mas ela a conteve. Porco misógino ou não, se ele *estava* dizendo a verdade, seu irmão queria falar com aquele babaca. Resumindo, ela não poderia acabar com a raça dele até Zach decidir se iria querê-lo ou não.

– Eu queria conversar com você para propor que Gandalf criasse um jogo eletrônico para a empresa do meu irmão – retrucou ela. – E não correr para o seu quarto para reviver um encontro fracassado da época de escola.

– Então você está falando com a pessoa errada.

Zoe engasgou e virou-se, flagrando Dex em pé atrás dela. O olhar de Brad ficou mais feio ainda.

– Eu diria que ela está falando com a pessoa certa – rebateu Brad, agarrando o braço de Zoe outra vez. – Ela está com o cara que ela escolheu, perdedor. Supere.

– Ei – protestou Zoe, desvencilhando o braço das mãos de Brad. – Pare com essa baboseira.

Embora a ideia de ter dois caras brigando por ela pudesse ser uma massagem no ego, sentir-se mais uma vez como um osso entre dois cães raivosos não era.

– Vamos lá, Zoe – pediu Brad. – Você precisa da minha ajuda, certo?

– Não. – Ela balançou a cabeça. Tinha certeza de que não tinha errado. Brad não era Gandalf. – Não creio que você seja o cara que vai me ajudar.

– Ouça o que ela diz – provocou Dex calmamente. – Eu avisei que você perderia. Trapacear não vai mudar nada.

Do que diabos eles estavam falando?

Algumas pessoas pararam ali também, observando sorrateiramente enquanto fingiam estar fazendo outra coisa. Que belo jeito de arruinar sua manhã feliz depois de uma noite de sexo. Um barraco em público. Os ombros de Zoe estavam tensos, seus complexos por estar sendo observada e julgada incitando-a a jogar as mãos para o alto e pular fora dali.

Mas daí havia Dex. Ainda assim, olhando entre os dois homens, se ela tivesse de escolher entre Brad, o maior idiota do mundo, e Dex, que de repente estava exercitando seu ego de maneira irritante, ela ficaria com Dex. Afinal, Zoe sabia que ele conhecia outros exercícios muito melhores.

Os poucos espectadores agora tinham se transformado em uma dezena. E não

disfarçavam mais que estavam interessados no confronto. Sussurros corriam ao redor dos três feito camundongos apressados.

Zoe quis se contorcer de constrangimento. Era o colegial todo de novo. Ela se deslocou para Dex.

– Você revelou para sua namoradinha de onde veio o apelido dela, garoto dos computadores? – berrou Brad antes que Zoe pudesse dar um passo.

– Não – advertiu Dex, o tom de voz baixo e ameaçador.

A carranca de Zoe se aprofundou. O que Dex tinha a ver com seu apelido? Ela olhou para a multidão reunida, para os gestos e sussurros, e percebeu que todos sabiam de alguma coisa que ela não sabia. Ela sentiu o estômago se contrair num nó violento. Ela endureceu os ombros automaticamente e empinou o queixo para mostrar-lhes que não se importava.

– O Bonzão aqui é o cara por trás do seu apelido virgem na escola – acusou Brad.

Zoe balançou a cabeça em negação. Dex não faria isso. Brad fez um gesto para a aglomeração de pessoas. Ela acompanhou o gesto dele e notou os gestos de concordância.

Daí o olhar voou para o rosto de Dex. Ele cerrou a mandíbula e balançou a cabeça com nojo. Zoe não tinha certeza se ele estava negando a acusação ou se era um código masculino para alertar Brad de que ele ia arrebentá-lo por vazar um segredo.

O cômodo começou a girar. A mente de Zoe girava com ele. Dex? Mas ela confiava nele. Ela viu Candice abrindo caminho na multidão, ostentando um sorriso malicioso. A fúria engoliu a confusão de Zoe numa onda rápida. Como Dex tinha coragem de transformá-la em um espetáculo público como aquele?

Ele a agarrou pelo braço. Zoe engasgou e tentou se livrar dele. O diabo que ele iria coroar seu constrangimento arrastando-a feito um Neandertal. Mas ele não a soltou.

– Dex – sibilou ela.

A humilhação a inundou quando ele a ignorou.

Passando pela figura cheia de troça de Brad e pela multidão de rostos curiosos, Dex puxou Zoe até o balcão da recepção, passando por trás dele e entrando numa salinha reservada para funcionários.

Dois mensageiros e um porteiro os encararam em choque.

– Fora – ordenou ele.

Ambos se dispersaram.

Zoe, no entanto, não se intimidava tão facilmente. Ela agarrou a fúria com firmeza, necessitando muito dela para manter a dor sob controle. Ela bateu os braços sobre o peito, ergueu um quadril para o lado e o encarou com raiva.

– Quem diabos você pensa que é, me arrastando desse jeito? – desafiou ela, a raiva por causa do showzinho brigando com a humilhação devido à arrogância despótica dele.

– Você estava me usando – acusou ele assim que bateu a porta. – Você sabia o tempo todo? Isso foi só uma brincadeira para você?

– Usando você? – Ela balançou a cabeça, tentando entender a acusação. – Como diabos eu estava usando você?

– Você sabia que era eu sob a máscara antes de dormir comigo – acusou, o rosto contorcido de raiva. – Você sabia que eu era o Gandalf também? É por isso que você concordou com a nossa noite juntos?

Zoe recuou. As pernas dela bateram na escrivaninha, a salinha ficou pequena, encurralando-a. Sua cabeça girava. Tudo ficou embaçado quando as palavras a atingiram como uma bomba.

– Você é o Gandalf?

Ele tinha mentido para ela. Ela perguntara. Duas vezes. E ele mentira. Assim como mentira na noite anterior. Zoe tateou cegamente atrás de si a fim de encontrar uma cadeira e desabar nela. Ela mal absorveu os fatos que vinham como tapa no rosto. Fatos que já devia saber lá no fundo. Fatos que obviamente ignorara numa necessidade idiota de acreditar nele.

Zoe engasgou, a dor causando feridas profundas em seu coração. Sua respiração estremeceu quando ela tentou reunir os pensamentos, agarrando-se à raiva em legítima defesa.

– *Você* mentiu para *mim* – acusou ela. – Esconder-se atrás de uma máscara não foi o suficiente, você mentiu depois. Eu sabia que era loucura me envolver com você. Mas pensei que fosse porque isso iria estragar nossa amizade. Em vez disso, eu descubro que sequer temos uma amizade.

– Isso é besteira.

– É? Você mentiu para mim, Dexter. Escondeu sua identidade, mentiu sobre seu emprego. – A voz dela falhou, mas ela não conseguiu parar de derramar as palavras num sussurro dolorido. – Você me humilhou.

Ela queria gritar com ele por partir seu coração. Para fazê-la acreditar que podia contar com ele, que podia confiar nele. Mas Zoe não conseguia nem expressar a traição em palavras. A dor, a tristeza que jorrava de seu coração como

o sangue, estava se infiltrando pelo corpo dela enquanto aquela vozinha em sua cabeça provocava: *eu avisei*.

– Eu humilhei você? – perguntou ele em tom irônico. – Você me usou, Zoe. Achei que você me aceitasse. Simplesmente eu, pelo que sou. Mas, como todos aqueles idiotas lá fora, você queria alguma coisa de mim, e não hesitou em justificar suas atitudes para conseguir o que queria.

Ela simplesmente o encarou. Desejava a amizade dele. O corpo dele. E, como era boba, o amor dele. Mas Dexter estava errado. Ela não o havia usado. Não do jeito que ele estava dizendo. E se ele acreditava que ela havia feito isso, que ela não era melhor do que aqueles parasitas que sempre o fizeram sentir-se como uma carteira ambulante, então isto provava que ele não se importava com ela. Provava que ele nem mesmo a conhecia.

Zoe deu um passo em direção à porta.

– O que você está fazendo?

– Indo embora – disse ela a ele.

– Sem resolver isto? – perguntou balançando a cabeça de maneira atordoada. – Do mesmo jeito que você foge de qualquer coisa que a obrigue a se impor e se defender? Existe alguma coisa pela qual valha a pena lutar, Zoe? Ou você vai fugir sempre?

A verdade doeu. Mas não mais do que a traição dele. Então ela empinou o queixo, deu-lhe sua olhada característica de desdém e agarrou a única arma que tinha. A patética mentira de Brad.

– Relacionamento? – provocou ela. – Por acaso seria esta coisinha entre nós, que consiste em mentiras, uma máscara e aquele apelido horroroso que você colou em mim há dez anos?

O coração de Zoe parou ao ver a expressão de culpa no rosto subitamente lívido de Dex. Oh, Deus. Ela só disse aquilo para poder sair da sala. Mas ele realmente tinha algo a ver com isso?

– Assim como a sua identidade real, você nunca pensou que eu descobriria sobre essa mentira, não é? – inquiriu ela. De repente, ela perdeu a vontade de brigar, restando uma casca vazia de dor. Uma que estava sob risco iminente de desabar.

Necessitando de privacidade antes que acontecesse, Zoe afastou-se de Dex. Cegamente, encontrou a maçaneta da porta e a abriu num tranco. Ignorando a multidão, dirigiu-se para os elevadores.

– Para onde você está indo? – quis saber ele, indo atrás dela.

– Eu já acabei – respondeu ela, apertando o botão para subir.

– Bem, eu não – rebateu ele, agarrando-lhe o braço.

Zoe afastou a mão dele.

– Não me toque. Eu não quero você perto de mim – exigiu ela. Não conseguia suportar saber que nunca mais sentiria as mãos dele novamente. – Se eu já acabei, nós já acabamos.

– É muito a sua cara ir embora – murmurou ele.

Vazia demais para se defender, Zoe simplesmente deu de ombros.

– Você saberia. Você nunca fez nada para me impedir.

Com isso, ela empinou o queixo, enrolou-se nos restos de seu orgulho como se este fosse uma capa e entrou no elevador.

– Adeus – sussurrou enquanto as portas se fechavam.

CINCO MINUTOS depois de Dex observar o rosto manchado de lágrimas de Zoe desaparecer dentro do elevador, ele cerrou o punho enquanto olhava para um Brad machucado no chão a seus pés.

– É isto que eu deveria ter feito há dez anos, quando você mexeu com Zoe pela primeira vez – afirmou Dex enquanto o babaca se esforçava para ficar de pé.

– Cara, me bater não vai mudar o fato de você ter perdido. Você perdeu a garota. – Brad movimentou a mandíbula de um lado a outro e deu de ombros para mostrar que não se importava. No entanto, os punhos se fecharam junto às laterais do corpo e ele fez um movimento sobre os calcanhares de um jeito que dizia a Dex ele estava ganhando tempo. – Sabe, é exatamente como na escola, uma vez que sua utilidade acabou, ninguém deu a mínima para você.

Dex nem se deu ao trabalho de usar os punhos desta vez. Ele empurrou o babaca com força. Brad caiu para trás, chocando-se contra um pedestal alto de carvalho, fazendo um vaso de flores outonais cair no chão, numa bagunça molhada.

Simplesmente ótimo. Sua mãe adorava aquele maldito vaso. Respirando com dificuldade, Dex olhou para a bagunça. Precisava sair dali. Precisava encontrar um lugar para pensar, se organizar. Ele abriu caminho através da multidão.

– Foi igual a um dos golpes do jogo *Guerra de classe: o colapso*.

Perfeito. E ele achando que não poderia ficar pior. Dex baixou a cabeça quando a vergonha tomou conta dele, daí virou-se para sua avó.

Foi necessário apenas algumas palavras, alguns olhares de soslaio e alguns golpes com a bolsa de veludo que carregava as cartas de tarô para dispersar a multidão.

– Desculpe pela bagunça – grunhiu ele, chutando o vaso quebrado com a ponta do sapato. Então Dex finalmente se tocou das palavras dela. Sua mente disparou e ele deu-lhe um olhar interrogativo. – Como você poderia conhecer aquele golpe? Eu achava que você nem sabia o nome do meu jogo mais recente…?

– Não seja idiota, Dexter – disse Essie, fazendo um movimento de varredura com a mão para indicar ao mensageiro que limpasse os cacos de cerâmica. Em seguida ela enganchou a mão no braço de Dex e, com uma força que ele não tinha percebido que ela possuía, foi puxando-o porta afora. – Seu pai e eu jogamos o tempo todo. Sua mãe tenta, mas bendita seja, ela não tem coordenação motora.

Dex simplesmente a encarou. As palavras só fizeram aumentar a sensação de pesadelo surreal que já incrementara sua tarde.

Obviamente sentindo que ele não queria falar sobre as habilidades de jogo da mãe, Essie suspirou e deu um tapinha no braço dele.

– Você e aquele outro sujeito estavam brigando pela Zoe?

– Não por ela – esclareceu Dex. – Mais por causa dela.

Não era como se o vencedor fosse levá-la como prêmio. Ou que ela voltaria a ter qualquer coisa com qualquer um deles novamente. Isso não tirava um único pingo da satisfação que Dex sentia ao se lembrar do rosto de Brad depois de encontrar seu punho.

Estava tudo girando na cabeça dele. Zoe o havia usado. Havia acreditado em Brad. Ela realmente achava que Dex tinha criado aquele apelido antipático da virgindade. Depois de tudo que eles passaram juntos, tudo que tinham vivido juntos. Dex não tinha percebido que poderia sofrer assim.

– Ela é uma garota doce, mas não me parecia do tipo que gostaria de ver qualquer um que brigando por ela… ou *por causa* dela.

– Ela me usou – murmurou Dex.

– Ai, Dexter – admoestou sua avó, com desgosto. – Pode parar com esse ataque de piedade já.

Deus do céu, ela também? Atordoado demais até mesmo para ficar chocado, ele olhou para sua defensora vitalícia. Ela revirou os olhos, em seguida soltou o braço dele para poder sentar-se num banco do jardim.

– Você nunca fez nada contra sua vontade nesta vida.

Ele abriu a boca para recitar sua lista, mas antes que pudesse articular uma sílaba, ela balançou a cabeça.

– Não confunda as pessoas achando que elas a estavam usando com a realidade da coisa. Você sempre enxergou a vida através dos jogos. Sempre os distorceu para sua vantagem quando era do seu interesse. E ignorou quando não era.

– Talvez – admitiu ele com uma careta enquanto pensava no real significado daquelas palavras. Será que isto fazia dele um grande babaca, já que ele sempre achara estar sendo usado pelas pessoas?

– E esta garota falou isto para você, não foi?

– Ela me chamou de um monte de coisas, tudo bem – murmurou ele baixinho. Mas as palavras de sua avó começou a entrar na sua cabeça. Dex encolheu os ombros por causa do frio e olhou para os campos dourados de grama outonal.

Ele realmente era um idiota. O que ele tinha a perder se contasse a Zoe sobre Gandalf? Esconder-se atrás do anonimato era bobagem. Ele soubera o tempo todo que ela queria falar com ele. Se ele simplesmente tivesse deixado para lá esta necessidade de ser desejado por quem ele era, sua paranoia sobre ser usado, poderia ter resolvido tudo isso há muito tempo.

Assim como tinha usado a máscara para se esconder da rejeição de Zoe, Dex tinha encontrado um pretexto para não dar a ela uma chance de desejá-lo pela pessoa que ele era.

– Você a ama.

Dex enfiou as mãos nos bolsos, o cenho franzido. Ele queria negar. Queria que aquilo não fosse verdade. O amor… era uma porcaria. Doía. Mas, mesmo que por mais doloroso que fosse lembrar-se da dor nos olhos verdes de Zoe quando ela o expulsara de sua vida, Dex não conseguia deter seus sentimentos. Mas que inferno, ele não fora capaz de fazê-lo nem depois de dez anos longe dela. O que o fazia pensar que irritá-la, humilhá-la publicamente e estragar as chances de ficarem juntos serviria para detê-lo?

Ele era um idiota. Virando-se, ele retornou para o saguão.

– Aonde você pensa que vai?

Ele parou e ofereceu um sorriso tímido à avó.

– Vou falar com Zoe. Preciso dizer a ela como me sinto.

– Não.

– O quê? – Chocado, Dex deu meia-volta para encarar a avó.

– Por que eu não diria? Isto é importante, não é? As mulheres querem ouvir esse tipo de coisa.

– Se você quisesse dizer a ela, já teria dito. Falar agora é só mais uma forma de tentar manipular a situação, Dexter. Isto não é um jogo no qual você pode criar estratégias para avançar. Você precisa deixá-la escolher.

– Ela precisa de informação para fazer essas escolhas. – Ele avançou para o hotel outra vez. Queria falar com Zoe. Precisava falar com ela. Agora, antes que ela fosse embora. Ele conhecia Zoe; ela provavelmente já tinha arrumado as malas e estava pronta para sair.

– Então você devia ter dado essas informações a ela antes, não é? – Veio a repreensão seca.

Dex cerrou os dentes para conter um fluxo horroroso de palavrões. Ele nunca tinha xingado na frente de sua avó e não ia começar agora.

Ela o encarou de volta, calmamente, parecendo uma Mamãe Noel baixinha que tinha acabado de colocar o nome dele na lista de crianças malcriadas.

– Deixe-a livre, Dexter. Ela precisa de tempo e espaço para resolver as coisas.

– E se ela cair fora?

Pronto, ele disse. Verbalizou seu maior medo: que Zoe o abandonasse. Mais uma vez. Que ela usasse sua raiva para ignorar o que eles tinham vivido, para voltar a desconfiar dele – justificadamente ou não – e cortá-lo de sua vida de vez.

– Se ela for embora, então não era para ser – entoou sua avó, com a mesma sabedoria que exibiria se tivesse acabado de virar a carta da morte do tarô em cima da mesa.

Ele pensou num poema que sua mãe tinha gravado numa plaquinha que ficava no corredor. Algo sobre amar e deixar livre. Ele sempre considerara aquilo pura bobagem.

Mas ele não podia dizer isto a sua avó. Não quando ela estava lhe dando aquela olhadinha feia. Em vez disso, ele apenas deu de ombros, como se estivesse de acordo.

Na verdade, ele já estava bolando uma estratégia. Tinha o endereço de Zoe. E o nome da empresa do irmão dela. Ele poderia rastreá-la. Se ela fosse antes que ele pudesse resolver as coisas, Dex teria de caçá-la e fazê-la dele.

Capítulo 13

– Você não vai deixá-los vencer, não é?

Zoe tentou se esconder em seu quarto, mas o orgulho, a fome e as lembranças de Dex finalmente a obrigaram a sair. Agora, concentrada em enterrar a tristeza na travessa inteira de torta de maçã diante de si, Zoe mal olhava para Julie.

Até que a outra mulher sentou-se na cadeira em frente a ela.

– Mas o que…? – Aquela coisa de amigas estava se tornando um pé no saco.

– Não dê satisfação a eles – ordenou Julie, seus olhos azuis preocupados, o rosto com uma expressão determinada.

– Eu não quero conversar – disse Zoe, focando os olhos avermelhados de tanto chorar na torta.

– Brad mentiu, você sabe.

– Eu tenho um cérebro, não é? É claro que sei que ele mentiu.

Pelo menos sobre ser Gandalf. Mas e o resto? Zoe não sabia o que pensar. Era difícil duvidar da culpa no rosto de Dex. Ainda incapaz de lidar com o assunto, Zoe esfaqueou uma fatia da torta violentamente.

– Mas você não soa como se acreditasse nisto. – Julie aguardou por uma resposta, então, aparentemente desistiu e pegou o garfo do seu lado da mesa para roubar um pedaço da torta de Zoe.

Zoe deu de ombros. Ela estava tão arrasada por perceber que Dex tinha mentido – não uma vez, mas duas – sobre Gandalf, que não prestara muita atenção na declaração de Brad. Mas aparentemente todo mundo tinha prestado.

– Não foi Dex que inventou o apelido – afirmou Zoe fazendo uma careta. – Mas ele teve alguma coisa a ver com a história.

– Zoe, eu estava lá quando Brad falou o apelido pela primeira vez – admitiu Julie. – Dex não estava por perto.

Zoe franziu a testa para sua torta de maçã caramelizada. Ela tinha visto a culpa no rosto dele. Será que estivera enganada? Será que isso importava? Uma mentira ou duas, ainda assim ele a enganara.

– Tem certeza? – Deus, ela era patética.

– Sim, totalmente. – Aparentemente concluindo que precisava de sustento após sua confissão, Julie serviu-se de mais uma garfada de torta de maçã. – Mas você com certeza deu moral para o Brad ao fazê-lo achar que a tinha levado a acreditar que era coisa do Dex. Quase compensou o fato de ele ter perdido a aposta para levar você para a cama.

Zoe revirou os olhos, finalmente compreendendo a pressão feita por Brad para levá-la ao quarto. Aparentemente algumas coisas nunca mudavam.

– Pelo visto ele não conseguia lidar com o fato de não ser o maior gostosão do colégio. Ele estava com ciúmes de todos os rumores sobre Gandalf. E não achava que o cara fosse aparecer mesmo, então fez todo mundo pensar que *ele* era o mago, por isso o traje. Quando ele soube que você estava bisbilhotando sobre o tal Gandalf, imaginou que poderia convencê-la também. Claro, Dex cuidou dele – disse Julie com um risinho malvado enquanto lambia massa de torta de seu polegar. – Ele deu um soco na cara do Brad. Bem ali, na frente de todos.

Zoe ficou boquiaberta. Julie deu um sorriso de beata.

– Foi tão doce.

Era doce. O coração de Zoe de uma tropeçada, a dor da traição desvanecendo enquanto ela tentava vencer os problemas de confiança ao perceber que Dex, dentre todas as pessoas, não iria traí-la. Então o que estava por trás da mentira sobre Gandalf? Ele devia ter uma razão para mentir. Mas ela não lhe dera a oportunidade de compartilhá-la, dera? Não, ela simplesmente entrou no modo de defesa desconfiada e acabou com a raça dele antes que ele pudesse rejeitá-la.

Droga, ela era inteligente.

– Foi Brad quem me indicou para ser rainha? – perguntou Zoe, tentando ligar todos os pontos.

Julie balançou a cabeça.

– Não. Isso foi Candice. Acho que ela pensou que isto fosse me colocar contra você. Estragar nossa nova amizade.

Como era típico, Zoe havia saltado para a conclusão imediata de que a indicação tinha sido parte de alguma pegadinha para humilhá-la e pulara fora.

Ela estava começando a enxergar um padrão na coisa toda.

– E estragou? – Zoe flagrou-se prendendo a respiração enquanto aguardava pela resposta.

– Só se eu ganhar dez quilos por causa desta torta.

Zoe sorriu.

– Candice passou as últimas 12 horas implorando para Brad manter contato com ela, prometendo a Lua às pessoas em troca de um voto e perseguindo a avó Dex para que a senhorinha lesse as cartas para ela. – As palavras saíram sem emoção, a compaixão óbvia no rosto de Julie. – Ela não é uma ameaça para você, Zoe. Nunca foi. Ela é só um pouco deprimente.

Zoe acompanhou um meneio de cabeça de Julie, observando a loura sentada a uma mesa de canto, solitária, bebendo sua xícara de café.

Ela parecia murchinha. Em vez de ser a causa maligna de todos os problemas na vida adolescente de Zoe, Candice era só uma mulher. Uma mulher cuja vida parecia ter se tornado sem graça depois do colégio. Zoe olhou para a loura por um longo momento. Em seguida suspirou e, por mais que seu lado imaturo e sacana odiasse fazê-lo, ela abandonou seus ressentimentos adolescentes.

– Talvez devêssemos mandar um pedaço de torta para ela? – avaliou.

Julie olhou para a amiga, a última fatia caindo de seu garfo.

– Você está brincando, certo? Por que você faria isso?

Porque Zoe de repente percebera que precisava correr riscos caso quisesse ter qualquer coisa que valesse a pena segurar? Porque manter as pessoas afastadas não estava funcionando mais? Porque mais cedo ou mais tarde ela teve de arriscar permitindo que as pessoas a conhecessem, e o primeiro passo para isto era conhecer estas mesmas pessoas?

– Porque você teve uma chance e fez amizade comigo. Não tenho nem como expressar a diferença que isto fez para mim. É justo que eu leve a dádiva adiante. Além disso, talvez seja hora de todos nós amadurecermos – disse Zoe finalmente, ajeitando sua calça de adulta.

E quer saber? Elas serviam direitinho.

DEX ENCARAVA a tela de seu laptop, a mente em branco. Isto nunca havia lhe acontecido. Era tipo impotência sexual, uma daquelas coisas que só acontecem com outros homens.

Mas ali estava ele. Vazio. Em branco. Sem ideias para reconquistar Zoe. Nenhuma estratégia para jogar. Nada.

Ele fechou a tampa do laptop com força e se afastou da mesa da cozinha. Talvez este fosse o problema. Ele pensara na coisa toda como um jogo. O que por sua vez colocava Zoe na equipe adversária. Estúpido, já que ele sabia que não tinha como vencer sem ela ao seu lado.

Este fora seu erro, desde o início, percebeu ele. Tentar jogar com ela. Fazer uso de jogos e estratégia, em vez de simplesmente ser franco e direto. Tudo porque… o quê? Ele estava com medo? Que covarde idiota.

Para o inferno com as ordens para ficar em casa. Ele precisava ver Zoe. Dex voltou-se para o telefone, nem mesmo disposto a desperdiçar tempo caminhando até o hotel para ver se ela ainda estava hospedada lá.

Mas, no meio da discagem, ele parou de súbito. Seu coração martelava e Dex teve de se esforçar para não esfregar os olhos. Como um sonho, lá estava ela, usando um casaco preto longo e aquelas botas sensuais.

– Eu não vi você no hotel – disse Zoe como se não tivesse acabado de entrar na cama dos pais sem ser convidada e assustando-o para diabo. O sorriso dela era amigável, mas o olhar, penetrante. Ela podia estar bancando a boazinha, mas não tinha se esquecido da traição.

Tudo bem para Dex, no entanto. Ele a aceitaria do jeito que fosse possível tê-la. Contanto que ela desse a ele uma oportunidade de falar. De se explicar. Que inferno, uma vez que não havia explicação, ele estava disposto a rastejar por ela.

– Estou de castigo – informou ele, meio brincando, meio falando sério. – Minha avó resolveu que eu precisava esfriar a cabeça e pensar um pouco. Tenho certeza de que ela só queria certificar-se de que eu não arranjaria mais brigas no saguão.

– Ah, não sei. Na última você se deu muito bem. – Ela lançou um sorriso travesso. – Você deixou Brad Young com um lábio inchado e um olho roxo horroroso.

Dex não foi capaz de deter seu sorriso triunfante. Mas daí olhou para Zoe mais atentamente e notou o estresse no rosto dela, a tensão nos ombros, e seu sorriso desapareceu.

– Por que você está aqui? – perguntou.

– Você não me procurou.

– Você disse para eu não procurá-la.

– E desde quando você me obedece?

– Sempre – respondeu Dex, dando de ombros com pesar. – Eu sempre tentei fazer tudo que você quisesse, Zoe. Tendo você percebido isto ou não, tudo o que eu sempre quis foi ver você feliz.

Ela sorriu. Um olhar simples e doce que aceitou a declaração pelo que ela valia. O gelo ao redor do coração de Dex derreteu um pouco quando a esperança espreitou. Seu sorriso de resposta foi cheio de alívio.

– Desculpe por ter mentido para você – disse ele em voz baixa.

Ela arqueou uma sobrancelha, os olhos cautelosos. Dava para notar a dor escondida em suas profundezas verdes. Ele achou melhor começar com os problemas menores, depois abordar os maiores.

– Zoe, eu juro, eu não inventei o apelido.

Ela franziu a testa, obviamente porque esperava que ele fosse abordar diretamente o caso de Gandalf. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele se obrigou a falar:

– No entanto, eu estive por trás de tudo.

Zoe ficou chocada.

– Eu armei a interrupção com os pais dele que estragou seu encontro com o Brad. Eu estava com ciúmes, odiava a ideia de ver você saindo com ele. Qualquer um, mas especialmente ele. – Dex deu de ombros, incerto de como se desculpar pela idiotice do alto de seus 17 anos. – Acho que ele sentiu-se humilhado pela forma como tudo acabou e atacou. Mas foi você quem se machucou.

Zoe ainda o encarava, os olhos arregalados. Finalmente, ela disse:

– Não consigo acreditar que nunca percebi que você sentia algo por mim na época da escola.

Dex riu.

– Eu sempre tive uma quedinha por você.

Ela sorriu. Uma curvinha cautelosa dos lábios. A esperança se desenrolou na barriga de Dex.

– Eu não estava usando você – disse ela num sussurro.

O sorriso de Dex sumiu. Desconfortável e sem saber como proceder, ele enfiou as mãos nos bolsos e deu de ombros.

– Eu sei que não estava – retrucou ele com um suspiro. – Você não escondeu nada, não brincou comigo.

Ela arqueou uma sobrancelha provocativa, quebrando a tensão e fazendo Dex sorrir.

– Tudo bem, você não brincou comigo de nenhum jeito que eu não quisesse.

Eu… – Ele bufou de frustração e confessou: – … paranoico, acho. Eu superanaliso, superplanejo. É um risco ocupacional, creio eu.

– Falando nisso…? – Ela não precisou dizer mais nada.

– Eu realmente não menti – disse ele. Ela ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça. Então virou-se, como se fosse ir embora. – Espere. Eu não. Eu *era* Gandalf. Eu o desenvolvi, eu criei seus jogos. Mas vendi os direitos, e por isso assinei uma cláusula de confidencialidade.

Zoe parou, olhou para trás para aferir a veracidade das palavras dele. Dex queria protestar contra a dúvida, mas sabia que não tinha como provar nada.

Felizmente, ele a viu retornar. O movimento fez o casaco na altura do joelho esvoaçar e abrir um pouco perto da barra. Dex ganhou uma visão intrigante do que ele poderia jurar serem meias arrastão.

A boca dele se encheu d'água.

– Então você não está mais criando jogos? – quis esclarecer Zoe, tirando a atenção de Dex de seus joelhos e o desejo ardente repentino de saber o que ela estava vestindo sob aquele pesado casaco de lã.

– Não como Gandalf – confirmou ele. – A Leeton detém os direitos sobre os jogos, os títulos e personagens. Mas eu montei minha empresa. Ainda no ramo de jogos eletrônicos, só que estou em plena expansão. Tenho ideias, um monte de contatos e quero me destacar por contra própria. A Avigraph é minha. Você viu o protótipo. Bem, mais ou menos. Os avatares do sistema que criei normalmente usam roupa.

Os olhos verdes se aqueceram e Zoe ajeitou uma mecha do cabelo atrás da orelha. Passeando pela cozinha, ela brincou com o bule no fogão, em seguida, esfregou uma pétala de flor entre os dedos. Dex aguardou, observando e desejando ter visão de raio-X.

O desejo de saber o que havia sob o casaco o estava matando. Era um mero castigo, ele sabia que ela diria isso. Ele aceitaria qualquer castigo que Zoe lhe impusesse, contanto que pudesse voltar a tocá-la. Sua boca encheu d'água de novo, conforme ele se lembrava do sabor dela, bem ali atrás do joelho quando ele lhe beijara as pernas.

Ele reprimiu um gemido quando se lembrou de tudo o que havia acontecido depois daquele beijo. Ele tirou as mãos dos bolsos da calça, o tecido subitamente muito apertado.

– Entrei em contato com seu irmão – informou ele, o fato surgindo na cabeça dele em meio à névoa de luxúria. – Eu ouvi você falar dele para Brad e percebi

que, mesmo sem a etiqueta do Gandalf, talvez eu possa ajudá-lo.

Zoe parou a poucos centímetros de distância dele, o perfume dela quase enevoando o cérebro dele outra vez enquanto ela o encarava, os olhos imensos. Ele prendeu a respiração quando Zoe pareceu prestes a lhe tocar no braço. Mas ela parou no meio do caminho e escolheu passar um dedinho sobre seu laptop fechado.

– Você telefonou mesmo para ele?

Tentando enterrar a frustração, Dex apenas assentiu.

O sorriso de Zoe iluminou o ambiente.

– Obrigada. Agradeço por isto. Ele fez tanto por mim, eu realmente queria tentar ajudar na realização dos sonhos dele.

– Aparentemente ele está fechando a empresa – explicou Dex. – Ele disse que aceitou um emprego em uma das gigantes. Ele parecia querer isso de verdade, a segurança da coisa toda. Mas vamos nos encontrar daqui a mais ou menos uma semana para conversar sobre alguns projetos paralelos.

– Sério? Eu realmente adorei esta ideia. – O sorriso de Zoe foi tão brilhante quanto a luz do sol. – Quando conversei com ele há alguns dias, ele pareceu aliviado. Eu não fazia ideia do quanto estava sendo estressante para ele tentar se manter à tona. Só que ele está pensando em ficar com a Microsoft por um tempo.

– Na verdade… – Ela ofereceu um sorrisinho travesso – …Meghan, a esposa dele, começou a me contar, mas eu fiquei meio distraída com seu recado virtual quando ela estava ao telefone.

Ela tamborilou um dedo no laptop, as palavras e o lembrete fazendo visões do sexo selvagem entre os avatares piscarem no cérebro dele. Dex se perguntava o que ela diria caso ele lhe falasse que tinha guardado o vídeo e se torturado assistindo a ele sem parar.

– Você foi a primeira a ver aquilo – explicou. – Foi uma espécie de teste.

– Eu nunca vi nada tão intuitivamente realista – comentou ela passando a língua pelo lábio inferior. Ela bateu os dedos sobre o laptop de novo, como se o estivesse lembrando do quanto o sexo dos avatares havia sido quente, em seguida, arrastou os mesmos dedos pelo próprio pescoço, pousando-os na gola do casaco. Ela brincou com o botão, mas não o abriu.

– Obrigado. – Os dedos formigavam com a necessidade de tocá-la. De sentir a pele acetinada sob suas mãos. Aquilo o estava deixando louco. Ele queria parar de falar de trabalho, mas percebeu que era Zoe quem estava no comando. – É uma amostra do meu novo projeto.

– É isso que você vai desenvolver? Clubes de sexo de avatares? – brincou ela.

Ele sorriu, divertindo-se com a ideia.

– Não. Eu não estou interessado em redes sociais. Estou pensando em utilizá-lo em treinamentos, talvez algo com os militares, mas com alguns novos ângulos e mudanças.

– Brilhante. – A mão de Zoe alisava a abertura do casaco agora, provocando-o com pequenos vislumbres de pele nua aqui e ali.

– Então… – Dex hesitou. Como colocar sem deixar Zoe brava? Ela ergueu uma sobrancelha e esperou. Como não parava de captar pequenos vislumbres de couro preto pela abertura do casaco, ele não a fez aguardar por muito tempo. – Quais são as chances de que trabalhe para mim?

Ela riu.

Dex franziu a testa.

– Eu não estou brincando.

O sorriso dela se foi, a risada desaparecendo no silêncio.

– Você não vai querer que eu trabalhe com você. Nem seriamente.

– Mas eu quero. Você é inteligente, você é conectada, você tem grandes ideias. Isso é uma das coisas que Zach mencionou quando conversamos, sobre como você está sempre além. Você tem um instinto para saber o que funciona e o que não funciona. Ele disse que se tivesse dado ouvidos a você, teria se saído muito melhor.

O rosto de Zoe se abrandou, um olhar doce de gratidão humilde brilhando em seus olhos verde-garrafa.

– Vamos negociar – disse ela com um sorriso. – Mas já vou te avisando, eu cobro caro.

Imaginando que agora estava pisando em terreno firme, Dex se adiantou para tomá-la nos braços. A mão de Zoe se ergueu, palma exposta. O sorriso sumiu. Ela balançou a cabeça.

– Acho que não – disse, a voz assumindo de repente um tom de comando. – Você disse o que queria. Agora é a minha vez.

Dex preferia que Zoe se manifestasse enquanto ele estivesse com as mãos em cima dela, mas era ela quem estava no comando. Dex enfiou as mãos nos bolsos para manter seus dedinhos longe dela. Ele baixou o olhar para as botas de couro preto de salto agulha e seu coração parou. Lembrou-se do corpo de Zoe, daquelas botas pousadas em seus ombros e do sabor delicioso dela.

Talvez o discurso dela fosse ser rápido?

Aparentemente, ela planejava usar a linguagem corporal. As mãos de Zoe foram para o cinto de seu casaco. Ela desatou o tecido lentamente, em seguida, com um movimento rápido dos dedos, desabotoou o paletó. Um leve meneio e a peça caiu no chão.

Seguida imediatamente pelo queixo de Dex.

– Nossa senhora – sussurrou ele.

Zoe puxou o chicote do cós da sainha de couro. Ela o utilizou para traçar uma trilha tentadora desde a gargantilha cravejada de tachinhas, passando pela ponta de seu sutiã de couro, até o joelho coberto pela meia arrastão.

– Pode me bater, me torturar, me obrigar a fazer o que você quiser – disse ele com reverência.

Em seguida Dex a viu desenrolar dos pulsos as tiras de couro que ele usara nela no outro dia. Seu membro, já duro, tornou-se uma barra de ferro.

Uau, fantasias de bad-boys realmente se tornavam realidade.

Zoe riu, lembrando-se de ouvir Dex usar palavras semelhantes quando ele a vira pela primeira vez naquela roupa. Tinha sido há menos de uma semana? Parecia uma eternidade.

Quem diria que depois de dez anos fingindo ser adulta, ela só terminaria amadurecendo em meros cinco dias? E em seu primeiro ato como adulta, ela estalou seu chicote contra o balcão e pediu:

– Hora de ir para a cama, garotão. Mostre o caminho para o seu quarto.

Dex riu. Zoe brandiu o chicote de novo, só que desta vez ela o utilizou para traçar um caminho sedutor pelo sutiã do biquíni de couro e sobre as tiras que cruzavam por seu ventre.

Dex ficou sério, a avidez iluminando seus olhos cor de água-marinha. Ele meneou a cabeça em direção as escadas e disse:

– Depois de você.

Zoe subiu as escadas rebolando, os olhos de Dex em seus quadris funcionando como um afrodisíaco potente. Ele apontou para a porta à direita e ela entrou no quarto de infância dele. O coração dela derreteu um pouco quando viu várias fotos dos dois coladas ao redor do espelho.

Mas isto era passado. E ela estava ali para negociar o futuro. Batendo o chicotinho na coxa, ela apontou para a cama.

– Tire a camisa, deite-se e ouça, docinho. Agora eu estou no comando.

Dex riu.

Zoe chicoteou os pés da cama. O sorriso abandonou o rosto de Dex, o olhar

iluminado por um calor sexual intenso. Ele não parou de encarar os olhos de Zoe nem por um minuto, daí abriu os botões da camisa, a removeu e jogou no chão.

Zoe gemeu em apreço com a visão daquele peito lindo. Ela o beijou, tocou, desmoronou de encontro a ele. Mas esta foi a primeira vez que ela realmente o viu. Sua respiração acelerou. Ela queria muito aquilo. Enxergar os olhos dele, o rosto dele enquanto faziam amor. Tudo isto enquanto ela abria seu coração para ele.

– Então eu resolvi ficar por aqui – avisou ela enquanto passava o chicote no peito nu. Era difícil se concentrar em seu plano de vingança quando Dex estava seminu na frente dela, mas Zoe estava determinada.

– Não para um emprego, embora possamos continuar esta conversa sobre possibilidade mais tarde. – Ela gostava da ideia de trabalhar com Dex de vez em quando. Ela adorava trabalhar em consultoria. Mas ter Dex como quartel-general era uma ideia um tanto atraente. E pela primeira vez Zoe não estava preocupada com a possibilidade de alguém se cansar dela depois de alguns meses. Afinal de contas, ela planejava ficar com Dex por um bom tempo.

– Você vai ficar por aqui? – perguntou ele, o tom distraído enquanto ele obedecia o movimento do chicote e deitava-se na cama.

– Vou ficar com você – disse ela em voz baixa. Os olhos dele se arregalaram de prazer. Zoe se acalmou pigarreando e continuou usando um tom de voz mais forte: – Quero ficar com você. Você me faz sentir tanta coisa.

Necessitando tocá-lo, ela jogou o chicote sobre a cômoda e aproximou-se da cama. Daí pousou um joelho no colchão e atrelou o outro à cintura de Dex para poder montá-lo.

– Vou ficar por tempo suficiente para que você possa me conhecer. A versão adulta, com todos os meus caprichos, manias e hábitos esquisitos. – Apenas dizer aquilo já era bastante assustador para ela, mas Zoe sabia que ficaria bem. Sabia que Dex a aceitaria, com manias esquisitas e tudo.

– Eu amo você, Zoe.

Ela piscou depressa e com força, não querendo lembrar-se do momento em meio a uma névoa de lágrimas. Com o olhar límpido e firme, ela encarou os olhos de Dex e sorriu. Achava que aquela seria a coisa mais difícil que já tinha feito.

– Eu também te amo – disse ela num sussurro. – Eu amo como você me faz rir. Eu amo como você ajuda seus pais e amo sua avó. E amo sua imaginação e sua mente brilhante.

E foi fácil assim. Zoe pressionou as mãos contra o peito forte e respirou. Simplesmente sorvendo a alegria e felicidade que estavam correndo ao redor dela.

– Eu amo o jeito como você faz eu me sentir.

– Diga-me.

– Você faz eu me sentir forte. Capaz. Desejada.

As mãos de Dex agarraram os seios cobertos de couro, os olhos fechando-se de prazer.

– Você sabe o que vou fazer você sentir agora, não sabe?

Zoe sorriu. Aprumando-se, ela arqueou as costas e arranhou o peito de Dex delicadamente.

– Prazer?

– Amor – prometeu ele.

Epílogo

Josie entrou saltitando na Vestida para Arrasar depois do almoço e quase tropeçou nas caixas de entrega empilhadas ao lado do balcão. Esfregando o tornozelo, ela tentou não fazer beicinho. Ai, não era possível que Carol as tivesse deixado ali para que ela as guardasse. Isso era normal. Mas significava que Tom já havia passado na loja. De novo. Enquanto ela estava fora. Era a quarta vez esta semana.

Ela chutou uma das caixas de papelão grosso. Será que ele a estava evitando? Ele tinha noção do horário de almoço dela. Ela dissera a ele em sua tentativa de fazer insinuações, esperançosa de que ele a convidasse para almoçar. E aí? Agora ele estava fazendo as entregas quando sabia que ela não estaria presente?

– Josie, pode dar baixa nestas devoluções? – perguntou Carol assim que entrou na loja.

– Claro – disse Josie sem entusiasmo.

– Espero que nosso entregador de sempre retorne em breve – disse Carol enquanto franzia a testa para a pilha de caixas, olhando por cima de seus óculos bifocais. – Ele é bom o suficiente para levar a entrega para o estoque. O motorista temporário recusou a fazer isso, dá para acreditar?

– Não foi o Tom que entregou estas? – O coração de Josie acelerou. Talvez ele não a estivesse evitando?

– Tom? Ele é o nosso cara de sempre? Não, aparentemente ele está treinando uma pessoa em uma rota diferente durante esta semana.

Com o coraçãozinho tranquilo, Josie sorriu e pegou o máximo de caixas que conseguia carregar. E ficou cantarolando uma canção feliz enquanto trabalhava.

Meia hora e uma Josie muito mais feliz depois, ela abriu o último traje devolvido e olhou para o manifesto. Era para ser uma fantasia de Betty Boop. Ela pegou o traje de couro de dominatrix e gemeu, sua melodia alegre morrendo. O que tinha acontecido? Então lembrou-se da confusão. Ela ficara tão atabalhoada ao achar que Tom estava flertando que enviara a fantasia errada. Carol ia acabar com ela.

Ela fez uma careta e jogou o couro de volta na caixa. Sabia que deveria estar preocupada, mas era difícil se importar. Tom de fato havia flertado com ela, graças àquele traje.

Então ela encontrou um envelope na caixa e franziu a testa. O pedido havia sido pago no cartão de crédito, então o que era aquilo?

Ela olhou para trás para certificar-se de que Carol não estava por perto, e abriu o envelope.

Vestida para arrasar:

Talvez você queira ser um pouco mais cuidadosa revendo as ordens de seus pedidos. A menos que Betty Boop tenha sido mais safadinha do que fiquei sabendo, este definitivamente não foi o traje que encomendei. Nenhum dano, no entanto. Na verdade, ele acabou por se revelar perfeito. Algo nessa coisa de vestir couro e carregar um chicote me estimulou a encontrar a dominatrix dentro de mim e assumir o controle da minha vida. Afinal, uma garota não pode se preocupar com o que os outros pensam dela de jeito nenhum quando ela está atraindo esse tipo de atenção. O que levou a um reencontro fantástico com meus ex-colegas de escola, um futuro totalmente novo e, bem, por mais bobo que possa parecer, ao amor verdadeiro.
Sendo assim, obrigada. E, ei, espero que traga tanta sorte para a próxima que alugá-lo quanto trouxe para mim.
Zoe Gaston

Josie sorriu. Bem, bem. Talvez aquele traje *pudesse* trazer mesmo um pouco de sorte a quem o vestisse. Ela olhou para o couro e resolveu talvez tentar algo um pouco mais contido. Talvez uma roupa de odalisca ou de princesa espacial? Tinha uma fantasia ótima de Marilyn Monroe ali, em algum lugar. Qualquer

coisa, menos a fantasia fofinha de coelhinho. Josie olhou ao redor da loja e deixou sua imaginação tomar conta.

Ah, sim, agora havia um plano. Ela ia começar exibindo a mercadoria. Tom não ia nem se dar conta do que o atingira.

flor da pele

DANCER

KELLI IRELAND

– Senhoritas, preparem-se para um verdadeiro deleite. – A voz do mestre de cerimônias, grave e sombria, arrastou Grace de seu devaneio e fez o falatório da multidão se transformar num burburinho ansioso. – Parece que um favorito das garotas da Beaux Hommes resolveu revelar um novo alter ego esta noite, e ele vai escolher uma sortuda para ajudá-lo na apresentação.

– Eu me pergunto se Nick entenderia caso eu me oferecesse – murmurou Meg.

Grace riu, observando enquanto o holofote varria a multidão. Havia muitas mãozinhas no ar, a mulherada acenando como toureiros enlouquecidos diante de touros bravos enquanto tentavam atrair a atenção do apresentador. Grace balançou a cabeça e se abaixou para pegar a bolsa. Com ou sem álcool, mais um drinque cairia bem para refrescar. E ela poderia muito bem comprá-lo enquanto estivessem preparando a entrada do próximo dançarino.

O ar farfalhou ao redor dela quando o dono de sapatos pretos envernizados parou na frente de sua cadeira. Grace congelou. Uma colônia forte e almiscarada fez cócegas em seu nariz. Os holofotes apontaram para ela, e Grace jurou estar sob o sol do meio-dia.

Um dedo áspero da mão laboriosa se pôs sob o queixo dela e o levantou delicadamente.

Aquilo não estava acontecendo. Ela não queria ser escolhida para ajudar o policial ou o cozinheiro ou o mágico ou o que quer que o stripper fosse

representar quando tirasse a roupa. Ela só queria admirar o show. E dar gorjetas. E admirar um pouco mais. Mas fazer parte do ato? Não.

Apesar de sua resistência, Grace inclinou a cabeça para trás e absorveu a figura lentamente. Os olhos percorreram um corpo alto e rijo. O sujeito a incitou a se levantar, até que ficassem frente a frente. Uma pressão sutil incentivou-a a encontrar o olhar dele. O choque a fez prender a respiração.

Sobrancelhas escuras arqueavam-se elegantemente acima de olhos azuis-claros com rajadas de azul-marinho. Os cílios eram tão espessos que Grace quase o odiou por isto. Quase. O queixo era cinzelado. A forma como o cantinho da boca erguia-se deixava claro que ele sorria regularmente, e Grace teve a estranha vontade de ver aquele sorriso. Não o sorriso de palco, mas o genuíno. O lábio inferior era carnudo, feito para mordiscar, e superior tinha um arremate perfeito em formato de coração. Ela não conseguia parar de olhar para aquela boca. Sempre fora desse jeito com ele.

– Justin Maxwell – sussurrou ela. O único homem no mundo que ela desejava em todos os aspectos. O único homem fora de seu alcance durante três anos. Todas as células do corpo dela se aqueceram até lhe arrematar a nuca com uma fina camada de suor. Grace lambeu os lábios quando voltou a respirar. Como ele poderia estar ali? Esta noite? Por quê? E por que ele não podia estar vestindo mais roupas?

Ele meneou a aba do chapéu num cumprimento, ajeitando-o num ângulo pretensioso.

– Preciso que você venha comigo, srta. Cooper.





Edições mensais com duas histórias da mesma saga.

A DINASTIA DOS LASSITERS

HERDEIROS EM DISPUTA PELA LIDERANÇA DE UM IMPÉRIO SÃO ARREBATADOS POR PAIXÕES INUSITADAS!

LEIA O PRÓLOGO GRÁTIS!



Disponível gratuitamente em formato eBook até 01/06/2015 no endereço www.leiaharlequin.com.br

HARLEQUIN

Paixão

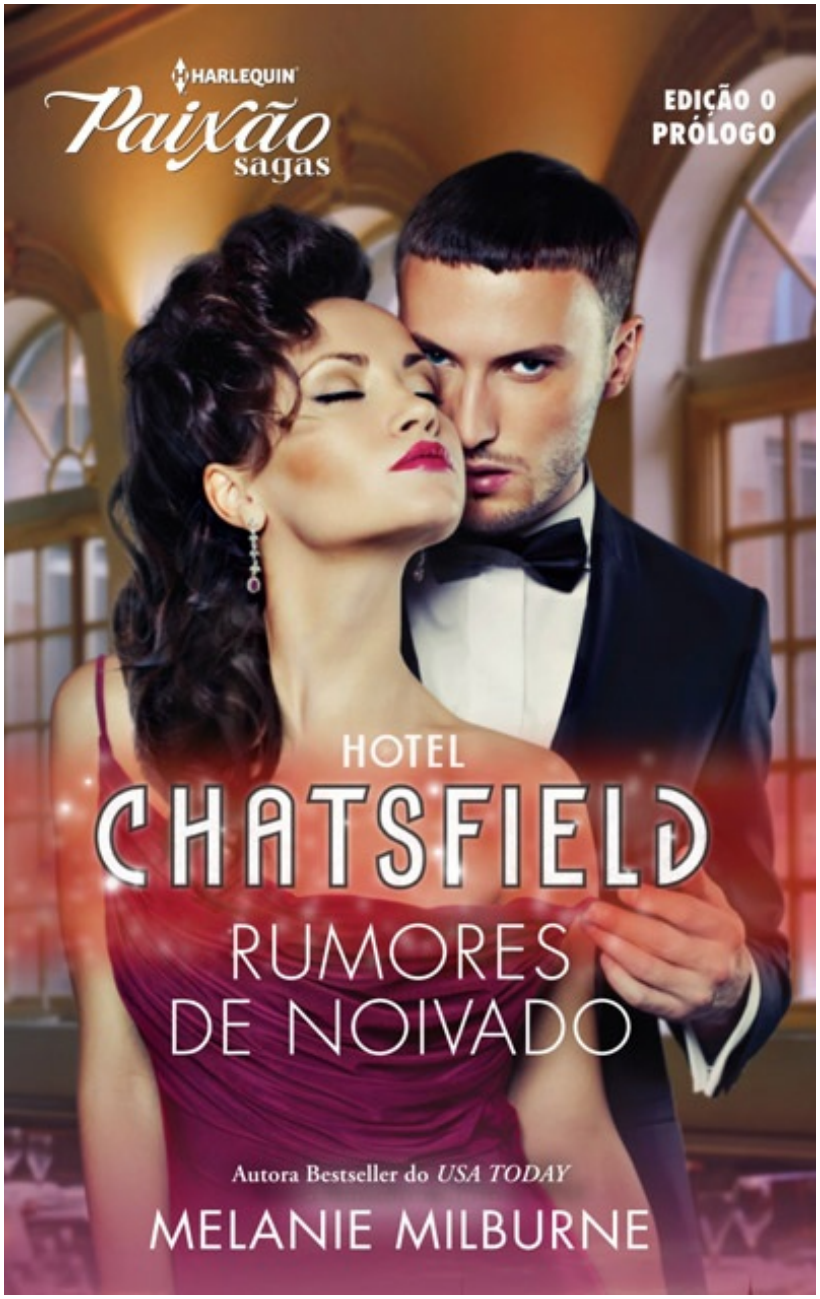
sagas

HOTEL

CHATSFIELD

SOFISTICAÇÃO, DESEJO...
E ESCÂNDALOS!

LEIA O PRÓLOGO GRÁTIS!



Disponível gratuitamente em formato eBook até 01/06/2015 no endereço www.leiaharlequin.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W383d

Weber, Tawny
Dominatrix [recurso eletrônico] / Tawny Weber; tradução Fernanda Lizardo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2015.
recurso digital: il.

Tradução de: Feels like the first time
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-398-0874-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Lizardo, Fernanda. II. Título.

15-22103

CDD: 823
CDU: 821.111-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: FEELS LIKE THE FIRST TIME!
Copyright © 2009 by Tawny Weber
Originalmente publicado em 2009 por Harlequin Blaze

Arte-final e projeto gráfico de capa:
Ô de casa

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa
Texto de capa
Teaser
Querida leitora
Rosto
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Epílogo
Próximos lançamentos
Créditos